



Marta Filipa Cardoso Lourenço

O SERVIÇO EDUCATIVO NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

Relatório de Estágio em História da Arte, Património e Turismo Cultural, orientado pela Sra. Professora Doutora Maria Luísa Pires do Rio do Carmo Trindade, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016

Faculdade de Letras

O SERVIÇO EDUCATIVO NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	O SERVIÇO EDUCATIVO NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA
Autor/a	Marta Filipa Cardoso Lourenço
Orientador/a	Maria Luísa Pires do Rio do Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte, Património e Turismo Cultural
Área científica	História da Arte
Data	2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho, representa o final de uma importante etapa na minha vida, que apenas foi possível graças ao apoio de várias pessoas, às quais deixo os meus agradecimentos.

À Doutora Maria Luísa Pires do Rio do Carmo Trindade, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por me ter orientado em todo o meu percurso académico. Agradeço especialmente todo o interesse e apoio prestado, pelo tempo dispensado e disponibilidade, mas também pela ajuda proporcionada aquando da escolha do local de estágio, tendo feito os possíveis para que esta experiência se desenrolar-se da melhor maneira.

À Doutora Catarina Cunha Leal, e equipa do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pelo acolhimento e confiança dada desde do primeiro momento.

Agradeço ainda, aos meus pais por todo apoio, e por me terem proporcionado a realização desta e todas as etapas importantes da minha vida. Ao Telmo Matias, que acompanhou e ajudou durante todo o processo. Aos meus colegas e amigos que de diferentes formas fizeram parte o meu percurso académico.

Resumo

No âmbito do estágio curricular do Mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizado entre Setembro de 2015 e Março de 2016, no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, tutelado pela Direção Regional da Cultura do Centro, foi proposto um estudo sobre o funcionamento do Serviço Educativo e o impacto da divulgação em instituições culturais.

A escolha deste tema assentou no facto de as minhas funções dentro da instituição, se concentrassem maioritariamente no Serviço Educativo da entidade de acolhimento.

Neste relatório, começo por fazer uma breve contextualização histórica do monumento e espaço museológico, e uma análise sobre o modo de funcionamento, das suas valências e gestão levada a cabo pela DRCC.

Posteriormente elabora-se uma reflexão sobre o papel do Serviço Educativo e a importância de um Departamento de divulgação em instituições culturais. Esta reflexão vai servir de ponte para uma exposição detalhada da situação do Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e as mudanças sofridas desde da sua abertura até à atualidade.

O relatório conclui com a memória descritiva das atividades levadas a cabo ao longo dos seis meses, e da proposta de actividade programada por mim e pela outra estagiária, Beatriz Barroca.

Abstract

For the curricular internship in the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra's Master Degree in History of Art, occurred between October 2015 and Mars 2016 in Monastery of Santa Clara-a-Velha, supervised by the Regional Direction of Coimbra's Culture, it was proposed a study about the functioning of the Educational Service and the impact of divulgation in cultural institutions. I made the choice of this theme based on the fact that my functions inside the institution, concentrated mainly in the Educational Service of the host entit.

In this report, i begin by making a brief historical contexto of the monumento and museum space, and an analysis of how it operates, its strengths and management carried out by the DRCC.

Afterwards, a reflection is made on the role played by the Educational Service and the importance of a Department of dissemination in cultural institutions. This reflection will serve as a bridge to a detailed exposition of the situation of the Educational Service of the Monastery of Santa Clara-a-Velha, and the changes suffered from its opening up to the present time.

The report concludes with the descriptive report of the activities carried out over the six months, and the activity proposal programmed by myself and the other intern, Beatriz Barroca.

Índice

Introdução	6
Capítulo I - O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	9
1 - Um breve contexto	9
2 - O complexo museológico na atualidade	12
3 - O percurso expositivo	14
3.1 - Percurso Interior	14
3.1.1 - Exposição	14
3.1.2 - Exposição Temporária	16
3.2 - Percurso Exterior	17
3.2.1 - Memorial à Água	17
3.2.2 - Paço Real	17
3.2.3 - Horta Monástica	19
3.2.4 - Igreja	19
3.2.5 - Claustro	21
4 - O mosteiro e o rio na atualidade: as inundações de 2016	24
5 - O Mosteiro: gestão quotidiana	26
5.1 - Pontos fortes:	26
5.2 - Pontos Fracos:	27
6 - Gestão Interna	30
6.1 - Direcção Regional da Cultura do Centro	30
6.2 - Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	32
Capítulo II- Serviços Educativos	35
1- Serviços educativos: uma breve amostra de boas práticas	38
1.1 - Museu Nacional de Arte Antiga	38
1.2 - Serralves	40
1.3 - Rede de Castelos e Muralhas do Mondego	43
1.4 - Mosteiro de Santa Maria da Vitória	46
2 - Divulgação/marketing	50
2.1 - Divulgação no Mosteiro:	51
2.2 - Divulgação em instituições culturais:	53
2.3 - Impacto geográfico:	56
3 - Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	59
3.1 - Atividades do Serviço Educativo	60
Capítulo III - Atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio	73

Capítulo IV - Proposta de atividade	81
Considerações finais	86
Bibliografia	87
Anexos	92

Introdução

O presente relatório é o resultado do estágio curricular, integrado no mestrado de Historia da Arte, Património de Turismo Cultural, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Com uma duração de seis meses, decorreu entre 24 de Setembro de 2015 e 30 de Março de 2016, sendo prolongado em alguns dias, nos meses de Abril e Maio, para conclusão e monotorização das atividades propostas e desenvolvidas na Instituição.

A escolha desta Instituição para a elaboração do estágio decorreu do interesse em conhecer em profundidade uma instituição cultural e museológica relevante no panorama local e nacional. O facto de o "Mosteiro" integrar no seu todo, um monumento em ruína de enorme interesse patrimonial e artístico e uma dependência contemporânea - o centro interpretativo - do século XXI¹, suscitou uma enorme curiosidade em compreender o funcionamento global de uma instituição desta natureza, sendo o principal objetivo o conhecimento e a experiência prática conseguida de forma transversal a todos os sectores que compõem a instituição, tanto os abertos ao público, como os internos, e que permitem o seu funcionamento nas mais diversas vertentes. Práticas de divulgação, exposição, comunicação, a interação com a hierarquia e os institutos responsáveis pela salvaguarda, as relações entre os organismos centrais e locais, as necessidades humanas e materiais, as dificuldades e as limitações, enfim, interessavam, potencialmente, todas as matérias convocadas na gestão quotidiana de uma instituição com o espaço e as dependências que caracterizam o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e o seu papel social.

Foi feito e apresentado um plano de estágio que ia ao encontro desta expectativa.

Logo num primeiro momento se percebeu que o estágio teria de passar também por uma componente propositiva, em resposta a alguma necessidade premente. O que foi identificado ao nível da divulgação e na falta de recursos no sector. Assim, a par da compreensão geral da instituição, foi sugerido o desenvolvimento de um sítio em linha informativo², a elaboração de uma *mailing list*, a distribuição de materiais comunicacionais na cidade a partir de *flyers* e *outdoors* e a criação de uma rede de distribuição de postais pelos locais turísticos de Coimbra, sejam outros monumentos, sejam Pontos de Turismo de Coimbra, por forma a incentivar a população local e os visitantes a descobrir um dos mais importantes Monumentos Nacionais.

¹ Classificado como Monumento Nacional desde do ano de 1910, foi sujeito a um concurso internacional de recuperação e valorização patrimonial. Como resultado deste concurso, ganho pelo Ateliê 15, foi implementado um novo edifício que viria a albergar o atual Centro Interpretativo, que se encontra em funcionamento desde do ano de 2009.

² O Mosteiro e Santa Clara-a-Velha não possui sítio em linha informativo próprio, sendo apenas possível encontrar informação sobre determinados acontecimentos a acontecer no mesmo, no sítio em linha da Direção Regional da Cultura do Centro, que não se encontra atualizado.

As necessidades imediatas da instituição e o normal fluir da agenda, todavia, muito rapidamente, colocaram em causa a prossecução do referido projeto: o facto de, na altura do início do estágio, se encontrar em preparação a Feira do Património, agenda para os dias 9, 10 e 11 do mês de Outubro, tornaram necessária a atenção e empenho de todos os refetivos disponíveis.

Simultaneamente decorriam as Jornadas Europeias do Património, onde a participação ativa de todos surgia igualmente como prioritária.

Alguns meses depois, a invasão das águas do Mondego e os estragos que estas provocaram, obrigaram de novo a que toda a equipa se concentrasse na rápida limpeza e tratamento que o Monumento e o seu espólio exigia. A urgente necessidade de reabrir o Mosteiro ao público tornou-se a prioridade absoluta para os técnicos permanentes, sendo-me pedido, em cooperação, o assegurar da área onde mais tinha colaborado desde o início do estágio: o Serviço Educativo.

Não parecendo, à data, estar claramente definido quem era o responsável por este departamento, a missão, programação, recursos humanos e financeiros necessários, mas sabendo que até há pouco tempo atrás o mesmo tinha funcionado de forma dinâmica e criativa, surgiu a questão de tentar perceber o percurso recente e as causas que levaram a que tal serviço fosse alvo de um inquestionável desinvestimento.

Como uma nova problemática entre mãos, foi necessário redirecionar o enfoque do estágio para um novo serviço, tentando colocar algumas questões concretas e orientadoras: o que já foi feito? a que público-alvo se dirige um Serviço como este? quais as iniciativas praticadas em outros locais museológicos congéneres na cidade de Coimbra? e a nível Nacional?

O primeiro passo era, por isso, a recolha de documentação relativa aos Serviços Educativos de Instituições museológicas Portuguesas, para o que se procedeu à elaboração de um questionário aos museus de Coimbra, aos museus tutelados pela DRCC, aos museus que deixaram de fazer parte desta rede de Museus, e ainda aos museus distribuídos por Portugal, e que de alguma forma poderiam contribuir para o enriquecimento do conhecimento deste Departamento. Simultaneamente seria necessário o levantamento das atividades já realizadas no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

A análise de todas estas componentes e a deteção de alguns pontos cruciais, quer pelo potencial, quer pelas sinergias que permitem em torno de outras instituições da cidade, esteve na base da elaboração de uma proposta de atividade, com o objetivo de criar uma ligação entre duas instituições, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, abrindo portas para uma futura colaboração entre as duas.

Assim, o seguinte relatório encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira é feita uma breve contextualização e caracterização do Mosteiro, descrevendo a constituição interna do mesmo.

A segunda parte tem como foco o Serviço Educativo. Depois de uma pesquisa bibliográfica, é desenvolvido um capítulo onde o conceito e a evolução deste sector servem como introdução para a análise e a comparação de SE de diferentes monumentos e museus nacionais.

Num terceiro momento é feita a descrição das atividades desenvolvidas ao longo dos seis meses de estágio, com especial enfoque para a proposta apresentada, realizada e monitorizada, temática que constitui a última parte do presente relatório.

Capítulo I - O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

I - Um breve contexto

Com mais de 700 anos de existência, Santa Clara-a-Velha constitui um dos mais importantes conjuntos monásticos da cidade de Coimbra, espelho de histórias e vivências da comunidade religiosa que nele habitou, mas também de figuras marcantes da História de Portugal, com destaque para D. Isabel de Aragão — a Rainha Santa — que definitivamente o fundou e aqui se fez sepultar.

Suscitando grande interesse por parte de investigadores de diferentes áreas, foi alvo de vários estudos, sendo um dos mais importantes, pelo seu fôlego, a dissertação de doutoramento de Francisco Pato Macedo, intitulada *Santa Clara-a-Velha de Coimbra: Singular Mosteiro Mendicante*. Filipe Simões, António de Vasconcelos, António Nogueira Gonçalves, Paula Figueira Pratas e Artur Corte Real são outros autores que dedicaram importantes trabalhos ao mosteiro, a que se junta a mais recente obra *Monografia Mosteiro de Santa Clara de Coimbra*³.

Para além do lugar de destaque que ocupa no âmbito da arquitetura gótica mendicante em Portugal, sendo um dos poucos templos completamente abobados, outros aspetos tornam o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha emblemático: a sua ligação à figura da Rainha Santa, já anteriormente referida, bem como a sua estreita relação com as águas do Mondego, que ainda nos dias de hoje teimam em não abandonar a ruína. O mosteiro constitui a oportunidade de viajar no tempo, percorrendo e descobrindo as dependências de um conjunto monástico singular, como o apelidou Francisco Pato de Macedo.

As constantes invasões do Mondego obrigaram a comunidade de Clarissas a abandonar este local em 1677. Desde então, e até aos finais do século XX, permaneceu praticamente submerso por sedimentos e água. Apesar dos mais de 300 anos que esteve debaixo de água, a igreja conseguiu manter a sua integridade arquitetónica, a par de um muito significativo espólio arqueológico.

Classificado como Monumento Nacional no início do século XX, foi alvo, no decorrer do Estado Novo e pelas mãos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) de uma grande campanha de restauro e valorização, tornando o piso superior do edifício visitável. A campanha, integrada num extenso programa de restauro dos mais importantes monumentos nacionais, de acordo com a ideologia de exaltação da história e personagens da Nação, e seguindo a teoria de restauração defendida por Viollet-le-Duc pretendeu “*recuperar e dignificar este espaço*” para o que “*foram destruídas as adulterações decorrentes do aproveitamento do local como quinta agrícola e de criação*”

³ As referências completas dos principais estudos realizados sobre o mosteiro podem ser consultadas na bibliografia no anexo I.

*de animais, nomeadamente, a eira, os currais e o celeiro construídos dentro e ao redor da igreja (...)*⁴(Dias, 1994, p.87).

No ano de 1989 o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) lançou o “*Concurso de ideias para a valorização e recuperação da igreja de Santa Clara-a-Velha*”, onde é proposta a permanência de água no piso inferior, fazendo com que as visitas se realizassem através de uma grelha metálica. Em 1995, o início dos trabalhos arqueológicos, todavia, detetaram a sobrevivência de importantes estruturas do claustro, obrigando a rever o projeto e levando à desistência, após longa discussão, da permanência da água. Até 2000, desenrolou-se um complexo processo de escavações, colocando o claustro e a igreja a descoberto. Para que isso acontecesse, foi necessária a implementação de duas bombas de submersão em catorze furos de captação (Côrte-Real, 2009, p77).

Já sob alçada do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), herdeiro e sucessor do IPPC, os trabalhos prolongaram-se por mais de uma década. Este projeto contou com a participação de técnicos e investigadores das mais diversas áreas, da Engenharia à História da Arte, por forma a obter um conhecimento global do monumento e do tipo de conservação adequada a este.

O projeto foi desenvolvido em três fases:

1^a- A campanha de arqueologia, desenvolvida entre os anos de 1995-1996, foi levada a cabo em paralelo com o constante bombeamento da água, desimpedindo o espaço da igreja e deixando a descoberto o que sobrara do claustro e dos edifícios em redor deste.

2^a- O valor desta descoberta foi ponto de discórdia. Questionou-se se o monumento deveria ser mantido seco ou se deveria ser devolvido ao estado de submersão. No final, a decisão recaiu por deixar o monumento exposto, a seco. No ano de 1998, os estudos geológicos e de engenharia determinaram levar a cabo a construção de uma cortina de contenção periférica em profundidade, com o intuito de preservar toda a área arqueológica (15.463 m²) das invasões das águas do Mondego. Depois de concluída, era possível avançar para o terceiro e último passo.

3^a- A última fase consistiu no lançamento de um novo concurso, com o objetivo de criar um projeto de valorização do mosteiro e terrenos envolventes. Esta fase passou pelo restauro da ruína, pela construção de circuitos e acessos (possibilitando a visita aos espaços), e pela construção de um novo edifício, o Centro Interpretativo, objetivando a conservação e exibição museológica de material recolhido pelos arqueólogos durante as escavações. A construção deste Centro Interpretativo, teve por objetivo, de acordo com Artur Corte-Real, “*evitar a criação de barreiras de acesso intelectual, cultural ou etário, no sentido de cumprir o objetivo maior de democratizar a cultura*” (Corte-Real, 2009, pag.80).

A campanha arqueológica realizada, nas condições específicas que o ambiente semiaquático acarretava, constituiu uma das maiores intervenções em arqueologia medieval feitas no continente Europeu, pondo a descoberto

⁴ Dias, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa, ed. Estampa, 1994, p. 87.

uma das mais valiosas heranças do gótico Português e uma coleção avultada de artefactos datados do século XIV ao século XVII.

O projeto desenvolvido pelos arquitetos do Ateliê 15, Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernández e Luís Urbano, galardoado como o Prémio Municipal de Arquitetura Diogo de Castilho, trouxe de volta à vida um monumento histórico há muito escondido, a partir de 18 de Abril de 2009 restituído à sociedade, encontrando-se em funcionamento desde então.

2 - O complexo museológico na atualidade

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha situa-se na Rua das Parreiras, freguesia de Santa Clara no município de Coimbra, e é um dos locais de passagem obrigatórios para todos quantos visitem a cidade. Idealmente, vê-lo-á também para os residentes.

Com o Centro Interpretativo em destaque dentro da antiga cerca do mosteiro, os arquitetos do Ateliê 15 desenvolveram uma experiência de descoberta do local. Na aproximação ao edifício, ligeiramente elevado, conseguimos ter um breve vislumbre da igreja. Após a subida da rampa tem-se acesso à receção, espaço envidraçado onde, uma vez mais se descobre a igreja, agora com maior amplitude. A escolha do local, a forma e materiais utilizados na construção, foram meticulosamente pensados. Com uma vista panorâmica, os visitantes são confrontados com a ruína de forma crescente. Isto é, todo o percurso, desde a chegada ao local até à ruína propriamente dita, foi estudado e estruturado, para que o monumento se revele progressivamente, proporcionando ao visitante com uma experiência visual forte. Tal é reforçado pela existência de um miradouro, a partir do qual é possível observar um quadro explicativo da ruína e contemplar a igreja bem como todas as suas dependências.

Uma vez dentro do novo edifício e para além da receção já referida, encontra-se a loja e a cafetaria⁵ última, concessionada à Quinta das Lágrimas, é um local particularmente aprazível, permitindo aos visitantes desfrutar de uma paisagem privilegiada, com a Universidade ao longe, ou usufruir da vista para o relvado, com o espelho de água sob os pés e a Igreja a encerrar o horizonte. Complementa a hipótese de refeições mais ou menos rápidas com a possibilidade de degustação da doçaria conventual, lembrando a comunidade que aqui habitou.

Contígua à cafetaria e aberta para a receção, encontra-se a loja. Neste espaço, e seguindo a política de *merchandizing* posta em prática pelo IGESPAR no decorrer das duas últimas décadas, são comercializados os mais variados produtos, desde livros sobre a história do Mosteiro, da Rainha Santa e da cidade de Coimbra aos produtos exclusivos do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como livros, material escolar, vestuário, acessórios, ourivesaria e recordações várias, para além de vinho e porcelanas.

Junto ao espaço da cafetaria e loja, encontra-se o auditório (com capacidade para 54 lugares), integrando já o percurso do Centro Interpretativo, uma vez que aí é exibido o filme explicativo da fundação e história do Convento. Nesse mesmo espaço são levadas a cabo palestras e conferências de diferentes áreas com um papel fundamental na dinamização do conjunto monástico, pelo público que atraem⁶.

⁵ Fotografias em anexo II.

⁶ Apenas a título de exemplo, elencamos as que foram realizadas durante o período do estágio: "Todos a Compostela!" por Doutor Manuel Castiñeiras; Comunidade e Memória - Vida e morte entre as Clarissas de Santa Clara-a-Velha pela Doutora Eugénia Cunha e Doutor Francisco Curate; "O Mosteiro Velho foi ao Médico" pelo Doutor Henrique Carmona da Mota; "A Morte na Arte Ocidental - entre a luz e a escuridão, entre a ocultação e a preservação da memória" da Doutora Maria José Goulão; (Informação e cartazes em anexo III)

Ainda na receção encontra-se exposta a programação cultural e um ecrã onde se pode observar uma modelação virtual. Contempla ainda o espaço de bengaleiro, WC, salas de exposição, e uma zona restrita a funcionários com gabinetes, biblioteca, arquivo, reserva de espólio e salas de restauro.

O custo para visitar o espaço é de 4 euros para adultos; 2 euros para estudantes e seniores com mais de 65 anos, assim como para grupos e famílias. Crianças com menos de 12 anos estão isentas e, no primeiro domingo de todos os meses, a entrada é gratuita a todos. O mosteiro encerra às segundas-feiras, dia 1 de janeiro, domingo de Páscoa, dia 1 de Maio e 25 de Dezembro. O horário de funcionamento é das 10h às 19h de Maio a Setembro e das 10h às 18h de Outubro a Abril, sendo possível visitar as dependências até 45 minutos antes da hora de encerramento.

O Mosteiro realiza visitas guiadas e temáticas, sendo apenas necessário a marcação prévia das mesmas. Para quem pretenda uma visita autónoma, a instituição oferece áudio-guias em quatro línguas: português, espanhol, inglês e francês. Grande parte desta informação pode ser encontrada no sítio em linha do Turismo de Coimbra e na página de *facebook* do Mosteiro⁷.

Todo o percurso visitável é adaptado a pessoas com problemas de locomoção, estando disponível uma cadeira de roda para quem necessite. O piso superior da igreja é o único espaço que não se encontra preparado a esse nível.

⁷ <https://www.facebook.com/mosteiro.santaclara.a.velha/>

3 - O percurso expositivo

O percurso de visita inicia-se no auditório, pelo visionamento de um pequeno filme explicativo da Ordem religiosa que ali viveu, intitulado *De Assis a Coimbra: Vida e Morte de um Mosteiro*, da autoria de Catarina Mourão, com a duração de cerca de quinze minutos. Segue-se a exposição permanente “Freiras e Donas de Santa Clara” onde encontramos objetos do dia-a-dia da comunidade e a explicação da história da sua fundação e refundação, bem como do funcionamento interno de um mosteiro feminino de clausura, para o que contribui a exposição de uma maquete do complexo, recriando a configuração do espaço, arquiteturas e vivências, à Época Medieval. Seguindo para o exterior é possível ver o (pouco) que resta do Paço da Rainha, (local que fazia ligação com o Hospício), bem como uma recriação da Horta Monástica, que inclui parte substancial dos diferentes produtos cultivados pelas clarissas e, finalmente, a igreja e claustro do antigo Mosteiro.

3.1 - Percurso Interior

3.1.1 - Exposição

Antes de entrar na exposição permanente os visitantes podem observar em detalhe a representação que Pier Maria Baldi fez da cidade de Coimbra no século XVII e cujo original pertence ao acervo da Biblioteca Laurenziana, em Florença⁸. Ampliado e devidamente iluminado, fornece um importante contexto espacial, permitindo recuperar o que seria a imagem da cidade em torno de 1670, sobretudo na relação que estabelecia entre o espaço muralhado — ocupando a colina central e preenchido por denso casario pontuado por igrejas e o edifício da Universidade — e o arrabalde de Santa Clara, com um pequeno núcleo de casas em torno do mosteiro das clarissas. (Figura-I, anexo III)

A Exposição “Freiras e Donas de Santa Clara” encontra-se dividida por temas e é apoiada por suportes audiovisuais e painéis de interpretação. Através de uma narrativa que se pretende acessível a um público amplo e generalista, caracterizam-se os principais momentos da vida e morte da comunidade. Recurso material de grande importância, sobretudo para o público mais jovem, é a maquete do Mosteiro, já anteriormente referida, onde se consegue situar todos os espaços que faziam parte deste, bem como do espaço envolvente (Adro, Igreja, Dormitório, Claustro, sala do Capítulo, Paço da Rainha, Hospício, segundo Claustro, cerca do Mosteiro, Burgo, Mosteiro de Santa Ana e Mosteiro de São Francisco).

⁸ Integrando o séquito de Cosme III de Médicis, Pier Maria Baldi, pintor e arquiteto florentino, esteve em Portugal de inícios de Janeiro a finais de Fevereiro de 1669. Lorenzo Magalottli, *Viaje de Cosme de Médicis por Espanha y Portugal (1668-1669)*, edición y notas por Angel Sánchez Rivero y Angela Mariutti de Sánchez Rivero, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1933. Sobre a representação de Coimbra veja-se *Viagem de Cosme de Médicis a Coimbra no Século XVII*, coord. Berta Duarte; Raquel Magalhães, Coimbra, Câmara Municipal, 2008.

Tematicamente, a exposição organiza-se da seguinte forma:

1º. A primeira sala, a **Fundação**, como o próprio nome indica, explica a história das fundadoras do mosteiro. Nesta sala encontram-se peças como o Dragão, retirado do tanque central do claustro (símbolo do demónio domesticado), bem como um túmulo com Cristo jacente (após a crucificação) e a figura de Nicodemus (que segura os cravos da crucificação) à esquerda e José de Arimateia (que sustém o sudário de Cristo) à direita. Ainda neste espaço existem alguns exemplos de vestuário e objetos de uso pessoal como as figas em azeviche (refira-se como a figa sêxtupla é o único exemplar conhecido desta tipologia a nível mundial) e várias medalhas. (Figura- 2 e 3, anexo III)

2º. A segunda sala, sob o tema da **Devoção**, incide sobre o dia-a-dia das irmãs Clarissas depois de ingressarem no mosteiro, encontrando-se neste espaço a explicação da Regra e exemplos das contas de rosários e terços utilizados na oração, assim como muitos mais objetos encontrados nas escavações (Figura- 4, anexo III).

3º. O terceiro tema, intitulado a **Comunidade**, dá-nos a conhecer a hierarquia de um mosteiro, da Abadessa às criadas e escravas. Expõem-se algumas loiças brasonadas e porcelanas chinesas utilizadas pelas senhoras nobres que ingressaram no Convento. (Figura- 5, anexo III)

4º. O núcleo **Ocupação**, ilustra a vida em clausura, com destaque para alguns objetos icónicos como os cadeados e chaves que trancavam a grade da comunhão, impedindo o contacto com o mundo exterior (Figura- 6 e 7, anexo III).

5º. Sob o lema da **Administração**, percebe-se como era feita a gestão económica do espaço, através dos contratos de aforamento, de arrendamento e de emprazamento, dos dotes em dinheiro pela admissão de novas freiras, etc. Objetos de grande interesse são a arca e as moedas expostas (Figura- 10 e 11, anexo III).

6º. A **Alimentação**, é explicada pela simulação da mesa de refeições, com todo o espólio arqueológico encontrado, como pratos, talhares, copos, jarras, etc. Relata o jejum e a abstinência bem como o tipo de alimentos que a comunidade ingeria (Figura- 12, 13 e 14 anexo III).

7º. Segue-se uma secção dedicada ao **Corpo**, onde o discurso expositivo se constrói a partir dos instrumentos de higiene pessoal. É complementado por algumas iluminuras relacionadas com o conhecimento do corpo humano, doenças e tratamentos existentes na época (Figura- 15 e 16 anexo III).

8º. A última etapa da visita versa a **Morte**, dando a conhecer as principais causas dos óbitos bem como a esperança média de vida. Algumas tampas tumulares bem como um esqueleto foram deslocadas do espaço do claustro para a sala de exposição (Figura- 17 anexo III).

3.1.2 - Exposição Temporária

No interior do edifício, o percurso é rematado pela sala de exposições temporárias, onde decorrem mostras várias, não necessariamente relacionadas com a temática do complexo monástico o que de alguma forma diversifica os interesses e públicos. Durante o período de tempo relativo ao estágio, ocorreram neste espaço as seguintes exposições (Fotografias em anexo VIII)

- “Cadernos e Memórias- Diários de viagem de Eduardo Salavisa” (integrada na Feira do Património);
- “De Um Lado e Do Outro”, esculturas de Elsa Gonçalves e Pedro Fazenda;
- “Procurar um país - 30 anos em viagem”, com fotografias de Duarte Belo;
- “Vestígios” obras de Luís Fernandes.

As exposições que aqui decorrem podem ser propostas aos artistas pelo Mosteiro de Santa Clara ou, em alternativa, serem da iniciativa dos artistas que para o efeito contactam a Direção Regional da Cultura do Centro (DRCC).

3.2 - Percurso Exterior

3.2.1 - Memorial à Água

Fora do Centro Interpretativo encontramos, à nossa esquerda, o Memorial à Água (Figura- I, anexo IV). Este espaço foi inicialmente utilizado para a exibição de um filme documentário explicativo sobre o motivo de abandono do convento por parte da comunidade religiosa que ali habitou até ao século XVII. Neste momento e de acordo com informação veiculada por funcionários do Mosteiro, encontra-se fechado ao público por dificuldades técnicas e pela necessidade de ser utilizado esporadicamente para a realização de atividades desenvolvidas pelo mosteiro que não possam ser desempenhadas em outros espaços. Durante o estágio, o local foi ocupado no decorrer da Feira do Património com as *Innovation Point*, bem como por atividades desenvolvidas pelo serviço educativo, caso das Oficinas “Isto são coisas de Fantoches!” e “Julião feito à Mão”.

No período de tempo compreendido entre 11/2/2016 e 10/3/2016, a atividade “Aprendendo no Mosteiro” passou a ser realizada no Memorial à Água, uma vez que o local habitualmente ocupado para o efeito, a Casa do Paço, se encontrava interdito devido às inundações de 2016.

3.2.2 - Paço Real

Prosseguindo pelo passadiço, sobre o lado direito, observamos o que resta do antigo Paço da Rainha Santa Isabel, edifício construído a mando de D. Isabel de Aragão para aqui se recolher após a morte de D. Dinis, em 1325. Integrado na “revolução paça” sentida nos reinados de D. Afonso II e de D. Dinis, a construção de um paço real anexo ao mosteiro de Santa Clara por parte da Rainha vinda de Aragão corporizava igualmente a longa tradição hispânica de construções régias junto a mosteiros (Macedo, 2006, p. 857). Exemplo dessa tradição são as construções régias anexas aos mosteiros cistercienses de Santes Creus e Poblet, de clara influência na rainha pela sua ligação familiar com os monarcas patrocinadores das obras. Assim, pode afirmar-se que a decisão da Rainha dotar o mosteiro de Santa Clara com um edifício régio, recaía não só na sua devoção e espiritualidade, como também entroncava na sua herança aragonesa (Macedo, 2006 p. 859-860).

Depois de concluído um ano sobre a morte de D. Dinis, em 1326, a Rainha passou a residir definitivamente em Coimbra, aqui permanecendo nos 10 anos de viuvez. Ao que tudo indica, em 1327, ano do segundo testamento da Rainha, nem os edifícios monásticos nem os destinados à sua morada estariam concluídos. No ano seguinte, a propósito de um documento de doação de uma casa e vinha anexas ao mosteiro, D. Isabel de Aragão expressa a vontade de que o paço real só possa ser ocupado por membros da família real, mediante autorização do rei e da abadessa, garantindo

desta forma o carácter régio do monumento por si fundado. O desejo da rainha foi efetivamente cumprido e, durante mais de dois séculos, o local foi habitado por sangue real.

Em meados do século XIV foi ocupado por D. Pedro e D. Inês de Castro e por isso palco da execução da mesma, por ordem do monarca, a 7 de Janeiro de 1355⁹. Também neste local pernitoiu e casou (o paço dispunha de capela) a bisneta de Inês de Castro, D. Leonor de Aragão com o futuro rei D. Duarte, a par de muitos outros que por aqui passaram até meados do século XV, mais concretamente até ao ano de 1559 data do desmoronamento do paço (Macedo, 2006 p. 863-867).

Sabe-se que o paço da Rainha ficava situado junto ao muro nascente da cerca, sendo a sua localização marcada por duas janelas simples de arco apontado e arestas chanfradas, rasgadas no próprio muro da cerca, e único vestígio do edifício na atualidade. (Figura- 2, anexo IV)

É também sabido que a fachada principal ficava voltada à cidade, dotada de um “eirado” ou varanda com vista privilegiada para um pátio e para o rio Mondego. A documentação comprova igualmente a existência de uma torre, localizada a norte do edifício e contígua ao muro da cerca que, para além de símbolo de defesa, constituía marca de prestígio e poder, de acordo com o estatuto da proprietária. Nas imediações da torre existia um arco que estabelecia a ligação entre o paço e o hospício, também ele construído a mando da Rainha Santa Isabel (MACEDO, 2006. p.870).

O Hospício, adjacente e fronteiro ao Paço da Rainha, servia de abrigo e fornecia aos mais necessitados os cuidados médicos necessários bem como alimentação, vestuário e calçado. Disponha de duas alas, separadas por uma capela dedicada a Santa Isabel da Hungria, sendo uma das alas ocupada por quinze homens e a outra por quinze mulheres. Para admissão exigia-se uma idade mínima superior a 50 anos, pobreza, honestidade e bom comportamento. Sendo a capacidade média dos hospitais medievais muito reduzida, raramente excedendo a meia dúzia de pessoas, o hospício da Rainha Santa chegou a ser considerado como um dos maiores do reino. Terá ruído pela mesma altura do Paço Real, não restando qualquer vestígio físico da sua existência.

Na atualidade, a Casa do Paço, construção recente e localizada no espaço do antigo Paço Real, é o local usado pelo serviço educativo. Aqui encontra-se parte do material essencial para a realização de atividades e oficinas pedagógicas, sendo uma delas o “Aprendendo no Mosteiro”, anteriormente referido. (Figura- 3, anexo IV)

⁹ Episódio relatado pelo cronista Fernão Lopes e de grande interesse para a reconstituição do mosteiro. Lopes, Fernão (1965), *Crónica de D. Pedro*, cap. XLIV.

3.2.3 - Horta Monástica

Na zona central do Paço Real, o visitante encontra uma reconstituição do que seria a antiga Horta Monástica. Originalmente localizada paralelamente à Igreja, fazendo o remate da cerca do Mosteiro, aqui é possível ver o tipo de ervas e alimentos cultivados pela comunidade religiosa. (Figura- 4, anexo IV)

Durante a atividade “Aprendendo no Mosteiro” foram programadas iniciativas relacionadas com o espaço da Horta, ainda que a única efetivamente realizada fosse a construção de um Espantalho (Fotografias em anexo XIV)

À data em que o estágio estava a terminar e por ocasião das violentas inundações a que adiante faremos referência, este local foi um dos que mais atingidos uma vez que toda a zona da horta se encontra desprovida de muro de contenção que impeça a passagem das águas.

Sublinhe-se, todavia, que já antes das inundações a Horta Monástica se encontrava algo abandonada. O caminho de pedras coberto por relva ou as placas com os nomes dos legumes e plantas ilegíveis eram alguns dos aspetos que tornavam o local pouco apelativo ao público. Atualmente, o espaço está a ser intervencionado de modo a que estes pormenores sejam corrigidos e os visitantes possam usufruir de todos os espaços que lhes são apresentados.

3.2.4 - Igreja

A visita termina, ou culmina, com a ruína, ou seja, o claustro e a igreja, sendo possível visitar o interior do templo a partir de dois níveis: um correspondente ao pavimento original, outro erguido a mando das clarissas como forma de fugir às águas. Os cerca de 300 anos em que a igreja esteve submersa, deixaram marcas nas paredes e pilares, sendo ainda hoje possível perceber os diferentes níveis atingidos no decorrer dos séculos. (fotografia em anexo IV)

“... a igreja, lugar por excelência do culto e, por conseguinte, a mais expressiva, estável e predominante no conjunto dos edifícios do mosteiro, foi a única a resistir quase íntegra às seculares investidas do Mondego.” (Macedo, 2006, p.253).

Erguida numa linguagem gótica e estruturada em três naves e sete tramos e cabeceira tripla composta por uma abside poligonal de três panos e dois absidiolos, a igreja apresenta-se sem transepto e com a típica parede central que, nas igrejas femininas, separa a zona de acesso público (três tramos), da área restrita à comunidade religiosa (quatro tramos). Obra patrocinada por D. Isabel de Aragão, futura Rainha Santa, dispõe de nave central com abóbada de berço quebrado e laterais de cruzaria de ogivas apoiadas em mísulas que descarregam nos pilares, ao invés da usual cobertura de madeira usada pelas Ordens religiosas mendicantes, diferença a que não terá sido alheia a aprendizagem do Mestre Domingo Domingues em Alcobaça:

“...a igreja muito provavelmente planeada para suportar uma cobertura em madeira assente em arcos diafragma,..., foi adaptada para receber um abobadamento pétreo, o que a afastou das soluções típicas das igrejas construídas pelas ordens mendicantes e contribuiu para a sua singularização” (Macedo, 2006, p.298).

Na robusta parede central é possível observar vestígios da antiga grade da comunhão (símbolo e efetivação da clausura), que criava os dois espaços distintos, necessárias no caso de mosteiros femininos. Na mesma parede, encontramos ainda marcas de desgaste na pedra provocadas pelo uso da roda de madeira, agora descoberta, apresenta uma evidente relação funcional com o piso primitivo da igreja, tendo-se encontrado ativa até ao século XVII. Num mosteiro de clausura, a roda era um dos meios de comunicação com o exterior, facilitando a resolução de problemas e evitando a abertura das portas do mesmo. (Figura- 7 e 8 anexo IV)

A igreja, sagrada em 1330, foi sofrendo alterações ao longo dos séculos. A parede sul foi engrossada para permitir a colocação de uma caixa de escadas de acesso ao campanário e para a construção de uma câmara do tesouro (Macedo, 2006, p. 298). No século XV foi implantado na parede do tramo confinante com absidiolo sul, o túmulo de Isabel Coutinho, em arcossólio. Mas a grande mudança aconteceria no ano de 1331, depois da primeira grande invasão do rio Mondego. A vontade expressa pela Rainha Santa Isabel, a 2 de Janeiro de 1325, de envergar o hábito de clarissa e ser sepultada no mosteiro de Santa Clara, viria a ser um facto marcante na história deste mosteiro: “ *E mando soterrar o meu corpo em o meu Mosteiro de Santa Clara, e de Santa Isabel de Coimbra em o meogoo do coro*”¹⁰ (Vasconcelos, 1894, p.12-18). Assim, o seu túmulo foi colocado no centro da igreja e ali permaneceu até ao ano de 1369. Por forma a preservar o sepulcro de novas investidas do Mondego, a Rainha mandou construir ao fundo da igreja uma plataforma que se estendia pelas três naves e assentava em abóbadas de ogivas, do lado da igreja, e em três abobadas de berço, correspondente às três naves da zona do coro. Desta forma, foi feita uma capela e um coreto que comunicavam entre si por uma grade aberta na nave central, onde ficaria o túmulo da rainha com os pés voltados para o altar, constituindo, na opinião de António de Vasconcelos, uma “ *estranha particularidade architectonica*”¹¹ pelo facto de dentro do templo existir “ *outra igreja, pequena, e inteiramente distinta da principal*”, que comporta a particularidade de reproduzir a bipartição espacial daquela em que se inseria, passando a haver “ *em (n)a igreja duas igrejas e dous coros*”¹²(Macedo, 2006, p. 664)

¹⁰ A vontade de “soterrar” o seu corpo no meio do coro do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é expresso no Segundo e último testamento da Rainha, datado de 22 de Dezembro de 1327. Este documento encontra-se transcrito em Frederico Francisco de la Figanière, *Memórias das Rainhas de Portugal- D. Thereza-Santa Isabel, Lisboa, 1895* p.283-290, e em António de Vasconcelos, *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão esposa do rei lavrador D. Dinis (a Rainha Santa)* , volume 2, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894, p 12-18

¹¹ Vasconcelos, António, (1894) *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão...*, vol.I, pág. 160

¹² Vasconcelos, de António, (1921) *Vida e Milagres*, Coimbra, p. 1348

No século XVI o complexo monástico viria a sofrer novas alterações, agora de ordem estética. Um revestimento de azulejos hispano-árabes cobriria a abside e absidiolos, ocultando as passagens existentes entre eles, bem como partes do claustro, como altares, bancos, floreiras e fontanários, indo ao encontro do gosto da época (Figura- 9, em anexo IV). Com D. Manuel I, para além dos azulejos, os altares foram dotados de novas pinturas, algumas da autoria de Quentin Metsys (atualmente no Museu Machado de Castro), bem como por esculturas flamengas e alemãs.

Ainda no século XVI, o nível dos pisos foi sendo alteado processo que atingiu não apenas a igreja e o coro, mas também o claustro, o refeitório e sala do capítulo como forma de resistência à invasão das águas. Também o espaço do cadeiral foi elevado em sete degraus, passando a ser utilizado para o sepultamento das religiosas. (Figura- 10, em anexo IV)

Mais tarde, Filipe II envia ao local o arquiteto Filipe Terzi por forma a encontrar soluções de combate às investidas do Mondego, sendo então construído a meia altura, um piso que prolongou em toda a sua extensão o plano da capela funerária. Para que a passagem para o claustro continuasse a ser feita, foi aberta uma porta na parede meridional da igreja, passando a entrada dos fiéis a ser feita por um dos janelões, solução utilizada até 1677, data do abandono do convento. Neste piso encontramos assinalado o local onde o túmulo da Rainha se encontrava, bem como o belíssimo arcossólio, patrocinado pelo Bispo de Coimbra D. Afonso de Castelo-Branco, com o intuito de abrigar o túmulo de prata e cristal da Rainha. (Figura- 11, 12 e 13 anexo IV)

3.2.5 - Claustro

“O claustro, no conjunto das dependências de um mosteiro, tanto pelas suas funções próprias como pelo simbolismo que sempre lhe andou associado, coloca-se em importância e significado a seguir à igreja.”
(Macedo, 2006, p.699)

Dado como um “monumento desaparecido” por António de Vasconcelos, na sua obra sobre o culto de Isabel de Aragão (Vasconcelos, 1993, vol. I, p. 191), até à data das campanhas do IPPAR, pouco se sabia sobre a dependência. Para além do trabalho e interesse do autor anteriormente referido, também António Nogueira Gonçalves, quer no *Inventário Artístico de Portugal-Cidade de Coimbra*, publicado em 1947, quer nos *Estudos de História da Arte Medieval*, de 1980, procurou dar resposta sobre as características da dependência, sendo porém difícil detalhar a construção. Após as intervenções levadas a cabo pelo IPPAR, o claustro de Santa Clara foi posto a descoberto, surpreendendo tudo e todos, pelo seu estado de conservação, pelas suas dimensões, pela riqueza dos fontanários. (Figura- 14, anexo IV)

Em Santa Clara-a-velha, esta dependência multifuncional encontra-se a sul da igreja, seguindo o costume monástico, ao contrário do resto das dependências que o envolvem e que se afastam do habitual nos mosteiros beneditinos e cistercienses ¹³(Macedo, 2006 p.702).

O conhecimento integral da nave norte, contígua à igreja, permitiu corrigir a planta traçada por António de Vasconcelos. O facto de o monumento não possuir transepto, possibilitou o alargamento do claustro até ao limite da cabeceira como os dois autores haviam adiantado, embora se desconhecesse que chegava ao limite da fachada oeste, tendo exatamente o mesmo comprimento que o templo. Foi posto à luz do dia um claustro de dimensões invulgares e de planta trapezoidal. Com uma área total de 2530 m², sendo que as naves norte e sul possuem uma dimensão igual de 54 m de comprimento, a do lado este 49 m e a oeste 46 m, estamos perante um exemplar singular no que toca às dimensões, já que os cem pés de lado (cerca de 28m) é a dimensão mais comum, sendo que os claustros cistercienses, não excediam os 25 ou 30 metros de comprimento.¹⁴ (Macedo, 2006, p.714).

Desconhecendo-se com exatidão a data do início da construção, pensa-se que terá arrancado em 1331, aquando da sucessão do mestre Estevão Domingues pelo arquiteto régio Domingo Domingues, embora não exista documentação que comprove esta teoria. A única certeza sobre a sua construção é encontrada no manuscrito biográfico da sua patrocinadora, onde ficamos a saber que a igreja e o dormitório já estariam concluídos no ano 1330, tendo o arranque das obras do claustro sido posteriores a essa data¹⁵ (Macedo, 2006, p. 720). Ainda na biografia da Rainha pode ler-se que “fez abobedas aa castra”, sendo de considerar que a cobertura do claustro estaria concluída em 1336, data do seu falecimento. Por sua vez, a rainha poderá ter ordenado a cobertura com abóbadas das naves do claustro, embora não tendo chegado a vê-las concluídas.

Ocupando o centro do claustro, o pátio, de grandes dimensões, dispõe de um tanque central, quatro fontes e um lavabo (Figura- 15, anexo IV). A implementação destes elementos era fundamental para a vida dos mosteiros, uma vez que através de um sistema hidráulico, mais ou menos complexo, era feito o abastecimento de água que provia as necessidades da comunidade, quer para as abluções rituais, quer para a higiene e lavagem de roupa. Para além da sua funcionalidade, às fontes, associa-se também uma importante carga simbólica. (Macedo, 2006. p,760)

A Igreja e campanário, localizados a norte, o dormitório a poente, a sala do capítulo a sul e o refeitório a nascente, completavam o conjunto das dependências prioritárias e indispensáveis ao bom funcionamento de uma fundação

¹³ Seguindo a disposição beneditina, os edifícios monásticos distribuíram-se desde o início, á volta do claustro, tendo a ordenação das construções, a partir da reforma cisterciense, a obedecer á “planta típica cisterciense”. Nesta planta, o mosteiro adquire a forma de um quadrilátero, tendo a igreja por um dos lados, localizando-se, no prolongamento do transepto, a ala dos monges com a sala do capítulo no piso térreo e o dormitório em cima, no lado oposto a este, a ala dos conversos com o celeiro no piso baixo. No lado contrario ao da igreja têm localização as dependências mais utilitárias, como a cozinha e o refeitório. (Macedo, 2006, p. 702.)

¹⁴ Jean-François Leroux-Dhuys, Las Abadías Cistercienses. *Historia y Arquitectura*, (trad, esp.) Colonia, Konemann, 1999, p. 60 apud Macedo p. 714.

¹⁵ Referência feita no manuscrito “Vida e Milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal.” Texto do século XIV restituído à presumível forma primitiva, com notas explicativas por José Joaquim Nunes in Boletim de Classe de Letras da academia de Ciências de Lisboa, 1918-1919, Vol. XIII, Coimbra, 1921, p. 1348 apud Macedo p. 720

monástica (Figuras- 16, 17, 18 e 19 anexo IV). O que leva a pensar que a ampliação do espaço, pela construção de um segundo claustro, não terá sido uma necessidade absoluta, mas sim antes um símbolo da importância da casa das clarissas de Coimbra. Sobre este segundo claustro (ainda por escavar), pouco se sabe, apenas que teria um papel secundário relativamente ao primeiro.

Através da pintura de Pier Maria Baldi, consegue-se identificar as janelas do dormitório, que possuiria entre cinco a sete fileiras de celas (fotografia em anexo II). O refeitório deveria seguir os modelos dos mosteiros da época, obedecendo à habitual disposição, com mesas em redor das paredes. Em Santa Clara-a-Velha, integra o conjunto dos edifícios “*desaparecidos*”. Deste elemento, apenas persiste a meio da nave um portal sem tímpano com duas arquivoltas molduradas, de formato apontado, suportadas por dois finos colunelos. No interior, à esquerda de quem entra, encontra-se uma cisterna, quadrada, revestida de azulejos hispano-árabes datados do século XVI. Em frente à entrada do refeitório encontramos o lavabo, destinado às abluções antes das refeições. Espaço de importância fulcral pelo facto de a água estar simbolicamente ligada à penitência e purificação, encontramos neste caso das clarissas de Coimbra, não um mero tanque de pedra com cobertura de madeira (como habitualmente encontramos nos mosteiros franciscanos), mas uma fonte e um pavilhão de pedra com teto abobadado, obra magnífica, detalhadamente estudada por Francisco Pato de Macedo (Macedo, 2006, p787-815.).

A sala do capítulo, adaptada do primitivo edifício de D. Mor Dias, era uma das dependências mais importantes no Mosteiro. Aqui realizavam-se as reuniões semanais da comunidade, por forma a resolver assuntos importantes do mosteiro, passando pela atribuição de cargos de natureza religiosa, administrativa ou disciplinares, à eleição da abadessa ou a leitura da Regra, a realização da profissão de Fé e a confissão pública dos seus pecados (Macedo, 2006, pp. 821-838).

4 - O mosteiro e o rio na atualidade: as inundações de 2016

Como já referido anteriormente, a proximidade ao rio Mondego fez parte da história do mosteiro desde a sua fundação sendo, aliás, a responsável pelo seu abandono no século XVII. Alvo de incontáveis cheias e inundações durante 7 séculos, quando já nada o fazia prever, em função das obras recentemente realizadas, o monumento nacional foi novamente invadido pelo rio (fotografias em anexo V) no passado dia 11 de Janeiro de 2016. Pelas consequências e pelo impacto que teve na cidade, mas também por ter afetado a prossecução dos planos inicialmente pensados para o período de estágio, parece-nos relevante documentar o episódio.

A intensidade da chuva sentida nos dias anteriores levou a que a albufeira da Barragem da Aguieira, no Mondego, tenha atingido a quota máxima. Com um aviso de escassas horas de intervalo, os responsáveis pelo mosteiro assistiram, impotentes, à rápida subida das águas (chegando a atingir os cinco metros de altura) e à consequente submersão do mosteiro. A 13 de Fevereiro, de novo o rio Mondego extravasa o leito, mais uma vez, devido ao mau tempo sentido durante esse período (fotografias em anexo VI). Na segunda invasão, a água chegou a atingir os três metros e meio, contribuindo para o agravamento dos estragos provocados pela primeira inundação.

Embora o mosteiro seja dotado de um sistema de prevenção e proteção contra as cheias, com muros de contenção, portas e quatro bombas, este não foi suficiente para impedir a entrada das águas no ano de 2016, embora nunca um episódio deste género tenha acontecido desde da sua abertura em 2009. Para além das fendas provocadas pela violenta força do mondego nos muros de contenção, também uma das portas não terá aguentado, possibilitando a entrada da água no espaço (zona da Horta Monástica). A ajuda dos Bombeiros da cidade de Coimbra e das localidades próximas foi essencial para a rápida drenagem da água. A parte final deste processo foi já feita pelas quatro bombas do Mosteiro, por forma a evitar mais estragos no edifício. Entretanto, o sistema de proteção encontra-se em estudo e reavaliação com o objetivo de encontrar novas soluções que impeçam a entrada das águas no futuro.

No que toca aos estragos provocados pelas duas cheias, avaliado entre os 500 e os 600 mil Euros, para além dos sistemas elétrico e de som que se encontravam no piso térreo da igreja, também os holofotes e a escadaria de madeira foram gravemente danificados. O sistema de abastecimento de gás e eletricidade, os três elevadores que servem o espaço e parte do passadiço sofreram igualmente estragos causados pelas águas.

Os rebocos e argamassa do antigo monumento bem como o claustro (principalmente o pavimento cerâmico) necessitaram de intervenções de restauro. A zona da horta monástica e do edifício de madeira usado pelos funcionários antes da construção do Centro Interpretativo como arquivo de um volume considerável de documentação histórica e desenhos, foram completamente danificados, sendo parte dessa documentação irrecuperável (fotografia em anexo V e VI).

O Monumento reabriu as suas portas no dia 31 de março, embora com algumas condicionantes, desde logo as impostas aos visitantes com mobilidade reduzida pelo facto de os elevadores estarem fora de serviço. Também o uso de outros sistemas elétricos foi limitado, como forma de prevenção. O trabalho de limpeza e reabertura do Mosteiro esteve a cabo dos funcionários da instituição bem como dos estagiários e funcionários da Quinta das Lágrimas que, no espaço de um mês e meio, devolveram ao mosteiro as condições necessárias para este reabrir as suas portas.

5 - O Mosteiro: gestão quotidiana

O estágio realizado no mosteiro permitiu-nos conhecer com alguma profundidade o quotidiano da instituição, o espaço, a sua história e os seus usos atuais. Embora conscientes da pouca experiência que ainda temos nestas matérias tentámos, apesar disso, desenvolver um olhar crítico sobre a experiência, desde logo pela noção clara de se tratar de um local de enorme potencial, onde os valores históricos, artísticos, patrimoniais, religiosos ou simplesmente lúdicos se congregam de forma rara. Assim, segue-se uma breve análise *swat*, onde se pretende destacar alguns dos principais pontos fortes e fracos.

5.1 — Pontos fortes: A área que o mosteiro de Santa Clara-a-Velha abrange possibilita uma série de eventos e atividades, tanto ao ar livre como no interior. Efetivamente, o espaço compreendido entre o Centro Interpretativo e o relvado, pode ser usado para iniciativas da mais diversa natureza, de palestras, seminários e conferências a iniciativas ligadas ao desporto à música ou ao cinema.

A igreja é também palco de uma programação cultural que se pretende continuada, como manifestações artísticas, exposições, performances, peças de teatro, concertos ou conferências, provendo o monumento de vida e permitindo espetáculos envoltos no espírito mágico da Igreja em ruína. Por outro lado, a cedência de espaços promovida pelo Mosteiro, tem como objetivo não só divulgar, dinamizar e trazer novas iniciativas, mas também conseguir algum retorno financeiro que facilite a manutenção dos equipamentos e espaços.

Para além da criação de protocolos e parcerias, essencial para que este local continue a ter um bom funcionamento, a inserção do monumento em circuitos turísticos da cidade de Coimbra, como o *fantastic* e os *tuk tuk*, dão a conhecer ao público interessado este espaço.

Um outro ponto forte é o facto de Mosteiro de Santa Clara-a-Velha se inserir na “Coimbra - Rede de Museus” que “*tomou por missão contribuir para a vitalidade e o dinamismo cultural de Coimbra, articulando, cooperando e partilhando responsabilidades e recursos entre os parceiros. É actualmente composta, por adesão voluntária, por oito parceiros que representam dez espaços museológicos da cidade*”. (Silva, 2014, p.59) ¹⁶ Programa em funcionamento desde 2007, os museus da cidade de Coimbra colaboram e programam em conjunto o Dia Internacional dos Museus (18 de Maio) e Noite dos Museus; o dia da Cidade (4 de Julho); as Jornadas Europeias do Património (Setembro) e exposições enquadradas na temática de Coimbra. Neste momento os elementos integrantes da rede são o Museu Municipal, Museu Nacional Machado Castro, a Casa-Museu Bissaya Barreto, o Museu da Ciência e o Paço das Escolas (da Universidade), o Museu da Água e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. No ano de 2016 o tema escolhido pela rede foi

¹⁶ Silva, Lidia Costa Gomes da (2014), *Rede de Museus- Uma rede em construção*, relatório de estágio apresentado à faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

“Coimbra da Rainha”, pelo facto de neste ano se comemorar o 500º aniversário da Beatificação da Rainha Santa Isabel, e pretende, através de um percurso comentado, dar a conhecer as paisagens que D. Isabel de Aragão terá vivenciado. O percurso teve início no dia 18 de Maio, no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, com uma visita ao local, acompanhada pelo Doutor Francisco Pato Macedo, seguindo depois para os restantes espaços (cartaz em anexo IX)

No que toca ao espólio, a atribuição da Peça do Mês é uma das iniciativas levadas a cabo pelo mosteiro de Santa Clara-a-Velha de forma a dar a conhecer ao público alguns dos achados das campanhas arqueológicas levadas a cabo na igreja e dependências, bem como as características das diferentes peças. Este projeto, para além de valorizar os diferentes achados, incentiva a curiosidade do público, que desta forma se poderá deslocar ao local de modo a entrar em contacto com a peça do mês. De forma a tornar esta iniciativa mais dinâmica, o mosteiro poderia propor ao visitante a escolha de uma peça para o mês seguinte.

Por fim, consideramos igualmente um ponto forte a cafeteria e esplanada, por constituir um dos grandes atrativos do espaço museológico, tornando-se num local de visita regular para muitos dos habitantes da cidade.

5.2 - Pontos Fracos: O espaço museológico do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha debate-se com alguns problemas. De forma a perceber qual o impacto turístico detido por este monumento na cidade de Coimbra, fez-se uma análise relativamente ao número de visitantes no ano de 2015 em instituições de carácter museológico, bem como a monumentos e atrações turísticas desta cidade. No total foram enviados onze questionários, sendo dada resposta a cinco (Museus que deram resposta e respetivo numero de visitantes a negrito):

- **Museu Nacional Machado Castro — 77.059 visitantes**
- Museu da Ciência da Universidade de Coimbra
- **Museu Municipal de Coimbra**
- Museu Santa Casa da Misericórdia
- Museu Memorial Irmã Lúcia
- **Casa Museu Bissaya Barreto — aumento de 30%**
- **Mosteiro de Santa Clara-a-Nova — 80.000 visitantes**
- **Portugal dos Pequenitos — 242.000 visitantes**
- Museu da Água
- Núcleo da Cidade Amuralhada de Coimbra
- Universidade de Coimbra

O Museu Municipal de Coimbra deu resposta ao pedido, embora não tenha disponibilizado a informação em questão. A Casa Museu Bissaya Barreto, também não facultou o número de visitante, tendo apenas referenciado um aumento de 30% relativamente ao ano anterior.

Pelo facto de à época do envio dos questionários, o mosteiro de Santa Clara-a-Nova não deter um número certo relativamente ao ano de 2015, os dados apresentados correspondem ao ano de 2014, embora se estime um decréscimo comparativamente ao número apresentado. Segundo a informação apresentada no questionário, este decréscimo está relacionado com o facto de no passado ano, 2015, não se terem realizado as festas comemorativas da Rainha Santa Isabel (de dois em dois anos), que em anos de procissão permitem triplicar o número de visitantes nos meses de Junho, Julho e Agosto (questionários em anexo XI).

Analisando os números apresentados, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha aparece no final com o total de 60.000 visitantes, e como já foi referido, visto como o melhor ano desde da sua abertura. Este resultado poderá estar relacionado com o facto de o Mosteiro não se inserir em muitos dos roteiros turísticos da cidade, não estar bem sinalizado e ser feita uma má divulgação do espaço e programação cultural. A aposta em divulgação nos pontos de turismo de Coimbra, e a inserção nos programas de visita à cidade, deveria ser uma das preocupações do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Durante o período de estágio, foi feita uma pesquisa, que possibilitou perceber que o mosteiro não faz parte da maioria dos percursos de visita apresentados nos pontos de turismo de Coimbra, pelo facto de estes se centrarem na zona da Alta e Sofia. Foi possível observar que em um dos mapas explicativos, apresentados no ponto turístico situado na Praça da República, não inclui a margem esquerda da cidade, ou seja, não contempla o mosteiro de Santa Clara, nem dispõe de qualquer tipo de informação sobre o local e a sua programação cultural. Para além da falta de divulgação nos pontos turísticos, também não encontramos nenhum tipo de informação nos painéis informativos da cidade, *outdoors*, bem como nos locais culturais da cidade, quer estes se encontrem nas proximidades ou longe do mosteiro. Neste mesmo âmbito veja-se como, quer o mosteiro de Santa Clara a Nova quer, sobretudo, o Portugal dos Pequenitos, quase contíguo ao mosteiro de Santa Clara a Velha, poderiam potencialmente redirecionar milhares de visitantes já que, pelo menos o último, recebe um fluxo de 242.000 por ano.

A falta de divulgação é a nosso ver uma das principais lacunas, que justifica o baixo número de visitantes no mosteiro de Santa Clara-a-Velha. A elaboração de um sítio próprio, distribuição de *flyers* e cartazes sobre o monumento, eventos e atividades em locais de interesse, espaços de comércio e a criação de parcerias com outras instituições culturais, deveria ser prioritário para a Direção Regional da Cultura do Centro, de forma a promover o monumento, tanto a nível nacional como internacional.

A criação de circuitos turísticos específicos com outras entidades culturais do mesmo género, como por exemplo os Mosteiros de ordens religiosas de Coimbra, ou relacionados com a vida da Rainha Santa Isabel, seria uma mais-valia tanto para a cidade como para as instituições, que deste modo davam a conhecer a sua história de maneira didática e inovadora. A aposta em incitativas em conjunto ou rede, para além de monumentos, deveria também passar por instituições de investigação e ciência (Universidades, Institutos e Escolas), bem como locais lúdico-pedagógicos que se encontram nas proximidades do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como por exemplo o já referido Portugal dos Pequeninos ou o Exploratório-Centro de Ciência Viva. A implementação de projetos com este tipo de instituições, para além de impulsionar o conhecimento no público mais jovem, promoveria a dinamização dos espaços em questão.

A nível de desempenho do espaço, no que toca ao funcionamento da loja, o prolongamento do seu horário em dias de conferências, por regra realizadas a partir das 18h, seria uma mais-valia, já que os produtos de *merchandising* aqui vendidos parecem exercer alguma atração sobre o público que se desloca ao mosteiro para esse efeito e que invariavelmente a encontra encerrada.

Razão de descontentamento por parte dos visitantes é também o facto de a entrada ser feita unicamente pela porta voltada a oeste. Longe da estrada principal, mal sinalizada e sem um bom mapa explicativo nas imediações, é difícil ter uma perceção imediata e intuitiva do local da entrada, sendo nalguns casos até responsável pela desistência de visita ao local.

Motivo de reclamação é, por último, o percurso da visita, considerado demasiado longo uma vez que depois dos visitantes percorrerem todos os espaços são obrigadas a voltar ao Centro Interpretativo, única entrada e saída. Permitir a saída junto à igreja, facilitaria a mobilidade do público sénior ou daquele que apresenta problemas motores, segmento que mais frequentemente se queixa deste aspeto.

6 - Gestão Interna

6.1 - Direcção Regional da Cultura do Centro

O Mosteiro insere-se na rede “Museus do Centro” sendo tutelado pela Direcção Regional da Cultura do Centro (DRCC).

A Direcção Regional da Cultura do Centro, serviço central de administração direta do Estado, é dotada de Autonomia administrativa, e começou a ser reestruturada em 2006, juntamente com as Delegações Regionais do Norte, Alentejo e Algarve pelo decreto de lei nº 215/2006, na sequência das alterações promovidas pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE). Até à data, designadas por Delegações Regionais de Cultura, em 2007, nas atribuições e missão definidas pelo decreto regulamentar n.º 34/2007, promoveu-se a sua reorganização e reestruturação passando a designar-se Direcções Regionais de Cultura, tendo sido determinado que a sua missão passaria por:

“dar apoio técnico, em articulação com o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (IMC), a museus integrados na Rede Portuguesa de Museus e a outros localizados na área de actuação geográfica da direcção regional; Gerir os museus que lhe forem afectos e assegurar as condições para a sua fruição pelo público, de acordo com as orientações emanadas pelo Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.; Suceder nas atribuições relativas à salvaguarda e valorização do património arquitectónico das direcções regionais do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e nas atribuições relativas ao património classificado da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), nos respectivos âmbitos territoriais.”¹⁷

Para além do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, a rede é composta pelas unidades orgânicas: Museu da Cerâmica e Museu José Malhoa (Caldas da Rainha) e pelo Museu Etnográfico e Etnológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré). Desta rede faziam igualmente parte os Museus de Aveiro, da Guarda e o Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco), recentemente transferidos para a tutela direta dos Municípios.

“As DRC têm por missão na sua área de atuação geográfica e em articulação com os serviços e organismos da PCM (Presidência do Conselho de Ministros) na área da cultura, a criação de condições de acesso aos bens culturais, o acompanhamento das atividades e a fiscalização das estruturas de produção artística financiadas pelos serviços e

¹⁷ <http://www.culturacentro.pt/apresentacao.asp?id=9>

organismos da área da cultura, o acompanhamento das ações relativas à salvaguarda, valorização e divulgação do património cultural imóvel, móvel e imaterial e o apoio a museus e serviços dependentes.”¹⁸

A intervenção de redes deste género em instituições por elas tuteladas, para além do que já foi mencionado, consiste na partilha de recursos, experiências e conhecimento, que é encontrado, materialmente, nos acervos e imaterialmente, nas experiências proporcionadas pelas atividades programadas. Estas atividades tentam cada vez mais, envolver a comunidade escolar, idosa, científica, artística e o público em geral, em iniciativas inovadoras e dinâmicas culturais, possibilitando desta forma, a consolidação de conhecimentos diversos.

Esta unidade orgânica (DRCC) obedece a uma estrutura interna constituída pelos seguintes órgãos:

Uma unidade orgânica nuclear:

- Direção de Serviços dos Bens Culturais

Cinco unidades orgânicas flexíveis:

- Divisão de Gestão Financeira

- Recursos Humanos

- Divisão de Património e Salvaguarda

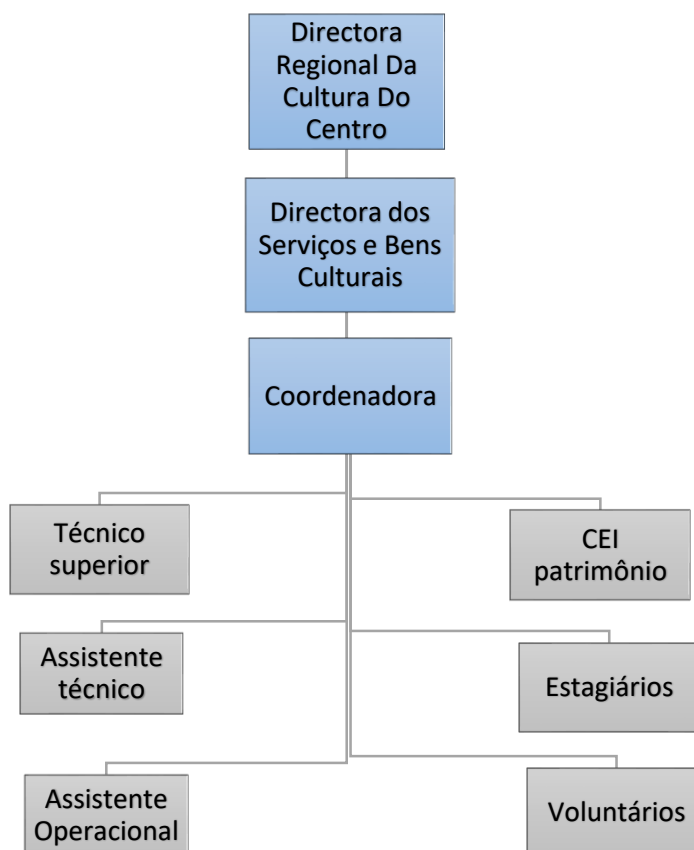
- Serviços Dependentes: Museu da Cerâmica e Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), Museu Etnográfico e Etnológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré) e Mosteiro da Santa Clara-a-Velha (Coimbra).

A DRCC tem como principal objetivo criar as condições necessárias de acesso aos bens culturais, acompanhar as atividades e a avaliação das estruturas artísticas, realizar e colaborar com ações de salvaguarda, valorização e divulgação do património arquitetónico e arqueológico, bem como dos programas e projetos anuais e dar apoio as instituições museológicas que se encontram sob a sua tutela.

¹⁸ <http://www.culturacentro.pt/apresentacao.asp?id=9>

6.2 - Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Organograma de 2016 do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha



Tal como se pode ver no organograma, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, dispõe de uma estrutura hierarquizada: no topo do organograma, encontramos a Directora da Direção Regional da Cultura do Centro, seguida da Directora dos Serviços e Bens Culturais e da Coordenadora da Instituição. Desde o ano de 2011 e até à data, a Directora Regional da Cultura do Centro tem sido a Dr^a Celeste Maria Reis Gaspar dos Santos Amaro, Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variantes de Estudos Portugueses e Ingleses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1988). A Direção dos Serviços e Bens Culturais encontra-se a cargo da Doutora Zulmira Cândida de Jesus Gonçalves, licenciada em Direito pela Universidade Internacional de Lisboa, Mestre em Gestão de Recursos Humanos e Comportamentos Organizacional pelo Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra e doutorada em Estudos Culturais, pela Universidade de Aveiro. Da área da arqueologia, a coordenadora do mosteiro, Dr^a Catarina Cunha Leal, desempenha funções protocolares e de gestão interna. Parte integrante da mesma é também, uma técnica

superior, a Dr^a Lígia Negrão, com funções protocolares, de estabelecimento de parcerias e divulgação, cinco assistentes técnicos, Miguel Munhós (Arqueologia), Ângela Alves (História da Arte) e Ana Júlia Oliveira (Restauro) que desempenham funções de gestão financeira, divulgação e comunicação, assistência técnica, arquivística, receção e lojista, Sérgio Dias responsável pelo atendimento ao público na receção e Mário Galvão, na assistência técnica e loja. A Dr^a Ângela Alves e a Dr^a Ana Júlia Oliveira, para além de desempenharem as funções que já foram mencionadas, desde do início do ano de 2016, passaram também a ser as responsáveis pelo serviço educativo. A manutenção do espaço encontra-se a cargo de dois assistentes operacionais, Lurdes Colaço e Filipe Ribeiro. O *design* e cartazes são da responsabilidade de Hugo Barreto, elemento integrante da equipa de segurança do monumento. Para além dos funcionários internos, o mosteiro recebe funcionários através do Contrato de Emprego de Inserção Património (CEI património), bem como estagiários e voluntários.

Na prática, o facto de não parecerem estar claramente definidos sectores ou departamentos leva a que as pessoas que trabalham no mosteiro desenvolvam diferentes funções no dia-a-dia da instituição, passando pelo atendimento ao público, divulgação e *marketing*, gestão financeira, serviço educativo, colaborações e parcerias, arquivística, conservação e restauro, etc, como foi referido anteriormente. Se tal flexibilidade permite o desempenhar de qualquer função em qualquer situação, particularmente útil em casos de urgência, uma vez que todos os funcionários podem ser substituídos por um colega apto a desempenhar as suas funções, não deixa, todavia, de apresentar alguns inconvenientes. Com efeito, a impossibilidade de se focarem a 100% numa única função, impede, a médio prazo, um domínio do conhecimento disponível ou a adoção das soluções e práticas mais ágeis e adequadas.

As receitas do Mosteiro resultam essencialmente da venda de bilhetes, do lucro obtido na loja, da concessão da cafetaria e do aluguer dos restantes espaços. O ano de 2015 relevou-se como o ano com mais visitantes desde da abertura em 2009. Com mais de 61 mil visitantes, 10.111 das quais no âmbito da Feira do Património, realizada no mês de Outubro de 2015, este foi, sem dúvida, o melhor ano alguma vez registado pelo Mosteiro de Santa Clara. (artigo em anexo X)

O facto de a cidade de Coimbra ou mais concretamente a Alta e Sofia, estar desde o ano de 2013 inscrita na lista de Património da Humanidade, da Unesco, trouxe à cidade um acréscimo muito significativo de turistas, seja estrangeiros, seja portugueses. Este facto, aliado ao aumento significativo do fluxo turístico em Portugal sentido nos últimos anos e certamente decorrente de uma transformação das grandes escolhas turísticas europeias em função da crescente ameaça terrorista, pode ser uma das justificações para os números registados no mosteiro, no passado transato.

Este aumento deve ser visto como um incentivo para continuar a valorizar e dinamizar o espaço, aproveitando a área de acesso ao público de 28 mil metros quadrados para a elaboração de iniciativas únicas e inovadoras na cidade e no País.

Componente essencial à captação de públicos em qualquer instituição cultural é, naturalmente, o Serviço Educativo (SE). Todavia, desde o início de 2015 que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha não tinha ativo este departamento, então em fase de reestruturação.

Como já foi mencionado, foi atribuída a duas pessoas a responsabilidade de definir um novo rumo para o SE, definindo-se a missão, atribuição de tarefas, elaboração de um levantamento das atividades realizadas anteriormente neste espaço, programação de atividades anuais e esporádicas, estudo do inventário do material existente no local, criação de uma *mailing list* para divulgação, estabelecimento de parcerias e protocolos com outras instituições, etc.

Durante os seis meses de estágio, por razões várias, foi essencialmente nesta área do SE que nos empenhámos, acompanhando e desempenhando funções no sentido da nova reestruturação deste departamento. Desta forma, parece essencial dedicar o próximo capítulo do presente relatório a este sector, de maneira a perceber como se desenvolveu ao longo do tempo e a importância que lhe foi sendo atribuída.

Capítulo II- Serviços Educativos

Durante o período de tempo do estágio, parte do trabalho desenvolvido insere-se na componente de Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. De forma a entender a estreita ligação entre museu e educação far-se-á, de forma necessariamente breve, uma síntese dos principais aspetos da importância de museu enquanto espaço educativo.

O papel educativo do museu não pode dissociar-se das características do museu enquanto instituição. O museu, tal como o conhecemos hoje, foi sofrendo diversas alterações ao longo do tempo: criado a partir do antigo gosto e prática de colecionar objetos, (fosse por estes serem raros, exóticos, belos ou com valor sentimental) e pela sua preservação, até à institucionalização de espaços públicos com sistemas organizados passando, como sublinhou Maria Beatriz Rocha-Trindade de “espaço erudito, dedicado a uma pequena franja de especialistas, de estetas ou de curiosos iluminados, para na atualidade visarem ao alargamento máximo do espectro dos seus frequentadores: crianças e velhos, turistas e passantes, estudantes e estudiosos.”

Assim, de forma a cumprir os requisitos de uma instituição aberta a diferentes públicos, aos museus vão ser atribuídas diversas funções, como fica expresso na definição adotada pelo ICOM (Internacional Council of Museums) de que o “*museu é uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe para fins de estudo, educação e deleite, testemunhos materiais do homem e do seu ambiente*”¹⁹.

A partir desta definição, conseguimos perceber que as múltiplas funções de um museu passam não só pelo objetivo inicial de reunir/adquirir coleções ou objetos de importância patrimonial, com vista à sua salvaguarda e preservação, para que estes resistam ao inevitável desgaste causado pelo tempo, mas também dar a conhecer e divulgar o acervo patrimonial, potenciando a sua investigação e estudo.

O número de instituições museológicas tem vindo a crescer ao longo dos anos, tendo sido criados museus, não só nos domínios tradicionais - arte, arqueologia, história, etnografia e antropologia — como em muitos outros, desde a ciência e a tecnologia, passando por um número infinito de temáticas relacionadas com as mais diversas atividades humanas. A chamada «museomania», revela exatamente isso. Na realidade, a partir dos anos 60 e com especial incidência nas últimas décadas verificou-se uma verdadeira explosão no âmbito da museologia — “*consubstanciada na criação de um elevado número de novos museus, muitos deles com características verdadeiramente inovadoras, (...) nomeadamente as de dinamização cultural, comunicação e educação*” (Mendes, 2013, p 31) Para além do crescimento de cerca de 12.000 museus no mundo no ano de 1975, (sendo que cerca de metade se localizavam nos Estados Unidos), para mais de 30.000 na atualidade, a missão do museu tornou-se mais abrangente, desempenhando um

¹⁹ ICOM Portugal. Disponível em http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

conjunto de funções pedagógicas e educativas capazes de contribuir para o desenvolvimento cultural do indivíduo e da comunidade.

“Estamos, pois numa fase em que se atribui ao museu uma relevância cada vez maior, tendência que, muito provavelmente, se manterá nas proximidades décadas. Para isso, têm contribuído fundamentalmente dois factores: por um lado, o reforço da importância atribuída ao papel educativo dos museus, por outro a crescente pressão, sobre os museus, para que eles justifiquem a sua própria existência (...).”²⁰

Nos dias de hoje a função de qualquer museu não pode limitar-se apenas à exposição do seu espólio. Tão ou mais importante parece ser a "conquista" dos visitantes em toda a sua diversidade, ou seja, a preocupação com os diferentes públicos tornou-se um aspeto central da política museológica: é hoje crucial pensar atividades variadas para os diferentes públicos e incluí-los de forma ativa nas atividades desenvolvidas pelas entidades museológicas, renunciando ao papel passivo de meros observadores que tiveram durante tanto tempo. Ao mesmo tempo tem ganho expressão o objetivo de criar elementos distintivos e identitários, isto é, a partir do que é exposto, do local ou da sua história, os museus devem criar uma identidade própria tornando a visita ao local especial e diferente de outros similares.

Fazer esta ligação entre o espólio e a comunidade ou públicos, requer cada vez mais um serviço educativo gerido por técnicos qualificados, com formação e capacidades específicas, vocacionadas para os diferentes públicos. Ao papel dos técnicos e conservadores, a quem compete o estudo das coleções, junta-se o papel dos educadores, num trabalho que é, ou deve ser, naturalmente feito de associações e trocas estreitas e permanentes.

No que toca ao papel educativo e comunitário dos museus o ICOM explicita:

“Por definição, um museu é uma instituição ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, e está geralmente aberto ao público (mesmo quando se trata de um público restrito como o é no caso de certos museus especializados como os museus universitários ou de medicina, por exemplo).

O museu deve aproveitar todas as ocasiões para realizar o seu papel de fonte de educação utilizada por todas as camadas da população, ou pelo grupo especializado que o museu está destinado a servir. Onde o programa e as responsabilidades do museu o necessitem, um pessoal especializado possuindo uma formação e qualidades no domínio da educação de museu poderá ser pedido para este fim.

O museu tem o importante dever de atrair a si um público novo e mais alargado, vindo de todos os níveis da comunidade, localidade ou grupo que tem por fim servir, e deve permitir à comunidade em geral como às pessoas e aos grupos específicos que dela fazem parte, comprometerem-se ativamente nas suas atividades e sustentar os seus objetivos e a sua política.”²¹

²⁰ George E. Hein, (1998) *Learning in the Museum*, Londres-Nova York, Routledge, p.3

²¹ICOM Portugal. Disponível em : http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

Já o artigo 42º da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, centra-se exclusivamente no objetivo educacional dos museus, “ 1- o museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e atividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais. 2- O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversidade dos públicos.3- Os programas referidos no n.º 1 do presente artigo são articulados com as políticas públicas sectoriais respeitantes à família, juventude, apoio às pessoas com deficiência, turismo e combate à exclusão social.”²²

Partindo das definições atrás mencionadas percebemos que a função educativa tem atualmente um lugar de destaque no papel e nas atividades a desenvolver pelo museu em prol da sociedade em geral e da comunidade em que se insere, ideia que, como expectável, é corroborada por todos quantos se dedicam a estas matérias.

Com a criação de iniciativas inovadoras, vem também a captação de novos públicos e a fidelização do existente, passando de um local com interesse para um determinado nicho de pessoas para um local aberto ao mundo, independentemente da idade, cultura, religião ou formação dos seus visitantes. À atração de novos públicos, recurso essencial para a sobrevivência do museu, importa fidelizar os existentes, os públicos próximos para quem uma visita única, com o intuito de conhecer as coleções, não é já a atração principal. O regresso regular, disfrutando e participando ativamente de novas e criativas atividades, mune os espaços de vida e garante o seu sucesso enquanto instituições culturais e educativas. Essa presença permanente na comunidade e da comunidade conta naturalmente com a tecnologia e a informação que dominam o dia-a-dia das pessoas. Os museus têm obrigatoriamente de acompanhar esta evolução criando soluções de divulgação e marketing (a que voltaremos) capazes de atrair e manter os diferentes públicos.

²² Decreto-Lei n.º 47/2004, 19 Agosto, D.R., I Série (n.º 195, pp.5379-5398).

I- Serviços educativos: uma breve amostra de boas práticas

Uma vez que parte substancial do trabalho de estágio foi realizada no âmbito de serviço educativo, pareceu-nos fundamental conhecer um pouco melhor o funcionamento destes serviços nos museus portugueses. É essa breve análise que se segue, tendo sido essencial, para os dados recolhidos, o uso de plataformas digitais, face às dificuldades de visitar todos eles mas também em função da falta de resposta de muitos deles quando inquiridos por correio electrónico.

Embora na atualidade existam inúmeros casos de sucesso de Serviços Educativos nos Museus/Monumentos em Portugal, por forma a não alongarmos demasiado a análise limitaremos e exposição dos resultados a quatro exemplos: o Caso do Museu Nacional de Arte Antiga, Serralves, a rede de Castelos e Muralhas do Mondego e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Esta escolha teve por base dois critérios: o volume de informação disponibilizada nos sítios em linha associado ao facto de termos conseguido resposta ao nosso inquérito ou mesmo possibilidade de entrevista por parte dos quatro. (anexo XI)

1.1 - Museu Nacional de Arte Antiga

O MNAA apresenta um departamento de serviço educativo cuidado, com diversas atividades para os diferentes segmentos de públicos. Através do sítio em linha conseguimos ter acesso a toda a informação base deste departamento centrado nos seguintes objetivos: “O Serviço de Educação estabelece a relação entre o MNAA e os seus diversos públicos através da realização de um programa de atividades centrado nas coleções e nos conteúdos das exposições temporárias, procurando corresponder aos interesses mais variados. O seu objetivo fundamental é, através de uma atitude lúdica de descoberta, motivar a observação e a reflexão, orientando e estimulando a participação individual.”

É pois, em grande parte, responsabilidade do SE do MNAA estabelecer a ligação entre o museu e os diferentes públicos oferecendo uma programação variada, pensada e construída com base nas coleções permanentes e exposições temporárias. Adaptada a diferentes públicos e com um sentido apurado de atualidade²³, o MNAA proporciona experiências novas e estimula a participação do público.

²³ Na programação do MNAA encontramos oficinas e atividades que confrontam e discutem a arte do passado e a arte da atualidade. Um exemplo deste género de iniciativas são as oficinas “Sem rede” - “A arte antiga é coisa do passado?”

Ao longo de 9 sessões, vamos conversa rem torno de ideias que movem o Homem desde sempre, misturando a arte do MNAA com outras artes e ofícios. Queremos ver o que une uma pintura com 500 anos, um blockbuster do séc. XXI, um livro e um videoclip no youtube. E queremos ver-te a ti, aos teus pensamentos e às tuas criações. Dar largas à tua vontade e ao teu ritmo. Sem medos e sem rede.”

Texto reterida de: <http://www.museudearteantiga.pt/>

Imagem do sítio em linha em anexo XII

Na secção “Educação”, no sítio do Museu, tem-se acesso a todas iniciativas passadas, atuais ou programadas para um futuro próximo. As atividades atuais encontram-se divididas por:

- Visitas orientadas (informação sobre as visitas);
- Crianças (informação sobre atividades destinadas ao público infantil);
- Professores (com informação sobre ações de formação para os diferentes ciclos escolares);
- Grupos (informação sobre visitas orientadas destinadas a grupos);
- Obras em foco (na última quarta-feira do mês o Museu organiza uma visita á volta de uma obra do mesmo);
- Oficinas;
- Ciclo de Oficinas para Jovens.

A partir da informação disponibilizada nos diferentes segmentos é possível observar que a programação cultural diversificada do museu é pensada em função dos diferentes públicos podendo estes, de forma intuitiva e simples aceder ao tipo de atividade que mais interesse lhe desperta.

Esta forma de programação, estreitamente relacionada com o próprio museu e com a sua coleção permanente ou exposições temporárias, ou seja, ancorando as iniciativas em peças próprias, embora possa parecer evidente nem sempre é a filosofia seguida. De facto, esta ligação entre atividades e acervo nem sempre era seguida no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. E, todavia, num espaço como este, de carácter museológico e monumental, a possibilidade de criação de iniciativas com ligação ao local, não só não parece difícil como é seguramente uma mais valia para quem nelas participa. A História, as personagens relacionadas, a própria arquitetura, são motes fortíssimos que o SE não pode deixar de aproveitar. O carácter imaginativo e a variedade de iniciativas realizadas pelo MNAA apresentam-se como um bom exemplo sobretudo na questão da apropriação do local e coleções pelas atividades programadas.

1.2 - Serralves

O segundo exemplo é o de Serralves, um dos museus mais visitados em Portugal, com um total de 484 396 visitantes no ano de 2014.²⁴

Na apresentação da instituição declara-se: “a ação do Serviço Educativo da Fundação de Serralves tem por objetivo sensibilizar e formar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da arquitetura e do ambiente, através de uma programação heterogénea que procura incentivar o conhecimento e o gosto pela fruição dos espaços culturais.”²⁵

Novamente, encontramos nesta citação a apropriação dos locais e das suas particularidades na programação de atividades: arte, arquitetura e ambiente constituem efetivamente os espaços da Fundação: o Museu de Arte Contemporânea, a Casa de Serralves e o Parque de Serralves.

“Na sociedade atual, o Museu afirma-se como elo privilegiado de ligação com a comunidade. Neste sentido, pretende-se que o encontro com as obras de arte e com os artistas assente em estratégias pedagogicamente orientadas e de longo prazo, que valorizem processos e potenciem o cruzamento de referências transversais. É objetivo deste Serviço propor ao público modos de expandir e aprofundar o contacto com práticas artísticas diversificadas e promover programas que contribuam para uma apreensão crítica e criativa da cultura contemporânea. Na área do Ambiente, os programas são orientados no sentido de uma educação científica que, para além de apoiar a formação de cidadãos conhecedores e intervenientes, visa contribuir para a alteração de comportamentos que afetem as decisões tomadas no dia-a-dia, nomeadamente no sentido de um consumo mais responsável e da vivência de uma cidadania ativa. Tendo em conta este enquadramento, as visitas, as oficinas temáticas, os cursos e os debates, são atividades centrais na programação, de modo a garantir uma relação cada vez mais cúmplice com a comunidade escolar e com o público em geral, destacando-se ainda a continuidade de programas de integração e inclusão de públicos carenciados e com necessidades especiais, e a continuidade das parcerias a nível nacional e internacional.”

No caso de Serralves são muitos os aspetos que integram o SE na categoria de "boa prática". A promoção do espírito crítico e de uma cidadania ativa são talvez dos pontos mais interessantes e transversais a todas as atividades. No que toca à concretização destas, um outro ponto salta à vista, relacionado com a diversidade dos públicos. Como já muitas vezes foi mencionado que o SE deve ser o elo de ligação entre os espaços e a comunidade, mas de que forma estes SE se encontram preparados para a inclusão de todos os tipos de públicos? Por entre a vasta oferta encontramos dois parâmetros distintos que merecem ser destacados:

- Grupos com necessidades especiais
- Exposições do Serviço Educativo

²⁴ dados disponibilizados pela entidade no questionário em anexo XI.

²⁵ retirado do questionário em anexo XI

dois exemplos do que é feito no primeiro ponto são:

“GRUPOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: Serralves tem vindo a aprofundar a ligação com instituições vocacionadas para o acompanhamento de grupos com necessidades especiais, através da organização de programas contínuos, com periodicidade semanal ou mensal, permitindo assim a descoberta do património da Fundação. As propostas são adequadas às características dos grupos, tendo por objetivo despertar atitudes relacionais, desenvolver a autonomia, a capacidade de concretização, sempre em colaboração com os respetivos técnicos.

VISITAS EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Desde maio de 2015, a Fundação de Serralves oferece mensalmente visitas orientadas em Língua Gestual Portuguesa (LGP), numa parceria com a Laredo Associação Cultural. Especificamente dirigidas à comunidade surda, estas visitas recebem os visitantes na sua língua natural, para um diálogo sobre as exposições no museu, a arte contemporânea, a arquitetura e a paisagem de Serralves. De acordo com a Carta dos Direitos da Pessoa Surda, de 2001, "a cultura deve ser facilmente acessível às pessoas surdas, em todos os seus domínios: artes, literatura, ciências, tecnologia, museus, criando-se as condições necessárias para tal". Esta proposta do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Serralves responde ao desafio de trazer a comunidade surda ao encontro deste Museu de referência internacional.”

Dentro do mundo do SE a inclusão de atividades para o público com necessidades especiais revela-se ainda escassa. A falta de pessoal qualificado ou a falta de parcerias com instituições que tenham essa valia é obviamente a causa principal. A cultura é um bem a que todas as pessoas têm direito, e a colaboração entre instituições culturais e sociais é importante para o desenvolvimento de ambas. Através desta colaboração as instituições culturais, estariam preparadas para receberem este público e desenvolver novas e melhores atividades.

No que diz respeito às exposições do Serviço Educativo:

“...O projeto intergeracional "Tenho 25 anos”, fruto de um trabalho conjunto entre a Fundação de Serralves e a Câmara Municipal do Porto, através do Pelouro da Educação, Organização e Planeamento. O projeto envolveu utentes do Centro de Dia do Bom Pastor - Cruz Vermelha Portuguesa e ainda crianças e jovens residentes no Centro António Cândido.

"Tenho 25 anos” parte da convicção de que o convívio intergeracional é fundamental para um equilíbrio saudável em todas as idades. Nele, o lúdico e a criatividade operam como estratégias privilegiadas para reforçar os afetos, a autoconfiança e o desenvolvimento pessoal. Partimos do princípio de que a idade não tem que ser um fator empobrecedor na relação de cada um consigo próprio, com os outros e com a vida. E assim, os encontros desenrolam-se de forma a criar contextos favoráveis em cada participante, por intermédio do incentivo à capacidade de conceber novos sonhos e de superar obstáculos.”

Encontramos aqui um outro ponto essencial: a oferta de atividades a públicos distintos mas obrigando-os a interagir. De facto nada mais ultrapassado que a ideia de um SE educativo centrado exclusivamente no público escolar

ou infantil. A tendência é hoje, com base no alargamento do conceito de *lifelong learning*, para estender o SE a todas as idades, idealmente sem criar necessariamente compartimentos estanques entre elas, inevitavelmente empobrecedores em termos de experiência. Neste sentido Serralves revela-se um exemplo importante que não podia passar ao lado. (Sítio em linha em anexo XII)

1.3 - Rede de Castelos e Muralhas do Mondego

Tendo por mote a linha de defesa do Mondego, construída em torno de 1064, aquando da conquista de Coimbra por D. Fernando Magno, o processo de reconquista cristã foi feito recorrendo a uma série de estruturas defensivas que hoje fazem parte da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego: os castelos de Coimbra, Lousã, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela, Soure, a atalaia de Buarcos a par dos já mais tardios castelos de Pombal e Germanelo.

“A Rede de Castelos e Muralhas do Mondego procura dignificar essa história e criar, a partir do património histórico e cultural, um produto turístico de excelência, assente na valorização da Linha Defensiva do Mondego e na mobilização de parceiros para a criação de dinâmicas conjuntas.”²⁶

Para tal, em 2011, foi criada a Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego (ADCMMM), uma associação privada sem fins lucrativos que tem por desígnio promover o desenvolvimento cultural, turístico e económico da Rede Urbana como marca agregadora do património medieval da região do Mondego (artigo 2.º, Capítulo I, Estatutos da Associação). Atualmente, 14 parceiros dão vida à ADCMMM:

- Direção Regional de Cultura do Centro
- Entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal;
- Instituto Pedro Nunes;
- Município de Ansião, Condeixa-a-Nova, Coimbra, Figueira da Foz, Lousã, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penela, Pombal, Soure;
- Universidade de Coimbra.

A Rede de Castelos e Muralhas do Mondego aparece nesta análise pelo facto de tratar de monumentos ao contrário dos exemplos anteriores. Desta forma pareceu importante perceber como funciona o SE de uma instituição de carácter monumental, pelo facto de o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha ter como principal atracção as ruínas.

A disponibilidade da Dr. ^a Ivânia Monteiro para responder a todas as questões que lhe foram colocadas foi essencial para perceber que é possível desenvolver um projeto desta envergadura e obter resultados positivos e inovadores. Durante algumas horas pude acompanhar a Dr. ^a Ivânia Monteiro a uma das sessões com a Escola Superior de Educação de Coimbra e perceber como funciona esta parceria do SE da Rede.

O SE desenvolve vários projetos em que os monumentos não surgem isolados mas ancorados e contextualizados num território, numa cultura, em comunidades vivas. Neste sentido foram desenvolvidas 8 maletas pedagógicas onde o mel da Serra da Lousã, a tecelagem de Almalaguês, o sal tradicional da Figueira da Foz, a olaria do Carapinhal, o

²⁶ <http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/quem-somos>

azeite de Sicó, o arroz do baixo Mondego, o bracejo da ilha e o queijo Rabaçal são os produtos a explorar. Dentro de cada maleta existem moldes do objeto em questão, um manual, fichas de atividades, um livro com histórias infantis que pode ser teatralizado com recurso a fantoches, jogos de tabuleiro e elementos que podem ser utilizados de maneiras diferentes dependendo do público em questão (Sítio em linha em anexo XII). A parceria com a ESEC aparece no âmbito do curso de Animação Socioeducativa onde são disponibilizadas aos alunos as maletas pedagógicas com o objetivo de estes observarem, aprenderem e desenvolverem competências para o uso das mesmas. Mais tarde os alunos podem sugerir atividades e colocar em prática o trabalho desenvolvido com instituições dos concelhos. O uso de parcerias deste género para além de proporcionar aos alunos da ESEC experiência de trabalho, possibilita a criação de novas iniciativas e mão de obra qualificada para a realização das mesmas.

O uso de materiais como as maletas pedagógicas é de facto bastante interessante. O facto de possuírem um tamanho e peso apropriado para o seu transporte, possibilita o deslocamento da informação e das réplicas dos objetos em estudo até aos vários locais. Usado principalmente em escolas, o uso das maletas proporciona o conhecimento de forma lúdica e cativante. Numa primeira fase os dinamizadores apresentam o tema da maleta e colocam o público em contacto com os objetos através da sua história e propriedades, podendo para tal usar como suporte os manuais e réplicas dos objetos, mais tarde a consolidação de conhecimentos é feita através de jogos e experimentações várias.

Para além das maletas pedagógicas, o SE da Rede criou outras dinâmicas para fazer chegar o conhecimento aos mais novos. Criou-se um filme em "desenho animado" onde é apresentada a história de D. Sesnando Davides, o "herói improvável" bem como a criação da linha defensiva do Mondego. Dentro dos materiais utilizados encontramos ainda jogos interativos (Alvazil, Castelos Quiz e jogo da Memória) e um glossário digital sobre os diferentes elementos integrantes que fazem parte destas máquinas de guerra, os castelos. A rede desenvolve ainda passatempos e projetos em parceria com várias instituições, com o objetivo de incentivar o gosto pela descoberta e aprendizagem do território. No projeto "Castelo ficcional: Máquina de guerra sem fim" desenvolvido pelos alunos da ARCA-EAC sob a orientação da Prof. Doutora Luísa Trindade e da Dra. Marta Simões (Universidade de Coimbra) foram desenvolvidas duas maquetas de um castelo ficcional que viriam a ser uma ferramenta pedagógica frequentemente utilizada no âmbito dos públicos escolares e familiares pelo facto de permitirem observar as principais estruturas funcionais de um castelo.

A rede de Castelo de Murallas do Mondego para além das atividades atrás mencionadas, desenvolve ainda um programa cultural vasto. Em parceria com o programa nacional "Ciência viva no verão" foi desenvolvido o programa "Ciência nos Castelos" onde, recorrendo a uma caça ao tesouro, os participantes podem descobrir os diferentes mistérios de todas as diferentes ciências presentes nos monumentos. Dentro da programação cultural encontramos ainda projetos como "Música e Murallas", Congressos, Exposições e uma série de eventos culturais em parceria com diferentes entidades da região.

Por último de salientar a exposição “Castelo de Memória” lançado pela RCMM em abril de 2012 a quinze instituições, públicas ou privadas, vocacionadas para o acolhimento, acompanhamento e/ou ocupação dos idosos no território de intervenção. A partir dos testemunhos reais dos idosos das regiões foram criadas caixas de papel, que ao longo do tempo foram ganhando vida através de histórias, memórias, receitas lengalengas, orações, jogos tradicionais, ladainhas, canções, adivinhas, etc.

A RCMM aparece aqui por desenvolver um vasto programa cultural, onde a criação de parcerias com instituições da região e a inclusão da comunidade local é um dos principais recursos utilizados para a promoção e desenvolvimento da zona patrimonial do centro do país. Também no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades e materiais como forma de impulsão do interesse pela história e monumentos, a RCMM é intensa, apresentado diversos projetos que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha poderia apropriar aos seus espaços, como é o caso da “Ciência viva no Verão”.

I.4 - Mosteiro de Santa Maria da Vitória

A inclusão de um momento como o Mosteiro de Santa Maria da Vitória nesta análise parece fundamental, pela proximidade tipológica e funcional como o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, apesar da disparidade evidente em termos de dimensão e complexidade. A nosso pedido, e por forma a clarificar quais as estratégias aplicadas no que diz respeito ao Departamento do Serviço Educativo, os responsáveis pelo Mosteiro aceitaram responder a algumas questões numa reunião da qual fizeram parte, o Diretor da instituição, o Dr. Joaquim Ruivo, e a responsável pelo SE, a Dr^a Rita Miguel.

A falta de recursos humanos e financeiros para a programação de iniciativas no âmbito do Serviço Educativo surge como um dos principais problemas. Na realidade, a Dr^a Rita Miguel é verdadeiramente a única funcionária que programa e desenvolve competências neste sector, ainda que conte com a ajuda de voluntários e funcionários do mosteiro. Apesar destas dificuldades, limitativas em muitos aspetos, o mosteiro de Santa Maria da Vitória revela-se um exemplo crucial, pela programação permanente e inclusiva, onde a criação de parcerias com instituições de carácter diferente, aparece como uma ferramenta essencial para o sucesso deste sector.

Vejamos alguns desses aspetos.

A principal componente deste SE é o programa de visitas guiadas de carácter permanente destinadas ao público escolar e que pode ser consultado e descarregado no sítio em linha (anexo XII):

“1 - Leitura de Contos:

Atividade que dura cerca de 1h00 e que consiste na leitura de uma história sobre o Mosteiro, ou na leitura da história da Sala do Capítulo. No final, os alunos levam uma folha para pintar na Escola e tentar reconstituir a história / consolidar conhecimentos. Para alunos do 1º ciclo.

2 - Peddy-paper:

Atividade que dura cerca de 2h00 e que consiste na exploração dos diversos espaços do Monumento, de modo que, através da descoberta, haja a interiorização / sedimentação dos conhecimentos adquiridos.

Opções:

a) peddy-paper - "Vamos explorar o Mosteiro"

b) peddy-paper - "Puzzles no Mosteiro" - com mapa e peças de puzzle

c) peddy-paper - "O Mosteiro é uma Sinfonia"

Para alunos do 2º e 3º ciclos

3 - "Vamos a casa do Frei Domingos"

Através de uma personagem fictícia, o "Frei Domingos", dá-se a conhecer às crianças um frade dominicano e a sua vida no Mosteiro da Batalha. No final da visita, os alunos constroem um puzzle com as peças soltas que encontram no Jardim do Claustro Real.

Esta atividade dura cerca de 1h30 e constará de uma visita guiada. Para alunos do Jardim de Infância e 1º ciclos.

4 - "Trivial do Mosteiro:"

Jogo com perguntas sobre o Mosteiro, História, Arte, a Vida Dominicana e a Regra de S. Domingos, onde se solidificam os conhecimentos adquiridos. Esta atividade dura cerca de 1h00 - Para alunos do Ensino Secundário e Superior.

5 - "Oficina de História das Artes":

Breve Palestra ilustrada com diapositivos, seguida de exercícios práticos sobre as obras de arte e documentos escritos, com o objetivo de proporcionar um contacto personalizado com as fontes e os métodos da História da Arte.

Opções:

a) "Em busca de Francisco Henriques, pintor de D. Manuel I".

b) "Materiais e Técnicas da pintura antiga - a pintura mural"

Esta atividade tem a duração de 1h00 - Para alunos do Ensino Superior e Professores"²⁷.

O mosteiro estabelece ainda protocolos com grupos de teatro que, em conjunto, desenvolvem duas visitas encenadas e a iniciativa *Brincadeiras de Pedra e Bronze*.

"Visita encenada "A visita do Marquês" — visita conduzida por 3 atores (1 marquês e 2 frades) que iniciam o seu percurso no portal principal, passando pelos vários espaços do Mosteiro até ao claustro D. Afonso V. — para alunos do 3º e 4º ano do 1º ciclo e 2º ciclo.

Visita encenada "Eram só pedras quando tudo começou" — visita conduzida por 3 atores (arquitetos) que se reúnem de 100 em 100 anos para verificar as condições em que se encontra o seu trabalho — para alunos do 3º ciclo e secundário.

"Brincadeiras de Pedra e Bronze":

"Dinamizadores da nossa herança, os monumentos mostram-nos uma realidade cultural embrenhada em mistério e exotismo. Numa ilustração inédita da história do nosso país, o Mosteiro da Batalha reúne o património das descobertas, conjugando os lados de lá e os de cá. Desta vez, conhecer Portugal será uma viagem por um dos principais monumentos comemorativos dos descobrimentos, e pelos sons do gamelão Gong Kebyar do grupo Bateria.

²⁷ Retirado de http://www.mosteirobatalha.pt/pt/index.php?s=white&pid=211&identificador=bt31_pt

Em parceria com o Mosteiro da Batalha e a Embaixada da República da Indonésia, o grupo Bateria traz-nos o gamelão Gong Kebyar - uma orquestra de instrumentos de percussão tipicamente balinesa, e um dos maiores tesouros da Indonésia e da música que por lá se diz Karawitan.

Numa iniciativa cultural interativa, conhecer o nosso país será sinónimo de cidadania, diálogo intercultural e cooperação. No âmbito do Serviço Educativo do Mosteiro da Batalha, as escolas poderão assistir a uma apresentação do grupo Bateria, e experimentar os instrumentos. Viver o trabalho em equipa, será descobrir a importância de cada membro de um grupo para o resultado final, e a prática dos instrumentos aliará o espírito de equipa a uma viagem singular que nos mostrará que o mundo está mesmo à nossa porta²⁸.

Embora o público alvo das iniciativas seja o público escolar, encontramos neste tipo de actividades a preocupação de ligar o espaço às iniciativas, algo que como já foi mencionado, nem sempre acontecia no MSCV.

Para além das actividades atrás citadas, a Dr^a Rita desenvolve actividades com Universidades seniores e instituições sociais²⁹, ainda que com carácter esporádico.

Um destaque especial tem de ser dado ao facto do Mosteiro dispor de recursos humanos e materiais que possibilitam a execução de visitas guiadas e actividades específicas para o público com necessidades especiais, como o Guião pictográfico e o videoguia em Língua Gestual Portuguesa.

Ainda no âmbito do Serviço Educativo do Mosteiro, encontramos também diversos projetos e colóquios destinados a investigadores, levados a cabo no Centro de Conservação e Restauro do Vitral, situado no piso superior da ala norte do Claustro de D. Afonso V. Para a criação destes projectos, o Mosteiro conta com a colaboração de instituições de ensino superior, como a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, a Universidade de Aveiro e o Instituto Politécnico de Leiria, com vista ao estudo das técnicas de produção e dos mecanismos de degradação do monumento, bem como no que toca à sua conservação.

Nos quatro exemplos apresentados destacam-se pontos importantes para o bom funcionamento de um SE:

- criação de actividades e projetos para os diferentes públicos;
- inclusão de públicos com necessidades especiais;
- criação de parcerias;
- diversidade de programas ancorados nas características da própria instituição;
- elo à sociedade atual, aos seus problemas, preocupações e práticas;

²⁸ <http://www.mosteirobatalha.pt/pt/index.php?s=white&pid=274&identificador=>

²⁹ Lares de idosos, associações e instituições que demonstrem interesse em visitar o Mosteiro

Inerente ao sucesso destas práticas é, todavia, a capacidade que a instituição tem de divulgar as atividades programadas fazendo-as chegar a todos os públicos.

2 - Divulgação/marketing

A questão da divulgação/marketing praticado pelas diferentes instituições de carácter cultural é igualmente um ponto de enorme relevância para o bom funcionamento das mesmas. Por muito boa que seja a programação cultural e educativa de uma instituição, se esta não chegar aos possíveis interessados, de nada vai servir. Assim, para além de um eficiente departamento educativo, a existência de um segmento interno dirigido à divulgação das instituições é tão ou mais importante.

Como já foi mencionado, cabe aos museus acompanhar a evolução tecnológica vivida, mas também desenvolver novos meios de atração no que toca à comunicação, divulgação e marketing. Uma pesquisa às instituições portuguesas permite concluir que o uso de redes sociais é, neste momento, o principal recurso. O uso de plataformas como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *Tripadvisor*, entre outros, é a forma de divulgação programática mais usada na atualidade. O facto de hoje em dia uma enorme percentagem de pessoas ter acesso rápido e usar as redes sociais pelos mais variados motivos, faz destas plataformas um meio essencial no que diz respeito ao conhecimento dos locais e atividades praticadas nos mesmos. O seu uso eficaz, todavia, depende diretamente da capacidade de cada instituição em manter as páginas atualizadas e permanentemente apelativas, o que varia muito de instituição para instituição, dependendo da importância dada a estas ferramentas, da existência ou não de um departamento direcionado para a comunicação/divulgação, ou mesmo do número de pessoas na instituição com a formação necessária para o funcionamento eficaz deste sector. Importa referir que mesmo os media vão, por regra, beber as informações necessárias às redes sociais pelo que o seu papel extravasa em muito o alcance individual do potencial utilizador.

Ainda dentro do mundo das plataformas sociais, a divulgação de atividades em espaços, de alguma forma ligados à cultura, como por exemplo *web* jornais, cartazes culturais, *web* revistas são apenas mais uma das muitas opções possíveis para a divulgação cibernética. A disponibilidade de informação em sítios de carácter turístico tanto a nível nacional como internacional, é um outro meio bastante eficiente de reconhecimento junto do público em geral. Como foi já referido, este departamento é uma das grandes lacunas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pelo facto de não possuir sítio próprio e a divulgação, salvo raras situações, ser feita apenas na página de *facebook* do Mosteiro.

2.1 - Divulgação no Mosteiro:

Quando iniciei o estágio em Setembro de 2015, decorriam nos espaços do Mosteiro as Jornadas Europeias do Património. Esta foi a primeira iniciativa que pude presenciar e, desde logo, a falta de participantes nas atividades despertou o meu interesse. Tendo como tema *Património Industrial e Técnico*, o programa apresentado pelo Mosteiro de Santa Clara-a-Velha variava entre conferências, exposições, teatro, música e documentários. No que diz respeito às conferências, o painel de convidados passava por áreas do saber tão diferentes quanto a Arquitetura, a Medicina, a Economia, a Sociologia, etc³⁰. Embora dirigido a um público tão vasto e heterogéneo, a capacidade de atração foi muito fraca, pouco se fazendo sentir durante os três dias de Jornadas. Numa tentativa de perceber a dinâmica (ou falta de) dos públicos, consegui apurar que a divulgação tinha sido limitada à página de *facebook* do Mosteiro e ao jornal *Diário de Coimbra*.³¹

Este seria, do meu ponto de vista, um dos momentos em que a inserção do mosteiro numa cidade universitária deveria ter sido explorada em todo o seu potencial através de uma divulgação intensiva nas mais diversas faculdades. Sugestão que deixei aos responsáveis pelo Mosteiro.

Em contrapartida, nas semanas seguintes pude participar na Feira do Património, que durante os dias 9, 10 e 11 de Outubro contou com 10.111 entradas. A divulgação levada a cabo pela equipa organizadora do evento (Spira) foi exímia e devia servir de modelo para futuros eventos. Com a antecipação necessária, a informação relativa à Feira foi distribuída por diferentes pontos e instituições da cidade. Foram usados *outdoors*, painéis informativos e colagens em diferentes pontos das ruas de Coimbra. Informação sobre o evento podia ser encontrada no interior de comboios e nas estações da CP e da Rodoviária. No que toca à divulgação em linha, a Spira utilizou jornais, agendas culturais, *facebook*, *youtube* e o sítio em linha da Feira, recorrendo essencialmente a cartazes e vídeos. (Cartaz em anexo VIII)

A análise comparativa dos resultados destes dois eventos, ao nível da discrepância de número de visitantes revela indiscutivelmente práticas distintas em termos de divulgação. De forma simples, distinguem-se entre uma divulgação amadora e uma divulgação profissional.

O papel que a divulgação exerce no sucesso de iniciativas pôde ser confirmada num outro momento. A atividade programada por mim e pela minha colega, *Mosteirando por um dia* (exposto em pormenor em capítulo posterior), teve a sua primeira edição nos dias 30 de Abril e 1 de Maio, e a segunda nos dias 27 e 28 de Maio³².

³⁰ Cartazes em anexo IX

³¹ A notícia sobre as Jornadas Europeias do Património saiu no primeiro dia das mesmas na secção- *Hoje em Coimbra*

³² A atividade foi integrada no evento Coimbra a Brincar, que teve lugar em vários pontos da cidade nos dias 27 e 28 de Maio.

Uma vez programada por nós, a divulgação da primeira edição foi também planeada e executada pelas duas. O cartaz foi enviado digitalmente para meios de comunicação (jornais, revistas, rádios, plataformas informativas, agendas culturais, etc.), Escolas primárias, básicas e secundárias de Coimbra e do distrito. A distribuição de cartazes por escolas e instituições de caráter infantojuvenil foi também feita presencialmente, bem como por cafés, restaurantes e lojas. A iniciativa tinha um custo de 2.5 Euros e um limite mínimo de 12 participantes, abaixo do qual a sua realização seria comprometida. Certamente fruto da divulgação intensa, conseguiu-se atingir um total de 35 participantes.

A divulgação da segunda edição do *Mosteirando por um dia*, foi da responsabilidade do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e da APCC (entidade responsável pelo evento *Coimbra a Brincar*). O MSCV limitou-se a divulgar o cartaz na página de *facebook*, e a APCC não fez divulgação das atividades que iriam decorrer no Mosteiro.³³ Estavam programadas duas sessões por dias, e a entrada era gratuita. Nenhuma das atividades aconteceu por falta de participantes³⁴.

O mais preocupante, foi o facto de as responsáveis do SE do Mosteiro não terem verificado se a divulgação das atividades tinha sido feita pela APCC. Esta falta de atenção pode ser justificada pelo facto de as responsáveis pelo SE desempenharem simultaneamente um conjunto alargado de funções no âmbito do normal funcionamento do Mosteiro. Dispersão que resulta inevitavelmente num deficiente investimento no sector do SE.

Sendo iniciativas rigorosamente iguais, com a única diferença de uma ser paga e outra gratuita sendo a primeira bem sucedida e ficando a segunda muito aquém das expectativas, só podemos concluir como a qualidade da divulgação determina o sucesso dos eventos.

³³ Pelo que pude apurar a APCC ficou encarregue de grande parte da divulgação, e não fez das atividades do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha por lapso.

³⁴ A falta de participantes pode também ser justificada pelo mau tempo sentido nos dois dias do *Coimbra a Brincar*.

2.2 - Divulgação em instituições culturais:

Um exemplo de divulgação em redes sociais é mais uma vez o Museu Nacional de Arte Antiga. Com mais de 38.000 seguidores, a página de *facebook* do Museu disponibiliza toda a informação necessária sobre o local e sobre os eventos, passados e futuros. Para além da constante atualização no que toca a futuros eventos, consegue-se ter acesso à agenda digital do museu. Todos os meses o MNAA lança um vídeo com a sua programação cultural. Profissional e apelativo, pode ser visualizado na página do museu, no seu canal de *youtube* e no *facebook*.

Para além do uso das plataformas mencionadas atrás, o MNAA encontra-se ativo no *instagram*, *twitter* e *tripadvisor*. No que diz respeito ao sítio em linha, pauta-se por uma contínua atualização dos conteúdos, disponibilizados em português e inglês, e oferecendo toda a informação sobre o local e exposições, bem como das conferências de imprensa realizadas e dos inúmeros parceiros que colaboram com o Museu. É também aí que pode ler-se como "o novo sítio *Web* do Museu Nacional de Arte Antiga foi concebido e implementado, pela Waynext, numa tentativa de aumentar a sua acessibilidade em conformidade com a Resolução do Conselho de Ministros Nº 97/99 sobre acessibilidade dos sítios da administração pública na Internet pelos cidadãos com necessidades especiais"

A estas ferramentas o MNAA associa a produção de *Newsletter* mensais (julho/agosto uma só) em papel, cartazes e *flyers*, desdobráveis, etc.

Na cidade de Coimbra, encontramos alguns exemplos de divulgação em locais como o Museu Nacional Machado Castro, o Teatro Académico Gil Vicente ou o JACC/ Salão Brazil. (Sítios em linha em anexo XII)

O MNMC, para além da privilegiada localização, dispõe ainda de uma programação anual ao nível genérico (exposições). Relativamente ao Serviço Educativo fomos informadas como "as atividades mais específicas são programadas mensalmente, em conjunto pela Direção e área da comunicação. É da competência da Diretora a aprovação das mesmas"³⁵.

No que toca à divulgação praticada pelo Museu ficámos a saber que: "a divulgação é realizada ao nível dos serviços centrais, na DGPC e ao nível do museu, pela área da comunicação, via *newsletter*, *facebook*, *blog*, e via correio electrónico para os endereços constantes de uma base de dados construída ao longo do tempo. Acrescem alguns órgãos de comunicação, como os diários de Coimbra e das Beiras, ou a Agenda 7, entre outros.

³⁵ No dia 14 de Dezembro a Doutora Ivone Lopes Tavares (Técnica-Superior) respondeu ao questionário em reunião no MNMC (questionário em anexo XI)

O Museu usa igualmente as parcerias criadas com a Alzheimer Portugal, Associação Integrar, ACAPO, ANAI, FPCE-UC, APCC entre outras” ou os protocolos com instituições académicas, como a Universidade de Coimbra. As Câmaras Municipais, Associações de Amigos, Turismo do Centro, Turismo de Portugal e um protocolo específico para a realização de atividades com a Liga dos Amigos do Museu são igualmente meios onde a divulgação é feita.

Para além da divulgação em linha, o museu distribuiu cartazes das iniciativas pelas Faculdades, Pontos de Turismo da Cidade, hotéis, etc.

Os *flyers* informativos do Museu encontram-se disponíveis em português, inglês, francês e espanhol.

Na vertente das artes performativas, encontramos na cidade de Coimbra o Teatro Académico Gil Vicente e o JACC/ Salão Brasil.

No que diz respeito ao Teatro Académico de Coimbra encontramos a seguinte informação: “Atualmente, ao assumir-se cada vez mais como polo de conhecimento e formação artística, o TAGV oferece uma programação regular e diversificada, integrando Coimbra nas redes nacionais e internacionais, nos domínios do teatro, da dança, da música e do cinema. Para além da sua componente educativa e formativa o TAGV procura, quer através da sua programação quer através das iniciativas solidárias que organiza, que a cultura chegue de forma igual e inclusiva a todos os cidadãos.”³⁶

O teatro integra a rede 5 Sentidos juntamente com 9 teatros nacionais³⁷ com o “(...)intuito de promover a programação cultural (...), a produção artística em rede e fortalecer o desempenho dos parceiros, dinamizar a criação artística e alargar os públicos.”³⁸

Já sobre o JACC/Salão Brasil encontramos na página de *facebook*: “À vantagem da sua centralidade, alia o charme de se situar num edifício centenário - um antigo e tradicional salão de bilhares - agora reconvertido em sala de espetáculos. (...). A partir de 2004 ganhou uma nova dinâmica com o Restaurante, Sala de Exposições e de Atividades Culturais, essencialmente ligadas à música.”³⁹

³⁶ <http://www.tagv.pt/apresentacao/>

³⁷ Teatro Viriato (Viseu), Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), Centro de Artes de Ovar (Ovar), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Maria Matos Teatro Municipal (Lisboa), Teatro Micaelense (Ponta Delgada), Teatro Municipal da Guarda, Teatro Nacional São João (Porto) e Teatro Virgínia (Torres Novas).

³⁸ <http://www.tagv.pt/5-sentidos/>

³⁹ https://www.facebook.com/pg/Salaobrazil/about?ref=page_internal

Para além do estabelecimento de parcerias com instituições locais, nacionais⁴⁰ e internacionais, a divulgação programática do TAGV e do JACC/Salão Brazil passa pela página de *facebook*, sítios em linha das instituições, páginas de *youtube*, *newsletter*, *tripadvisor*, *twitter*, *blogs*, agendas culturais, como a agenda 7, Eventos Coimbra, Viral Agenda, Cultur'Arte Mag, Coimbra Preguiça Magazine e meios de comunicação locais e nacionais. Conseguimos ainda ter acesso aos eventos programáticos nos painéis informativos da cidade e nos pontos de turismo.

Depois dos exemplos mencionados podemos concluir que, no que diz respeito a locais fixos, a divulgação deve ser feita em pontos estratégicos. Para além dos já mencionados painéis informativos e *outdoors* espalhados pelas cidades, os pontos de turismo são essenciais para que o público tome conhecimento da variedade cultural e turística das cidades. Também os aeroportos, estações de comboios e autocarros deviam ter informação dos locais de maior interesse cultural das cidades (e regiões envolventes) por serem pontos de chegada/ paragem de turistas. Desta forma, a partir do momento em que entram na cidade, os visitantes são postos em contacto com a oferta cultural disponível, atingindo os que vêm no âmbito cultural/turístico, mas também todos os outros que procuram a cidade por motivos de trabalho e que, mediante uma publicidade bem feita podem deixar-se "contaminar".

Num país cada vez mais ligado ao turismo, a atenção dada às novas técnicas de divulgação deve ser considerada como fundamental, sob pena de deixar a instituição fora do mais importante fluxo de notícias. Algo a que sobretudo as instituições culturais de cidades do interior não podem expor-se.

⁴⁰ Universidade de Coimbra, Turismo do Centro, Turismo de Coimbra, Câmaras Municipais, etc.

2.3 - Impacto geográfico:

Embora saibamos como a localização geográfica tem naturalmente impacto sobre o número de visitantes em espaços culturais decidiu-se fazer uma análise comparativa entre vários museus e monumentos com diferentes localizações, uns mais litorâneos, outros mais interiores). Para tal, e como já foi mencionado, foram enviados questionários a mais de 40 instituições espalhadas pelo país, das quais apenas 13 responderam. Para além dos questionários, e uma vez que a resposta dada a estes ficou aquém das expectativas, o uso de plataformas estatísticas foi essencial para dar resposta a esta questão. Através do Instituto Nacional de Estatísticas ficamos a saber que no ano de 2015 funcionavam em Portugal 388 museus, tendo atingido um total de 13 660 668 visitantes, dos quais 5 247 009 foram estrangeiros e 1 713 934 foram visitantes inseridos em grupos escolares. Os números apresentados pelo INE mostram que desde do ano de 2012 tem existido um crescimento anual significativo. Em baixo é apresentado um gráfico respectivamente ao número de visitantes desde do ano de 2012 até ao passado ano de 2015.

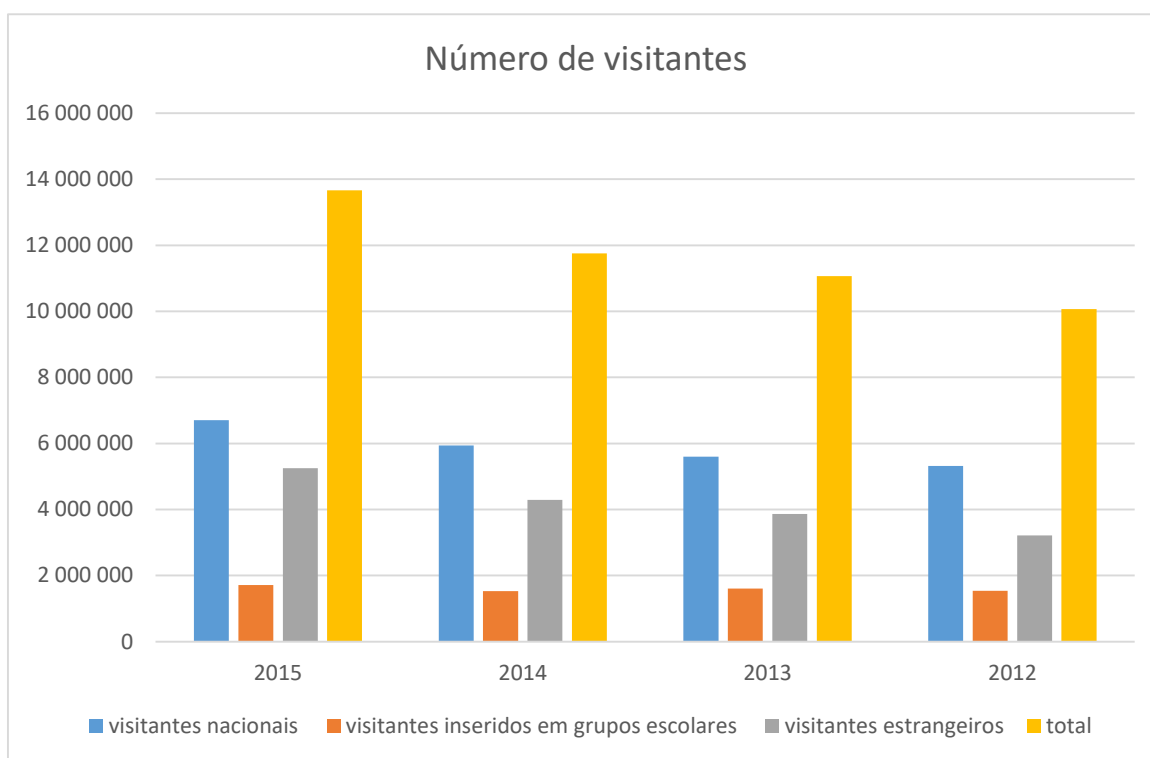


Figura I- gráfico relativo ao número de vititantes desde de 2012 a 2015

A observação do gráfico torna desde logo evidente o crescimento generalizado de visitantes nos museus nacionais. Dados que não são apenas veiculados pelas estatísticas do INE⁴¹, mas também pela tabela disponibilizada no sítio da Direção-Geral do Património Cultural.⁴²

Nos quadros de estatísticas da DGPC, para além do número de visitantes são também apresentados os números relativamente aos visitantes nacionais e estrangeiros quer nos Monumentos, Museus e Palácios por ela tutelados, tendo uma taxa de crescimento total de 34,4 % desde do ano de 2010 até ao ano de 2015. No que diz respeito aos visitantes nacionais este crescimento foi sentido de um modo geral no que diz respeito ao ano de 2015, tendo uma maior taxa de crescimento nos palácios Nacionais (13.2%). Já no âmbito de visitantes estrangeiros, o aumento foi sentido também de um modo geral. Sendo que, no que diz respeito a entradas em Monumentos nacionais, a entrada de visitantes estrangeiros chegou mesmo a ultrapassar as nacionais consideravelmente (nacionais 376.118; estrangeiras 2.059.029).

Tudo corrobora a forma como Portugal é cada vez mais um local de interesse nas rotas do turismo mundial, razão por que a inscrição dos dados relativos às instituições de carácter cultural nas plataformas internacionais é essencial, por forma a marcar presença desde o primeiro momento da construção de circuitos e ofertas de programas.

Olhando agora detalhadamente para a questão do posicionamento geográfico foi possível perceber, como expectável, que os situados nas cidades de Lisboa e do Porto são os mais visitados⁴³.

Mas mesmo que não nos guiemos pelos números de instituições como o Mosteiro dos Jerónimos (943.831) ou a Torre de Belém (607.836), basta analisarmos casos como o Mosteiro da Batalha (330.047), o Palácio Nacional de Mafra (301.461), o Mosteiro de Alcobaça (198.406) ou o Convento de Cristo (254.313) para perceber como a localização fora das duas grandes cidades não é necessariamente determinante.

De forma a perceber quais as estratégias aplicadas no que diz respeito à divulgação e inserção em roteiros nacionais e internacionais, durante a reunião com os responsáveis do Mosteiro da Batalha, foram colocadas algumas questões relativamente ao número de visitantes apresentado.

Nesta reunião foi possível perceber que o número de visitantes estrangeiros representa cerca de 75% dos visitantes anuais do monumento, percentagem surpreendente, tendo em conta que o monumento não se insere em roteiros estrangeiros nem detém um departamento de divulgação estruturado. A justificação encontrada pelos responsáveis,

⁴¹ https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados

⁴² http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas_visitantes_dgpc_2015.pdf

⁴³ No topo da tabela encontramos o Museu Coleção Berardo (823.092), seguido da Fundação Serralves (524 727), Museu Nacional dos Coches (346.718) e da Fundação Gulbenkian (324.000)

http://pt.museuberardo.pt/sites/default/files/documents/informacao_estatistica_7.pdf

<http://www.serralves.pt/documentos/STATS/estatisticas%20para%20site.pdf>

http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas_visitantes_dgpc_2015.pdf

<http://observador.pt/2016/01/08/museus-da-gulbenkian-registaram-324-mil-visitantes-2015/>

é o facto de o Mosteiro se inserir na Rede dos Mosteiros Portugueses Património da Humanidade, na qual se articula com o Mosteiro de Alcobaça e o Convento de Cristo, de forma a potencializar três importantes recursos culturais da zona centro e enaltecendo a importância patrimonial dos locais para a sociedade. O projeto levado a cabo pelo IGESPAR tem como objetivo dar a conhecer o conjunto de três monumentos da maior importância histórica e arquitetónica, a nível nacional e internacional, localizados num privilegiado local do território nacional do ponto de vista paisagístico, articulando-se com outros polos de interesse e atratividade importantes, como o Santuário de Fátima e o Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, e ainda com um largo conjunto de património difuso.

A Rota dos Mosteiros tem como tema-chave, a Ordem de Cister (no Mosteiro de Alcobaça), os campos de Batalha (no Mosteiro da Batalha), e os Templários (no Convento de Cristo), complementando entre si para a compreensão plena da génese e do desenvolvimento daquele território e do país, sendo por isso, explorados em toda a sua diversidade nesta rede. Os Descobrimientos Portuguese complementam esta visão e, por esse motivo, o Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa) está também associado à rede, no âmbito da programação cultural.

Nesse sentido a rede desenvolveu um bilhete conjunto da Rota dos Mosteiros com o valor de 15 euros, que permite aos visitantes entrarem nos três mosteiros.

Para além da Rota dos Mosteiros, o mosteiro faz também parte da Rota de Fátima, que no ver dos responsáveis é também um dos grandes justificativos para o sucesso do monumento no que diz respeito à entrada de visitantes.

A criação de parcerias e a inserção dos monumentos em rotas deste género aparece como uma ferramenta essencial para atrair o público a estes três mosteiros localizados fora das grandes metrópoles, que desta forma, e aliada a uma divulgação cuidada conseguem dar-se a conhecer.

Assim, a localização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, tanto mais que Coimbra fica a meio caminho entre as cidades de Lisboa e do Porto, e perto do litoral, bem servida por transportes, não pode ser causa para o baixo número de visitantes.⁴⁴

Mais uma vez apenas se pode concluir como a criação de parcerias e a inserção em roteiros nacionais e internacionais, bem como a inexistência de um departamento de divulgação/marketing, capaz de colocar na agenda e chegar a um público vasto, pode ser o motivo principal para o número apresentado. Aspeto tanto mais evidente como, tal como já referido, o vizinho Portugal dos Pequenitos, apresenta cifras muitíssimo superiores⁴⁵.

⁴⁴ Relembrar que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha teve 61.326 visitantes no ano de 2015

⁴⁵ Vide supra p. 27.

3 - Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Depois da breve análise feita ao longo deste capítulo, estão reunidas as informações necessárias para fazer uma análise àquele que foi o principal objeto de estudo no período de estágio.

Durante um período de 6 meses foi possível observar e participar de uma reestruturação daquilo que seria o Departamento de Serviço Educativo do MSCV. Embora numa primeira abordagem com a instituição, em que esteve presente a orientadora da FLUC, Prof. Doutora Luísa Trindade, fossem expostos os objetivos ideais do estágio — a compreensão alargada e transversal do funcionamento de todos os setores da instituição — por vários motivos, já anteriormente mencionados esta planificação não foi seguida, principalmente por o mosteiro não funcionar verdadeiramente por sectores e por ser prática corrente a partilha de funções por todos os funcionários.

Assim, inicialmente, foi-me pedido que acompanhasse a Dr^a Lígia Negrão, responsável pelas atividades do Serviço Educativo. Rapidamente se tornou claro que não existia uma estrutura claramente identificada e consolidada dedicada a este serviço, pelo qual, aliás, a Dr^a Lígia não se considerava responsável. Tal foi particularmente visível por, à data, não existirem atividades planeadas para o ano de 2015/2016. No seguimento do estágio o contacto com a Dr^a Lígia foi constante, e permitiu perceber o porquê de este departamento ter “caído em esquecimento” dentro da instituição. A falta de verbas para a criação de atividades foi uma das grandes justificações encontradas. Depois de planeadas, as ações são reencaminhadas para a DRCC para aprovação, o que nem sempre acontece pelo facto de implicarem gastos extras.

Numa tentativa de compreender o perfil deste serviço, foi feito o levantamento das atividades realizadas desde do ano de abertura 2009 até ao ano de 2015, período de tempo em que o Mosteiro esteve sob alçada de diferentes direções (a primeira de 2009 a 2013, a segunda desde então até agora).

3.1 - Atividades do Serviço Educativo

Durante os anos de 2009 e 2013 o mosteiro de Santa Clara-a-Velha e o Serviço Educativo levaram a cabo uma série de iniciativas. No programa permanente encontrávamos: as visitas orientadas, visitas temáticas, oficinas pedagógicas; De carácter temporário: *Férias no Mosteiro* e datas comemorativas.

No âmbito da reconstituição das atividades do serviço educativo no período de 2009-2013 é possível destacar:

Visitas:

As visitas orientadas à Exposição permanente/ Exposições temporárias e as visitas temáticas: “A história de amor de Pedro e Inês, vivida no Paço da Rainha”, “ As histórias da Rainha Santa Isabel, exemplo de bondade e virtude, padroeira da cidade de Coimbra e fundadora do Mosteiro”, “Freiras e Donas: aspetos da vida quotidiana das Clarissas”. Para além destas, temas como a clausura, os enterramentos e a visão da morte na Idade Média, a Horta Monástica e as características arquitetónicas da Igreja e das suas dependências servem de base a uma abordagem mais detalhada na realização de visitas.

Oficinas pedagógicas 2009/2013⁴⁶

Público-alvo: alunos da Educação Pré-escolar, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Básico.

Temáticas:

- A Oficina *Artes com História* decorria em dois momentos: um percurso pela Exposição com uma breve abordagem da história do Mosteiro e espólio arqueológico; seguido da escolha e execução prática de um motivo, recorrendo à utilização de técnicas de desenho, pintura, modelagem, construção, etc.

- Oficina *E se eu fosse Arqueólogo?* Incentivava a iniciação à arqueologia a partir de visitas ao espaço a das atividades: *A descoberta do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha; A descoberta da Ruína;*

Esta oficina permite aos "jovens arqueólogos" participarem de uma simulação de escavação e de uma montagem de exposição, bem como de atividade ligadas à conservação e restauro (marcação de peças, desenho arqueológico e colagem)

- A Oficina *E se eu fosse Antropólogo?* Pretendia transmitir conhecimentos na área da antropologia, através de uma visita guiada aos espaços do museu e monumento, seguida de uma explicação com base num Powerpoint *O que é ser Antropólogo?* A parte prática da oficina passava pela iniciação à

⁴⁶ É possível ver alguns dos cartazes em Anexo XIII

antropologia, realização de trabalhos em laboratório e atividades lúdico-pedagógicas através do contacto direto com ossos.

- *E se eu fosse Arquiteto?* Promovia o contacto dos mais novos com noções base de arquitetura, através da observação e das atividades: *À descoberta do Mosteiro* onde se inicia a visita pela história arquitetónica destes espaços; *Construir com pedras*: atividade onde se ensina a “ler” a planta da igreja e a identificar os diversos elementos construtivos ali presentes. Por último, os participantes são convidados a voltar ao centro interpretativo para observarem o espólio arquitetónico e construir as suas próprias rosáceas e vitrais.

- *O Mosteiro em Movimento- Santa Clara a Dançar*: Com uma duração de 2 dias e dotada de componente prática e teórica, a oficina pretendia explorar as danças tradicionais de Coimbra através das personagens típicas da cidade.

- A Oficina *As Joias da Coroa* tinha por foco a apresentação/observação e explicação de adereços e adornos das Donas e Freiras, encontrados nas escavações do Mosteiro. Seguidamente, e utilizando diferentes técnicas e materiais, os alunos criavam as suas joias, aplicando os conhecimentos recém-adquiridos e dando largas à sua imaginação e criatividade.

- Com a Oficina *O Meu Brasão*, pretendia-se que o aluno consolidasse os seus conhecimentos de história através da observação de brasões presentes na arquitetura, escultura e tampas tumulares do mosteiro de Santa Clara-a-Velha; procurava-se que, de forma divertida, aprendesse a distinguir os diferentes brasões de armas e compreendesse o seu papel e significado. Por último o aluno era convidado a decorar um brasão recorrendo a um modelo em gesso e a pintura com tintas.

- *Vamos fazer azulejos? / Quadradinhos de História*: esta oficina promovia o conhecimento dos azulejos, uma das marcas de construção do Mosteiro, o conhecimento das suas origens, dos diferentes padrões e a aplicação desse conhecimento com a criação de azulejos.

- A Oficina *Vamos Fazer Iluminuras* tinha por objetivo a aprendizagem das técnicas de produção e acabamento de iluminuras, baseada numa apresentação da atividade dos monges copistas com

recurso a suportes audiovisuais, visitas guiadas e a uma oficina de pintura onde os participantes eram convidados a fazer uma iluminura à escolha.

- Na *Oficina de Pintura - Cores, tintas e pincéis*, apresentava-se aos participantes a história do mosteiro por forma a motivar a escolha de um tema para a realização de um desenho e pintura (história, arquitetura, personagens, etc). Transmitiam-se noções básicas sobre pinturas em acrílico, colocando os participantes em contacto com as diferentes técnicas, recursos e processos utilizados na pintura.

- *Pinturas em Cabaças*: Oficina realizada durante o período da manhã e da tarde, os participantes são convidados a pintar cabaças, construir casas em papel para pássaros e modelagem de balões.

- *Grafitos e Esgrafitos*: A partir dos motivos decorativos da arquitetura dos edifícios do Mosteiro, criavam-se frisos decorativos em barro com diferentes composições.

- *Oficina de Cerâmica*: Com a colaboração da artista plástica Élia Ramalho, nesta oficina era feito um atelier de cerâmica com o objetivo de executar um presépio.

- *Vamos fazer azulejos?* A Oficina começa com a visualização de um Powerpoint- *Maravilhas Árabes no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, seguida de uma visita guiada sob a temática *Pelas Árábias no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, onde é feita a observação e identificação dos azulejos. Ao longo do dia elaboram-se e pintam-se azulejos.

- *Oficina de Escultura*, com a duração de dois dias, iniciava-se com uma parte teórica pela qual os participantes ficavam a saber um pouco mais sobre a história do barro e as técnicas utilizadas para a modelagem do mesmo. O contacto com esse elemento e técnicas utilizadas era então feito a partir da criação de um molde para uma peça escultórica. Depois de realizada a peça, observavam-se os elementos escultóricos e cerâmicos presentes no centro interpretativo focando essencialmente o acabamento pictórico. Só depois disso os alunos pintavam e finalizavam a peça.

- A oficina de Expressão dramática *Um Dia com a Freira Hilária* desenvolve-se em dois momentos: começa com um passeio pela História com a Freira Hilária dando a conhecer os costumes e o

dia-a-dia das antigas clarissas. A segunda parte passa por jogos de movimento, improvisação e intervenção (aprendendo a dar vida a uma qualquer personagem do passado através de algumas técnicas utilizadas em Teatro).

- *Fazer do Mosteiro um Palco:* Oficina de expressão dramática / teatro direcionada para o trabalho dos atores na construção de personagens, bem como da narrativa e estratégias de comunicação e colocação de voz.

- A Oficina *Dia de Santo António* e a Oficina *Vamos Comemorar os Santos Populares* desenvolve-se em torno das ordens religiosas mendicantes, incluindo uma visita Guiada ao Mosteiro e Paço da Rainha para uma contextualização espaço-vivencial da vida das clarissas, seguida da apresentação da Figura de Santo António como franciscano.

A propósito dos Santos Populares e do manjerico, a oficina incluía noções breves sobre a importância das plantas aromáticas e das hortas monásticas nas casas religiosas.

- *S. Francisco e o Presépio- Das mãos nascem figuras. ...:* O dia começava com a receção dos participantes no centro Interpretativo onde se explicava a origem franciscana do presépio. Seguiu-se até à Casa do Paço onde era contada uma pequena história do origami - técnica de dobragem. Durante o período da tarde iniciava-se a construção das figuras em origami, para mais tarde se proceder à sua decoração.

- *Atelier de Origami- Vem Construir as figuras do Mosteiro:* nesta oficina realizaram-se vários modelos de origamis com ligação ao Mosteiro tais como a igreja, a freira, o coração de Pedro e Inês, a coroa da Rainha Santa, entre outros elementos genéricos como o gato, carpa, cisne, etc.

- *Decoração com arte:* No âmbito da Oficina de Natal 2012 e 2013, foram produzidos trabalhos manuais para a produção de enfeites natalinos.

- *Artes com História:* A oficina inicia-se com uma visita guiada pelo centro interpretativo e pelo Mosteiro. Por último procede-se à escolha de um motivo para a realização prática de um desenho, pintura, modelagem, etc.

- Oficina *Papagaios ao vento* remete para história e origens deste brinquedo bem como os materiais necessários para a sua construção na atividade “À Descoberta dos materiais”. Num segundo momento, os participantes eram convidados a construir um papagaio de papel.

- *Mimos Doces do Convento* - uma das grandes heranças da ordem religiosa de Santa Clara são os doces conventuais. Com esta oficina pretendia-se que os pequenos pasteleiros aprendessem regras de higiene utilizando um chapéu de pasteleiro executado por eles próprios. Depois eram fornecidas receitas de massas e recheios para a execução dos doces, acabando com uma aula sobre decoração em pasta de açúcar, feita através de cortadores e modelagens simples.

- Dentro da mesma temática organizava-se a *Oficina Mimos Doces na Páscoa*, que consistia numa caça a ovos e pintura dos mesmos, seguida da construção de uma caixa para ovos de chocolate que eram confeccionados.

- *A Oficina de Cupcake* - esta atividade tinha por base a Oficina Mimos Doces do Convento, com a diferença de se executarem *cupcakes* e bolachas.

- Oficinas na Horta Monástica:

A Horta Monástica é um dos atrativos do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pelo facto de neste espaço o público poder estar em contacto com as diferentes espécies agrícolas utilizadas pela ordem que aqui habitou, ficando simultaneamente a par dos seus hábitos alimentares. Por ser um local educacional ele foi e é utilizado para diversas Oficinas, sendo algumas delas:

- *Recriação da Horta monástica* (apropriação do terreno plantação de sementes, árvores, ervas aromáticas, manutenção)

- *Aprendendo na Horta*. Visita ao centro Interpretativo e à Horta Monástica (conhecimento das espécies) Atividades (“A minha horta imaginária”, “De pequenino se pega no ancinho”, “Espantalho Brincahã”))

- *Desvendando a Horta Monástica*: Visualização de um documentário (PowerPoint acerca da evolução Agrícola). Apresentação da Horta monástica. Atividades: (“Jogo das sementes”, “Apura os teus sentidos: degustação de chás e produtos biológicos”)

- *Chegou a Primavera!* visita à Horta Monástica e reconhecimento das suas ervas medicinais. Posteriormente, elaborava-se um herbário e procedia-se ao cultivo de uma planta.
- *O Espantalho na Horta Monástica:* a oficina realizou-se no âmbito das oficinas de Páscoa, com o objetivo de construir um espantalho para a Horta Monástica
 - *À Noite no Mosteiro:* a oficina, consistia na montagem de um acantonamento, visita à ruína, um *peddy paper*, de um Bilhete de Identidade do Mosteiro e na leitura de histórias. Terminava com uma ceia.
 - *Um dia- no Mosteiro; Na Horta Monástica; Na Exposição; No Paço da Rainha;* sobre esta Oficina de Verão, com a duração de 4 dias (um dia dedicado a cada espaço) não se conseguiu encontrar informação sobre as atividades realizadas.
 - *Nós, Vós e as Freiras de Santa Clara:* esta oficina consistia num ateliê de fantoches, onde os participantes aprendiam a elaborar os bonecos a partir da criação de personagens relacionadas com o Mosteiro.
 - *Bolhas de Sabão:* nesta oficina com a duração de um dia, realizada no âmbito da comemoração da Páscoa, pretendia-se ensinar aos participantes os hábitos de higiene das freiras clarissas, e quais os cuidados a ter com o nosso corpo. No final era produzido um sabonete e sais de banho, o respetivo embrulho e decoração do frasco.
 - *Há Ciência no Mosteiro:* sobre esta oficina apenas foi encontrada a informação de que inicialmente era feita uma visita aos espaços do museu e mosteiro seguida da atividade “Ser cientista por um dia”. O dia acabava com a pintura de um mural.

4. Jogos Pedagógicos

Público-alvo: alunos do Primeiro, Segundo e Terceiro Ciclos do Ensino Básico

- *Aventuras no Mosteiro*: este jogo tem por objetivo partir à descoberta do edifício monástico, em equipa, através da observação dos vários elementos da arquitetura e da história do Mosteiro.
- *Bilhete de Identidade do Mosteiro*: possibilita o alargamento das referências de base sobre a história do Mosteiro de uma forma lúdica, integrando a realização de um *peddy paper*, a resolução de um questionário em equipa e a montagem de um puzzle gigante.
- *Pé ante pé no Convento*: um percurso pela vida quotidiana do Mosteiro, no passado, que integra a exploração da Exposição Permanente através de um jogo pedagógico de identificação de atividades e objetos que faziam parte do seu dia-a-dia.
- *Acerca do Mosteiro*: jogo de tabuleiro em formato gigante, inspirado no conhecido Jogo da Glória, que permite testar e consolidar os conhecimentos após uma visita guiada à Exposição e ao Mosteiro.
- *Freiras e Donas de Santa Clara*: realização de um *peddy paper* em equipa, acompanhado por um questionário sobre a Exposição Permanente, após a visita guiada. Este jogo destina-se exclusivamente aos alunos do Terceiro Ciclo do Ensino Básico.
- *Jogos do Convento*: depois de explorarem a igreja e as suas dependências, os alunos são apresentados aos jogos tradicionais do passado através de uma gincana, charadas e adivinhas. Em “Vamos Criar...” dá-se a construção de um jogo tradicional com materiais reutilizáveis.
- *Aniversário no Mosteiro* - destinada a crianças entre os 5 e 12 anos

Os pais e crianças interessados em celebrar um aniversário diferente e divertido podem entrar em contacto com o Mosteiro e usufruir de um dia único neste espaço.

Ao aniversariante e acompanhantes é feita uma visita guiada ao Centro Interpretativo, horta e monumento. Diversas atividades lúdico-pedagógicas (a escolher pelos interessados) realizadas no mosteiro, atividades de expressão plástica relacionada com a personagem do Mosteiro à escolha. Emissão de cartões de convite e decoração festiva de acordo com a escolha da personagem do Mosteiro escolhida.

As personagens do Mosteiro são: A Rainha Santa Isabel, D. Dinis, D. Inês de Castro, D. Pedro, Freira Clarissa, Peregrino, entre outros.

Férias no Mosteiro

No decurso das interrupções das atividades letivas, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, organiza um conjunto variado de Oficinas Pedagógicas para ocupação de tempos livres de uma maneira divertida e pedagógica. As atividades são definidas de acordo com a constituição do grupo (idade, número de participantes).

Destinadas a crianças entre os 5 e os 12 anos, estas oficinas eram realizadas nas férias de Natal, férias de Carnaval, férias de Páscoa e nas férias de Verão.

Datas comemoradas:

- 19 de Setembro - Dia Mundial do Teatro
- 26 - 28 de Setembro - Jornadas Europeias do Património
- 1 de Outubro - Dia Mundial da Música
- 31 de Outubro - Dia das Bruxas
- 5 de Novembro - Dia da Cultura
- 17 de Novembro - Dia da Criatividade
- 18 - 24 de Novembro - Semana da Ciência e da Tecnologia
- 10 de Dezembro - Dia do Palhaço
- 7 de Janeiro - Dia Comemorativo da Morte de Inês de Castro
- 11 de Fevereiro - Dia Mundial do Doente
- 21 de Março - Dia Mundial da Poesia
- 22 de Março - Dia Mundial da Água
- 27 de Março - Dia Mundial do Teatro
- 18 de Abril - Dia Internacional dos Monumentos e Sítios
- 18 de Maio - Dia Internacional dos Museus
- 1 de Junho - Dia Mundial da Criança (todos os anos)
- 5 de Junho - Dia Mundial do Ambiente
- 13 de Junho - Dia de Santo António
- 4 de Julho - Dia da Cidade
- 26 de Julho - Dia dos Avós
- 19 de Agosto - Dia Mundial da Fotografia

Atividades realizadas em 2014/2015

Aprendendo no Mosteiro - No ano de 2014 foi criado um protocolo entre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e o Agrupamento de Escolas Dr. ^a Maria Alice Gouveia, mais especificamente com alunos do Currículo Específico Individual (AECS). Neste sentido foi criada a atividade *Aprendendo no Mosteiro*, realizada uma vez por semana durante o período escolar. A atividade consiste em desenvolver diversas iniciativas lúdico-pedagógicas apropriadas às dificuldades apresentadas pelos alunos.

A parceria entre a DRCC e o AEMAG é motivada pelo interesse em implementar um conjunto de "procedimentos conducentes à adequada valorização e fruição do património histórico, arquitetónico e arqueológico, nomeadamente no âmbito do desenvolvimento de atividades pedagógicas e educacionais no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (...)"⁴⁷. O grupo de crianças vai mudando de ano para ano, embora alguns dos alunos, pelo facto de gostarem da experiência, participarem de novo nos anos seguintes. O protocolo prolongou-se até ao ano letivo de 2015/2016 e possibilitou o meu acompanhamento e participação ativa durante o período de estágio. Assim, foram desenvolvidas propostas depois discutidas com a Dr. ^a Lígia Negrão e a Professora responsável pelo grupo de seis alunos adolescentes e pré-adolescentes com necessidades educativas especiais.

Com a entrada em funções da nova direção, em 2014, a programação deu particular importância a datas comemorativas. Destacamos as seguintes:

Jornadas Europeias do Património - Durante três dias o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha apresenta um programa de atividades (conferências, visitas guiadas, concertos, teatro) com convidados das mais diversas áreas.

Dia das Bruxas - Em parceria com o Curso Profissional de Animador Sociocultural da Escola Secundária D. Duarte de Coimbra esta noite é celebrada com representações e animações.

Dia Internacional dos Museus e Noites nos Museus - inserido em "Coimbra- rede de Museus" desde de 2007 os vários museus e instituições da cidade trabalham em conjunto de forma a proporcionar aos cidadãos uma programação rica e diversificada. Neste dia o MSCV realiza conferências, abertura de exposições, *workshops*, visitas guiadas, etc.

Dia Internacional dos Monumentos e sítios- Em parceria com várias instituições o MSCV apresenta um programa repleto de conferências, seminários, *peddy paper*, *rally papers*, visitas guiadas, percursos orientados e espetáculos artísticos.

Dia Internacional do Doente - Conferência e debates com especialista da área da saúde, como por exemplo o Bastonário da Ordem dos Médicos, Dr. José Manuel Silva

⁴⁷ Consultado em: *Protocolo de colaboração entre a DRCC e o Agrupamento de Escolas Maria Alice Gouveia*.

Dia Internacional do Brincar- Desenvolvido pela Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, são feitas diversas parcerias com instituições da cidade, sendo uma delas com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. As atividades consistem em jogos, leituras de histórias, sessões de cinema, *peddy papers*, atividades desportivas, teatro, artes plásticas, etc. No ano de 2016 as atividades propostas pelo MSCV para o evento *Coimbra a Brincar* nos dias 27 e 28 de maio foram as atividades *Mosteirando por Um Dia* e *Isto são coisas de Fantoches*.

Dia Internacional do Jazz- “A data foi criada pela UNESCO e anunciada pelo pianista e embaixador da boa vontade da UNESCO, Herbie Hancock.

Em 2012 foi celebrado pela primeira vez o Dia Internacional do Jazz. A comemoração tem como objetivo relembrar a importância deste género musical e o seu contributo na promoção de diferentes culturas e povos ao longo da história.”⁴⁸

Em parceria com a *Tone Music School* o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha celebra este dia com um espetáculo num combo de jazz, com cinco elementos.

Dia da Criança - Ao longo do dia se realizam diversas atividades e jogos.

Fora do âmbito das celebrações de “Dias Internacionais/Mundiais”, encontramos o *Ciclo de Cinema Verdes Anos* que se prolonga durante os meses de março, abril e maio (sete sessões) e teve a sua primeira edição no ano de 2015. Este ciclo surge da parceria do MSCV com o agrupamento de Escolas de Coimbra Oeste - Escola Secundária de D. Duarte (promotora do plano Nacional de Cinema), a Escola Secundária de Avelar Brotero, A Escola Secundária José Falcão e o Colégio de São Teotónio e Fila K Cineclube “(...) Um dos objetivos deste ciclo de cinema é conquistar os adolescentes para a ideia de que, possivelmente, mais interessante do que verem filmes no *tablet* ou no ecrã do computador, sozinhos no quarto, é a experiência do cinema(...)”⁴⁹. No final das sessões os alunos podem conversar e discutir os filmes com os convidados.

Ainda dentro da temática do cinema durante os meses de Verão (julho e agosto) o MSCV leva a cabo o *Ciclo de Cinema ao ar livre*, mais uma vez com a parceria do Fila k cineclube. Como o nome indica, ao longo de várias sessões os interessados podem dirigir-se ao espaço exterior do Museu para uma sessão de cinema.

Para além de tudo o já mencionado, a programação de atividades nas interrupções letivas continua a ser oferecida, embora agora não se registre público interessado pelo que, na prática, não foram concretizadas. Em causa poderá estar a temática usada nas atividades bem como a já mencionada deficiente divulgação. No ano de 2015/2016 as Oficinas de Férias de Natal, sobre as quais pude dar a minha opinião em diversas reuniões, não se enquadraram

⁴⁸<https://www.facebook.com/mosteiro.santaclara.a.velha/photos/a.110921215591058.17225.110381918978321/1072502749432895/?type=3&theater>

⁴⁹<https://www.facebook.com/mosteiro.santaclara.a.velha/photos/a.110921215591058.17225.110381918978321/1343407705675730/?type=3&theater>

minimamente com o Mosteiro ou com o espírito natalício, para além de o preço ser relativamente alto, o que as torna não muito apelativas ao público infantil e educadores.

Embora não seja simples fazer uma análise da política dos serviços educativos seguida pelas duas direções, face à falta de informação não pode deixar de referir-se a grande mudança registada ao nível da quantidade e regularidade de oferta de atividades. Na realidade, não só entre os anos de 2009 e 2013 a programação de oficinas e atividades foi significativamente superior, como parece ter-se caracterizado por uma maior qualidade. Ainda neste âmbito da programação levada a cabo no decorrer destes 5 anos, importa chamar a atenção para uma questão que nos parece relevante: a quantidade de atividades "despersonalizadas" no sentido em que os temas propostos de nenhuma forma se relacionam com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: não se enquadram na história e espaços do monumento ou nas figuras que nele circularam. Por vezes nem mesmo qualquer ligação à cidade. Ora tal como já foi mencionado anteriormente, a apropriação dos espaços, peças e história dos locais é a essência para uma programação diferenciada, cujo desenrolar contribua para a fruição informada do espaço/monumento. Atividades como a *Oficina de Cupcakes*, *Oficina de Origami ou Papagaios ao Vento*, não têm qualquer ligação ao Mosteiro. Poderiam ocorrer em qualquer instituição, em qualquer cidade. São simplesmente lúdicas, mas falhas de referências ao local que supostamente devem ajudar a apreender.

Tal torna-se tanto mais significativo quanto, por outro lado, Oficinas como "E se eu fosse...", "Quadrinhos de História" ou "Vamos fazer Iluminuras" diretamente relacionadas com as diferentes vertentes do Mosteiro, tiveram um enorme êxito. Permitem explorar o espaço na companhia de um especialista — arqueólogo, antropólogo, historiador da arte, etc. —, e decodificar as diferentes facetas do local, da sua origem ao processo de redescoberta e patrimonialização e, por essa via, entender tanto o que significou no passado como o que significa no presente.

Uma outra crítica passível de fazer-se ao Serviço Educativo do Mosteiro relaciona-se com a inexistência de atividades para o público idoso ou para o público com necessidades especiais. Encontramos um Serviço Educativo centrado em programas para crianças e escolas, o que revela um entendimento pobre das potencialidades dos museus na sociedade. Abrir um leque de novas e variadas atividades para todas as comunidades é uma das soluções para a falta de visitante apresentada pelo Mosteiro nos últimos anos. Com os espaços fantásticos de que dispõem, é uma pena que não sejam aproveitados e apropriados em prol da sustentabilidade do museu.

Por outro lado, as Oficinas cuja oferta foi interrompida constituíam uma mais valia financeira dentro da instituição⁵⁰.

⁵⁰ Não consegui apurar o porquê de se terem parado de realizar. A única explicação obtida foi a de terem sido programadas pela antiga direção.

A partir de 2014 notou-se um decréscimo de atividade neste sector. A programação circunscreu-se à celebração de dias comemorativos e a realização de oficinas perderam público não se reunindo um número de inscrições suficiente para a sua efetiva concretização.

A noção desse desinvestimento terá estado na base de uma reunião convocada pela Direção (e limitada aos técnicos do Museu)⁵¹. Um longo debate e uma intensa troca de ideias suscitou a apresentação de duas propostas de reestruturação, tendo sido escolhida a apresentada pela Dr. ^a Ângela Alves, doravante responsável pelo novo serviço educativo, contando para tal com a colaboração da Dr. ^a Júlia Oliveira.

Neste momento, o Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha vigora com base nos seguintes pressupostos:

“No quadro das atribuições da Direção Regional de Cultura do Centro (DRCC)/Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (MSCV), o Serviço Educativo (S.E.) tem como missão a promoção de aprendizagens contínuas que permitam a fruição inclusiva da Arte e do Património. A valência dos Serviços Educativos é, portanto, valorizada e entendida como parte integrante da missão, visão e valores do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, logo, uma aposta de carácter permanente. Ambiciona incrementar novas dinâmicas (nos públicos, na oferta cultural já disponibilizada e nas próprias equipas) e obter maior retorno dos investimentos produzidos (por exemplo, através da fidelização de públicos vs. obtenção de novos públicos e produtos).

O projeto do S.E. visa a criação de contextos criativos, contribuir para a formação do sentido crítico, partilhar e consolidar saberes, criar e fidelizar públicos, recorrendo a estratégias de mediação cultural assentes na inovação e experimentação e baseadas em valores de partilha, tolerância e solidariedade.

A programação de educação patrimonial que apresenta abrange todo o público, crianças, jovens, famílias e adultos, que visitam o mosteiro em contexto individual ou em grupos organizados, escolares, culturais, seniores, acessibilidades ou outros.

Pretende criar hábitos culturais que podem ser uma saborosa mais-valia, conseguida através do Património que é de todos e como tal deve ser respeitado, vivenciado e aprendido.

Materializa-se em visitas orientadas, que podem ser temáticas, visitas-oficina, visitas-jogo e teatro, que versam a história do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, as exposições permanente e temporária, e o acervo em reserva.”⁵²

Desde o momento em que esta proposta foi aprovada e a reestruturação do Serviço Educativo a nível interno foi concluída, fui informada que iria começar a trabalhar com a Dr. ^a Ângela Alves. Assim, através do levantamento de atividades programadas e realizadas pelos anteriores SE, eu e uma outra estagiária fizemos uma análise sobre quais as

⁵¹ Antes de reunir com a Diretora, foi feita uma reunião centrada nos problemas do Serviço Educativo, na sua missão e objetivos. Desta reunião fez parte a Dr. ^a Lígia Negrão, a Dr. ^a Júlia Oliveira, a Dr. ^a Ângela Alves, bem como as duas estagiárias, eu própria e a Beatriz Barroca.

⁵² Retirado de: *Serviço Educativo, proposta de programação permanente*.

iniciativas suscetíveis de retomar e adaptar de forma a criar uma programação permanente. Pudemos ainda participar de forma ativa na criação de novas atividades, sendo uma delas da nossa exclusiva autoria, como adiante explicarei.

Outra das tarefas realizadas foi o levantamento de matérias existentes em arquivo e na Casa do Paço para uso em atividades futuras. Após o levantamento todo o material foi reorganizado e devidamente arrumado em caixas.

A reformulação do Serviço Educativa passou também pela criação de uma *mailing list*. Nesse sentido, a Dr. ^a Ângela pediu-nos que procedêssemos a uma recolha de correio eletrónico/contactos de entidades que achássemos relevantes. A tarefa foi dividida entre instituições de ensino do distrito e cidade de Coimbra⁵, instituições e associações de carácter social, cultural e municipal⁵³ e órgãos de comunicação social⁷. Como já foi mencionado ao longo do relatório, a questão da divulgação e dos materiais utilizados para tal é uma das grandes lacunas do MSCV. A criação desta *mailing list* é apenas uma das muitas preocupações que o Mosteiro devia ter no sentido de um eficaz departamento de divulgação.

⁵³ Universidade de Coimbra, Institutos Politécnicos de Coimbra, Escolas de Ensino Superior, Escolas de Ensino Pré-primário, Primário, Básico e Secundário, Escolas de ensino Artístico

Capítulo III - Atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio

Como já foi mencionado, durante o período compreendido entre Setembro e Maio realizei o meu estágio curricular no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha sendo grande parte deste desenvolvido no Serviço Educativo.

Aquando do início do estágio encontravam-se a decorrer neste espaço as Jornadas Europeias do Património e a preparação para a Feira do Património, iniciativas em que pude já participar, fosse através da distribuição de informação pelo público participante, fosse na organização e controle de espaços e público, fosse no âmbito do registo fotográfico e divulgação das iniciativas.

Mesma altura, tornou-se claro que não seria possível desenvolver o estágio como inicialmente planeado, não só por o Mosteiro não estar organizado por secções distintas dotadas de tarefas diferenciadas, como pelo facto de a orientação do estágio, por parte da instituição, ter ficado a cargo das responsáveis pelo Serviço Educativo, primeiro a Dr.^a Lígia Negrão, mais tarde a Dr.^a Ângela Alves.

Assim e como já foi mencionado o início do estágio passou por uma pequena pesquisa e pelo levantamento de atividades realizadas pelo Serviço Educativo no Mosteiro, tendo sido depois encarregue de colaborar em diversas atividades à frente referidas. Finalmente, o estágio terminaria com a realização de uma atividade organizada em conjunto com outra estagiária, Beatriz Barroca.

No decorrer do estágio desenvolvi um conjunto de tarefas conducentes à reestruturação do Serviço Educativo, essencialmente focadas na área da animação e da programação cultural. Em muitas delas, todavia, pude apenas colaborar na sua execução e não ao nível da programação.

Atividades desenvolvidas

Desde o momento inicial foi-me sugerida a participação na atividade *Aprendendo no Mosteiro*. Realizada desde do ano de 2014, depois de estabelecido um protocolo com a Escola Dr.^a Maria Alice Gouveia, esta teve continuidade no ano de 2015 com um grupo de alunos de idades entre os 11 e os 16 com CEI. As secções eram planeadas em parceria com a Professora responsável pelo acompanhamento dos alunos e desenvolvidas nas sessões que aconteciam uma vez por semana (quinta-feira de manhã). O primeiro passo teve por objetivo conhecer um pouco melhor as necessidades dos alunos e definir os contornos da iniciativa em termos de aprendizagem. Os alunos deveriam adquirir competências quer a nível pessoal, quer no domínio da interação de grupo, através da capacidade de adaptação a novos ambientes. O estabelecimento de relações com os outros, o cumprimento de normas, o contacto com o património de forma a desenvolver estratégias para a sua salvaguarda e preservação, bem como o gosto pela descoberta, pela observação e sentido crítico, constituíram outros tantos objetivos a que se somava ainda o desenvolvimento da comunicação oral e escrita, a criatividade e a expressividade.

Embora tenha participado durante todo o período de estágio nesta atividade, o meu papel não foi tão ativo como desejaria, pois, por regra, só na véspera me era transmitido o programa da ação seguinte, já previamente planeada e "fechada".

Na primeira sessão foi feita uma breve apresentação dos alunos e uma visita guiada pelos espaços do Mosteiro por forma a que estes conhecessem um pouco mais da história deste local. Nas sessões que se seguiram procedeu-se ao visionamento do filme *The Kid* (1921) de Charlie Chaplin, por forma a que os alunos desenvolvessem competências cognitivas e críticas através de um comentário pessoal acerca das mensagens mais relevantes do filme.

Numa tentativa de que os alunos deixassem uma marca da sua passagem pelo Mosteiro, e assim estabelecessem laços, sugerimos a construção de um novo espantalho para a horta monástica baseado na imagem da personagem principal do filme, *The Tramp*.⁵⁴ Aceite o desafio e finalizada a tarefa da construção do espantalho no mês de dezembro (fotografias em anexo XIV), convidámos os alunos a dar asas à imaginação através da elaboração de postais de Natal, com recurso a recortes de cartolina, pinturas e textos.

As inundações ocorridas logo no início do ano e o conseqüente encerramento do Mosteiro ao público, obrigaram à interrupção da atividade *Aprendendo no Mosteiro*, entre janeiro e fevereiro. Com a reabertura do Mosteiro, a sessão

⁵⁴ Construção do espantalho teve a duração de três sessões

que se seguiu teve por base o visionamento de um trecho do filme *Nuovo Cinema Paradiso* (1988)⁵⁵, sendo depois feita uma pequena reflexão sobre o simbolismo e valores do filme.

As sessões foram novamente interrompidas no dia 16 de fevereiro face a uma nova inundação. Aquando da retoma da atividade, a 25 de fevereiro, foi feita uma nova atividade tendo por base a leitura de poemas pré-selecionados em reunião com a Dr.^a Lígia. Depois de cada aluno escolher um poema, ficaram encarregues de fazer uma análise do mesmo e de o memorizar por forma a ser apresentado aos restantes elementos do grupo na sessão seguinte. Por último foi feito um desenho ilustrativo dos poemas, que culminou com a avaliação dos alunos a nível comportamental e de rendimento⁵⁶. Ainda dentro da temática linguística foi pedido aos alunos que respondessem à questão: “O que são para ti as palavras?”. Depois de cada aluno responder a esta questão, foi elaborado um texto com a ajuda dos responsáveis da atividade, para serem avaliados na escola.

O facto de ter participado ativamente da iniciativa *Aprendendo no Mosteiro* constituiu um desafio muito interessante. Lidar com um grupo de seis crianças com necessidades especiais passou de ser uma prova intimidante para se tornar um processo particularmente gratificante. A inexperiência ou a falta de formação específica para tal não se revelou um obstáculo em momento algum, e participei de cada sessão com o máximo empenho e motivação. Num primeiro contacto com as fichas dos participantes, a Dr.^a Lígia informou-nos que um dos alunos tinha Trissomia 21 e outro tinha espectro de autismo, casos que, face às suas dificuldades de aprendizagem, poderiam tornar as sessões um pouco mais complexas. Os restantes elementos do grupo sofriam de problemas de défice de atenção, défice cognitivo e hiperativismo. Dificuldades que só vieram tornar a experiência mais positiva e enriquecedora exigindo um contacto muito próximo e uma dedicação absoluta a cada um deles.

Pese embora alguns pontos de tensão e discórdia entre os elementos do grupo — em grande parte próprios da adolescência, período etário em que todos se inseriam —, de um modo geral os alunos participaram nas iniciativas de forma calma e animada. Algo bastante surpreendente, foi o facto de, no decorrer das sessões nos apercebermos da dificuldade de leitura, perceptível em mais de metade do grupo, um dos quais, o mais novo, com 11 anos e de etnia cigana, não o conseguindo fazer de todo. Apercebendo-se desta lacuna a Dr.^a Lígia fez vários pedidos para que a escola fosse alertada para este problema, mas até ao momento do final do estágio nada tinha mudado nesse sentido.

Por todas as razões, este deve ser um protocolo a manter e uma iniciativa a repetir, preferencialmente alargando-a a novos alunos e a novas escolas. Uma mais-valia seria certamente a inclusão de pessoas com formação

⁵⁵ A primeira parte do filme foi visionada na escola

⁵⁶ Esta atividade teve a duração de três secções

específica na área, capazes de auxiliar na construção de novos e melhores projetos para estas crianças, por forma a que para além de um momento de lazer e aprendizagem fora do âmbito escolar possam ser despertados para a fruição do património cultural, qualquer que seja a sua natureza.

São atividades como esta que permitem dar cumprimento a um dos mais nobres objetivos das instituições museológicas na atualidade: o carácter inclusivo. Num apanhado final, creio que os objetivos apresentados pela escola foram atingidos, na medida em que estes jovens desenvolveram relações interpessoais, demonstraram interesse e empenho em realizar as tarefas que lhes foram propostas, respeitando as normas apresentadas, desenvolveram capacidades cognitivas de observação, análise e crítica e ainda foram desafiados a puxar da imaginação e criatividade. O único travão encontrado foi a dificuldade de expressão e comunicação oral e escrita pelas dificuldades apresentadas nos alunos.

Ainda sob a orientação da Dr.^a Lúcia, em novembro, começámos a programar as Oficinas de Natal de 2015 - *Vamos Contar uma História*. Estas oficinas iriam ser feitas em torno da leitura de duas histórias escritas pela coordenadora do SE, tendo uma taxa de inscrição no valor de 8 euros. Com a duração de dois dias, o público-alvo variava em cada dia e tinha o número mínimo de inscrições de 5 participantes e máximo de 12 participantes. No primeiro dia (18 de dezembro), para crianças entre os 6 e os 9 anos seria feita a leitura da história, *Uma história que pode ser de Natal- Uma história com pessoas, com lugares e até com um quintal*, no segundo dia (19 de dezembro), destinado a crianças entre os 10 e os 12 anos, previa-se a leitura da história, *Nada, a menina que veio da Damasco*. Através da leitura destas histórias pretendia-se sensibilizar as crianças para os valores da celebração do Natal bem como, sobretudo, para a presente questão dos refugiados recém-chegados a Portugal. No final de cada dia seriam realizadas atividades relacionadas com as histórias fazendo-se postais e uma árvore de Natal. (cartaz em anexo XV)

Estas oficinas, todavia, não se realizaram por falta de participantes. Mais uma vez, a questão da divulgação poderá justificar a falta de inscrições, limitada ao *facebook* do Mosteiro. Outro motivo poderá ter sido a falta de identidade com o espaço, sendo a leitura de histórias e a construção de postais / árvores de natal atividades comuns nas escolas e ATL (atividades de tempos livres) e em nada se destaca do que é habitualmente praticado nesta época festiva.

No final do mês de novembro foi proposto pela Dr.^a Catarina Leal, que eu e minha colega Beatriz Barroca orientássemos uma visita guiada, marcada para o dia 27 de novembro, dirigida a um grupo de alunos com idades entre os 6 e 8 anos de idade do 1º ciclo da Escola Primária do Serrado (Figueira da Foz). O grupo de cerca de 40 alunos foi dividido em dois, e cada uma de nós acompanhou os alunos para pontos opostos do Mosteiro (Centro interpretativo e Igreja) de forma a que estes conseguissem acompanhar e ouvir as explicações dadas.

Sendo esta a minha primeira visita-guiada e por forma a perceber que tipo de informação e como era passada no decorrer da hora e meia prevista (tempo recomendado para uma visita a todos os espaços), assisti a várias visitas feitas pelos funcionários ao mesmo tempo que estudava a história do mosteiro apetrechando-me com a informação necessária não só à construção da narrativa como para responder a eventuais questões levantadas pelos alunos. Uma vez que o grupo era do 1º ciclo, o objetivo era transmitir o essencial, mantendo vivo o interesse no decorrer de toda a visita. Num balanço final, e tendo em conta a opinião das docentes que acompanhavam o grupo, a visita parece ter atingido plenamente os seus objetivos.

A primeira atividade sobre a orientação da Dr.ª Ângela Alves foi *Isto são coisas de fantoches*⁵⁷. Integralmente desenvolvida por mim e pela minha colega Beatriz Barroca, foi a atividade mais morosa durante todo o período do estágio, tendo sido iniciada no princípio do mês de Janeiro e finalizada a dia 7 de Fevereiro, com a sua realização. Para esta atividade a Dr.ª Ângela pediu que procedêssemos a uma recolha de várias lendas e mitos relacionados com a cidade de Coimbra e com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha para mais tarde serem adaptadas a peças de teatro para fantoches.

No desenvolvimento desta atividade tivemos em conta os objetivos enunciados no documento que justifica a programação permanente onde se defende a forma como a criação teatral permite o "cruzamento de saberes e de linguagens e a interdisciplinaridade", ao mesmo tempo que estimula "valores sociais, linguísticos e literários" e contribui para o "desenvolvimento na criança da imaginação criadora, do pensamento crítico, da linguagem em todos os seus aspetos, do enriquecimento de experiências e do senso de responsabilidade."⁵⁸

Em conjunto, eu e a minha colega, iniciámos a pesquisa de lendas e mitos de Coimbra, recolhendo as seguintes: Lenda do Milagres das Rosas, das Chaves do Castelo de Coimbra, de Leandro e Elena, do Pajem, do Brasão da Cidade de Coimbra, de Coimbra e, finalmente, a Lenda de Pedro e Inês. Dessa lista foram escolhidas quatro que nos pareceram as mais indicadas para adaptação a teatro, sendo elas a Lenda do Milagre das Rosas, Lenda do Brasão da Cidade de Coimbra, Lenda de Coimbra e a Lenda de Pedro e Inês. (peças em anexo XVI)

Depois de feita a adaptação a peças de teatro⁵⁹, seguiu-se a preparação dos fantoches. Adequando alguns dos fantoches existentes no Mosteiro⁶⁰, foi-nos pedido que elaborássemos os figurinos necessários para as personagens das lendas. Este trabalho revelou-se bastante moroso e complicado, pelo facto de o mosteiro não disponibilizar qualquer

⁵⁷ Cartaz em anexo XVII

⁵⁸ Consultado em: Serviço educativo, proposta de programação permanente, janeiro 2016

⁵⁹ Peças disponíveis em anexo XVI

⁶⁰ O Mosteiro detinha alguns fantoches pertencentes aos materiais do Serviço Educativo.

tipo de verbas para a compra de tecidos e matérias necessários. Assim, fomos “obrigadas” a trabalhar com restos de tecidos e linhas de atividades anteriores e de coser os novos figurinos à mão, algo que prolongou em muito o tempo de concretização dos fantoches. No total foram feitos 9 fantoches e vários figurinos adaptáveis a diferentes personagens das 4 peças. Por último, foi feita a recuperação de uma estrutura de fantocheiro existente no mosteiro. A estrutura foi pintada e decorada da melhor maneira possível, tendo em conta os materiais disponibilizados (fotografias em anexo XVII).

Inicialmente, a atividade foi programada em dois formatos: “ - o primeiro consiste na apresentação de uma peça de teatro protagonizada por personagens ligadas à história do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha ou da Cidade de Coimbra; - o segundo⁶¹, possibilita os participantes serem intervenientes, através dos princípios da mediação pela arte, com recurso à experimentação aprendendo noções básicas de construção e manuseamento de fantoches, exercícios de dicção, articulação e por fim a interpretação de um texto dramático disponibilizado.”⁶²

Após uma primeira escolha da lenda do Milagre das Rosas, a Dr.^a Ângela decidiu fazer a atividade com base na peça da lenda do Brasão de Coimbra pelo facto de existir no mosteiro a Oficina *O Brasão no Mosteiro* onde os participantes são convidados a criarem o seu próprio brasão.

A atividade foi primeiro agendada para o dia 29 de janeiro, mas, embora houvesse já uma marcação de uma escola para esse dia, decidiu-se adiá-la para o dia 7 de fevereiro por forma a coincidir com as férias de Carnaval. A peça tinha cinco personagens que foram distribuídas pela Dr.^a Ângela (Ataces), pela Maria Helena Santos (Hermenerico), pela Beatriz Barroca (Narrador) e por mim (Honório e Cindazunda). A Dr.^a Júlia ficou encarregue pela sonoplastia, com as músicas escolhidas para inclusão na peça.

A atividade foi realizada no dia 7 de fevereiro em duas sessões⁶³, no espaço do Memorial à Água. A primeira sessão (15h30) contou com 30 pessoas, e a segunda (16h30) com 41 pessoas. A entrada foi gratuita e cada sessão teve a duração de 30 minutos.

A divulgação ficou a cargo da Dr.^a Ângela que através da *mailing list* elaborada anteriormente enviou o cartaz para todas as escolas e meios de comunicação da cidade. De salientar a rádio TSF, que entrou em contacto com a equipa do mosteiro pedindo para gravar um excerto da peça para ser divulgado em forma de *spot* na estação.

⁶¹ Esta vertente não chegou a ser realizada durante o período de estágio

⁶² Consultado em: *Serviço educativo, proposta de programação permanente*, janeiro 2016

⁶³ A atividade exigia a marcação prévia

No final a atividade correu como previsto e o *feedback* das crianças e acompanhantes foi bastante positivo. Pensou que todo o trabalho investido nesta atividade poderia ter sido facilmente aliviado se dispuséssemos de verbas para a construção de um fantocheiro e para a elaboração dos fantoches. A questão dos ensaios também se revelou um problema, pelo facto de a Dr.^a Ângela e a Dr.^a Júlia não disporem de muito tempo livre. Mas com todas as dificuldades encontradas penso que conseguimos fazer um bom trabalho e fomos ao encontro das expectativas, proporcionando um momento de diversão a todos os presentes, com base numa lenda que é património da cidade.

Particularmente apelativa para o público infantojuvenil, este tipo de iniciativa pode ser alargada a muitos outros temas relacionados com o Mosteiro. A Lenda do Milagre das Rosas, dada a importância da Rainha Santa Isabel no local, ou a História de amor de Inês e Pedro, que viveram parte da sua vida no Paço Real, desde logo, mas também peças únicas, relacionadas com as vivências da ordem religiosa, ou, por exemplo, com as constantes inundações que o mosteiro sofre, e que tao decisivamente moldaram a sua história no passado. A sua reedição na atualidade permite também estabelecer essa ligação entre passado e presente, chamando a atenção para as dinâmicas do tempo histórico, do tempo longo e das linhas de continuidade, tão importantes de incutir nos mais jovens para quem o tempo é, por natureza, rápido e entrecortado.

A segunda iniciativa, realizou-se nos dias 29, 30 e 31 de Março e tinha como título *Julião Feito à Mão*. Esta iniciativa realizou-se sob a orientação do Professor e escultor António Azenha, e tinha como público-alvo crianças entre os 7 e os 12 anos de idade. Inicialmente programada para os dias 23 e 24 de Março, por forma a coincidir com a interrupção escolar das férias da Páscoa, foi adiada por falta de inscrições. Mais uma vez, a falta de inscrições pode estar relacionada com a questão da divulgação das actividade ser feita única e exclusivamente no *facebook* do mosteiro.

A oficina teve a duração de três dias: durante a parte da manhã (10h0 – 12h30) e da parte da tarde (14h00 – 16h30). No primeiro dia, durante a parte da manhã, o escultor convidado explicava aos participantes o processo construtivo da obra; da parte da tarde iniciava-se a execução da obra escultórica. O custo da oficina variava dependendo do tempo de participação, uma vez que os participantes poderiam optar por comparecer meio-dia (custo de 5 euros), apenas um dia (custo de 8 euros) ou os três dias (20 euros). (cartaz e fotografias em anexo XVIII)

A realização desta oficina tinha como base a construção de um coelho gigante (Julião), utilizando apenas brinquedos e materiais escolares doados pelos participantes. O objetivo passava pela sensibilização dos participantes para a arte escultórica, para o processo criativo e a preservação do meio ambiente, uma vez que se iria recorrer à reciclagem de brinquedos e materiais usados para preencher a estrutura previamente construída. Através do uso de brinquedos e materiais estragados/usados os participantes foram convidados a dar uma nova vida aos mesmos criando um “novo amigo”, o Julião.

Dentro do conceito da reciclagem de materiais, o Escultor António Azenha construiu, com a ajuda de 26 crianças, um coelho gigante que mais tarde foi exposto nos espaços do Mosteiro.

No final da oficina os objetivos foram cumpridos. As crianças adquiriram noções-base do que é criar uma obra escultórica, o seu processo criativo, e quais os cuidados a ter. No que diz respeito à vertente do meio ambiente, os participantes perceberam que através da reutilização de matérias conseguimos criar outros e dar-lhes um novo significado. Ao invés de deitar fora brinquedos estragados, podem agora ter uma memória da sua infância guardada no Mosteiro, que mais tarde podem visitar e relembrar. Terá ficado acordado ainda a realização de uma exposição temporária com trabalhos do escultor António Azenha, à qual estarão associadas atividades pedagógicas, *workshops*, oficinas e *performances*.⁶⁴

⁶⁴ Não se encontrava definida uma data para a realização da exposição

Capítulo IV - Proposta de atividade

Mosteirando por um dia

Mosteirando por um dia foi a proposta apresentada por mim e pela minha colega Beatriz Barroca ao mosteiro de Santa Clara-a-Velha. (proposta em anexo XIX)

Inicialmente pensada para um único dia, a atividade acabou por ter de ser dividida e realizada em dias distintos, um dia no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, outro no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.

O principal objetivo desta iniciativa era criar uma parceria entre os dois Mosteiros e elaborar uma iniciativa em conjunto, algo que nunca terá ocorrido por muito estranho que possa parecer. A ideia era por isso dar a conhecer ao público escolar (faixa etária entre os 7 e os 12 anos) a história dos Mosteiros de Santa Clara e a ligação existente. Face às idades pensou-se em fazer passar esta mensagem de forma lúdica.

A atividade tinha por base uma visita guiada aos dois locais. De forma a tornar esta visita mais divertida e apelativa, entrámos em contacto com atores e pedimos a sua colaboração. A ideia era realizar uma visita teatralizada com diferentes personagens históricos oferecendo uma experiência simultaneamente lúdica e pedagógica aos participantes.

Conseguimos a colaboração de quatro atores que durante um dia iriam “vestir a pele” de personagens históricas importantes na história dos dois Mosteiros. Uma atriz (Daniela Proença) interpretava uma clarissa, de nome Hilária, e conduzia os participantes e acompanhantes durante toda a visita no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. A escolha da freira clarissa permitiria explicar como era a vida dentro de um Mosteiro de clausura e o significado de todos os objetos expostos ao longo do Centro Interpretativo. A meio da visita, perto do antigo Paço Real, surgiam as personagens de D. Pedro (David Valente) e D. Inês (Beatriz Melo), e explicavam um pouco a sua história e do local onde passaram parte da sua vida.

No mosteiro de Santa Clara-a-Nova, a personagem da freira Hilária surge no exterior e faz a ponte entre a história dos dois Mosteiros. Já dentro do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, os participantes encontram-se com a Rainha Santa Isabel (Beatriz Melo) que iria conduzir o resto da visita, dada a sua importância neste local. No momento final da visita, os participantes são conduzidos até aos claustros onde D. Dinis (Marcelo Leitão) se encontra para uma recriação da Lenda do Milagre das Rosas.

No final de cada visita, as crianças são convidadas a responderem a dois *quizzes*, cada um referente ao local de visita, de forma a consolidarem os conhecimentos adquiridos sobre os espaços e figuras históricas.⁶⁵ As questões foram corrigidas oralmente com a ajuda dos atores, por forma a perceber se os participantes tinham entendido toda a informação transmitida durante a visita e, caso existissem dúvidas, estas poderem ser expostas e respondidas. Este *quizz* serviu igualmente para perceber se esta abordagem resultava em crianças com estas idades e se, de facto, a informação era bem passada e assimilada. (*Quizzes* em anexo XXI)

Com esta iniciativa pretendemos dinamizar ambos os espaços, e criar um novo vínculo entre as duas instituições. Para além de todo um passado comum, só possível de entendimento quando "lidos" em articulação, os dois mosteiros, embora com formas de exploração e usos muito diferentes, padecem de problemas comuns, desde logo a falta de verbas que permita, por exemplo, as necessárias e permanentes ações de salvaguarda e conservação. Em termos de fluxo de visitantes⁶⁶, por exemplo, os dois mosteiros teriam muito a ganhar se trabalhando os diferentes públicos em comum, canalizando-os de um para o outro, tornando o circuito obrigatório com se de uma sequela se tratasse, como na prática o é. Associando a vertente patrimonial do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha com a vertente de turismo religioso de Santa-Clara-a-Nova, ainda que naturalmente qualquer deles comungue de vários eixos de interesse, poderia aumentar-se significativamente o número de entradas criando novas dinâmicas. O serviço educativo pode ser uma forma de dar início ao processo partilhando *mailing list*, alargando a divulgação e os potenciais interessados, dando a conhecer ambas as casas religiosas aos habitantes de Coimbra. Os responsáveis pelas crianças podem acompanhar e participar da visita pagando o valor de 2,50 euros.

Como já foi mencionado a atividade foi programada, tendo em vista uma visita guiada que fosse feita num dia: de manhã (das 11h00 às 12h30) no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e à tarde (das 14h00 às 15h30) no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. Para a hora de almoço pretendíamos criar uma parceria com a Quinta das Lágrimas, contacto facilitado por ser essa mesma entidade a explorar a cafeteria do MSCV. Assim entrámos em contacto com a funcionária responsável pela cafeteria com o intuito de negociar a criação de um menu de almoço com um valor simbólico para as crianças que aí pretendessem almoçar. Depois de dividida a iniciativa em dias distintos a referida parceria perdeu o sentido.

A data escolhida para a realização da atividade foi o mês de Maio, devido às condições meteorológicas necessárias para a elaboração da mesma, uma vez que grande parte das visitas iriam acontecer ao ar livre.

⁶⁵ No final de cada visita e depois de respondidas e corrigidas as crianças podem levar os quizzes para casa.

⁶⁶ Ambas as instituições apresentam problemas no que diz respeito a visitantes, por se encontrarem fora dos percursos normais de visitas na cidade de Coimbra.

Face às atividades em que paralelamente estávamos envolvidas, e à perturbação que as cheias trouxeram à vivência normal da instituição, só a partir do mês de Fevereiro demos início aos trabalhos. Começamos por elaborar uma ficha do projeto e o guião para ambas as visitas⁶⁷. A proposta foi apresentada às duas instituições sendo marcadas reuniões para discutir todos os pormenores a que uma iniciativa desta envergadura obriga.⁶⁸

A fase final da programação revelou-se particularmente complicada. O facto de estarmos a lidar com duas instituições de carácter distinto revelou-se um entrave, e a constante alteração da data atrasou todo o processo de divulgação, que tinha sido planeado para ter início no dia 15 de Abril só vindo efetivamente a concretizar-se a partir do dia 20 do mesmo.

Tendo-se optado pelos dois dias, como foi já referido, apurou-se um custo para os participantes no valor de 2,50 euros por instituição, sendo possível optar por participar em apenas uma, embora fossem previamente alertados para a componente de ligação entre as duas.

Depois de encontrada a data definitiva, seguiu-se a preparação dos figurinos, adereços, divulgação e marcação de ensaios com os atores. No que diz respeito aos figurinos, os da freira, de D. Inês e da Rainha Santa Isabel foram cedidos pelo mosteiro de Santa Clara-a-Velha, sendo os figurinos de D. Pedro e de D. Dinis alugados ao Teatrão. Os adereços foram da nossa inteira responsabilidade⁶⁹.

No que toca à divulgação, imprimiram-se 60 cartazes e 110 *flyers* para distribuição em escolas primárias e básicas, escolas de música, dança, desporto, ATL e pontos estratégicos. Esta distribuição revelou-se bastante complicada pelo facto de nenhuma de nós dispor de viatura própria e algumas escolas não permitirem a afixação dos materiais. Assim, fixamos cartazes e *flyers* em grande parte das escolas primárias e básicas de Coimbra, em algumas secundárias e na Faculdade de Letras e em algumas zonas da Universidade. Os pontos para a colocação de cartazes foram estrategicamente escolhidos recaindo sobre locais onde a afluência de público infantil era significativa, como por exemplo centros de explicações, centros de formação cristã, lojas e restaurantes nas imediações de escolas e dos Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova. A distribuição passou ainda por espaços como a ACM (Associação Cristã da Mocidade), o centro Norton de Matos, O Clube de Ténis de Coimbra, O Pavilhão Eng. Augusto Correia dos Olivais de Coimbra, o Conservatório de Música de Coimbra, o Exploratório Centro Ciência Viva de Coimbra e em igrejas (com o intuito da divulgação ser feita nas catequese).

⁶⁷ Proposta e guião em anexo XIX e XX

⁶⁸ A proposta foi apresentada ao Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel, o Prof. Doutor António Rebelo no dia 9 de Março

⁶⁹ Um par de collants, uma coroa, duas penas, um ramo de rosas artificiais, ganchos e adereços para cabelo.

A divulgação em linha foi feita através do contacto com as escolas primárias, básicas e secundárias e agrupamentos de escolas do distrito de Coimbra, a Direção Regional de Educação do Centro, Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia de Coimbra e arredores, o Conservatório de Música de Coimbra, Jornais de Coimbra e arredores, bem como agendas culturais, revistas e rádios nacionais.⁷⁰ Enviámos por *email* o cartaz, também a diversas instituições de carácter diferente.⁷¹

A atividade teve um custo de cerca de 50 euros, tendo sido custeada na totalidade pelas organizadoras, sendo o lucro arrecadado pelas instituições. O valor apresentado corresponde à impressão de cartazes e *flyers* bem como à compra dos adereços. Desde o início eu e a minha colega decidimos que seria justo oferecer o almoço aos atores, uma vez que estes não iriam ser remunerados pelo serviço prestado. Este fator significou um aumento dos custos, tanto mais que ao ser dividida em dois dias implicou dois almoços.

Inicialmente tínhamos programado a iniciativa para crianças entre os 7 e os 12 anos, mas no ato da inscrição, foram muitos os pais que manifestaram interesse em participar com os seus filhos, pelo que acordámos com os Mosteiros que os acompanhantes poderiam participar pagando uma taxa igual à do público-alvo, e, caso se responsabilizassem pelos menores, poder-se-ia prescindir da idade mínima obrigatória. Obtivemos um total de 14 crianças inscritas para o dia 30 de Abril e 13 inscrições para o dia 1 de Maio. No dia 30 compareceram 21 pessoas, e no dia 1 foram contabilizadas 14 pessoas.

A atividade foi programada e ensaiada com o intuito de ter uma duração de hora e meia nos dois locais. Esta duração foi respeitada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, mas no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova demorou consideravelmente menos, não só pelo espaço ser mais pequeno e termos de cumprir o horário estipulado⁷², mas também por o grupo ser menor.

Em suma, penso que esta atividade correu bem e todos os participantes manifestaram entusiasmo e interesse durante e no final da mesma. Conseguimos perceber que os participantes absorveram grande parte da informação e

⁷⁰ Correio da Manhã, Jornal de Notícias, Jornal o Público, jornal expresso, Seminário Sol, Revista Visão, revista Sábado, Diário de Notícias, Jornal I, Jornal de Letras, Sapo, Revista Canela & Hortelã, Cidades Online, Cultrede, Curly Mess, Diário Digital, Excelência Portugal, Gazeta dos Artistas, Notícias do Coimbra, Glass Journal, O Sexo e a Cidade, Só Divulga, Vortex Magazine, VouSair.com, Revista PORT.COM, Diário de Coimbra, Diário as Beiras, A Cabra, Agenda 7, Viral Agenda, Coimbra Cartaz Cultural,. Enviámos ainda para canais televisivos como a RTP, SIC e TVI e rádios locais e nacionais como a Média Capital Rádios, TSF, Rádio Comercial, RFM, Vodafone, Mega hits e RUC.

⁷¹ Departamentos das faculdades da Universidade de Coimbra, alguns docentes, instituições e associações como o Justiça e Paz, Living Place Animação Turística, Centro Social de São João, A Previdência Portuguesa, Centro Hípico de Coimbra, Coro Sinfónico Inês de Castro, TEDxCoimbra, Olimpo- Associação Recreativa e Teatral dos Jovens Amigos de Constantina, Escoliadas- Associação Recreativa e Cultural, Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra, A Cores- Associação de Apoio a Crianças e Jovens em Risco, Misericórdia de Coimbra, Turismo de Coimbra e Turismo do Centro, Pequenas Vozes de Febres Associação de Defesa e Apoio da Vida, APBC- Agência para a promoção da Baixa de Coimbra, Lugar Comum, MAFIA- Federação Cultural de Coimbra, Loucomotiva- Grupo de Teatro de Taveiro.

⁷² Os participantes não chegaram nas horas previstas o que atrasou o início da visita.

demonstraram interesse pela história dos monumentos e das personagens respondendo acertadamente aos *quizz* e colocando questões aos atores.

O facto de ter conseguido elaborar uma atividade deste género em parceria com duas instituições de natureza tão distintas (uma pública e outra privada) constituiu um desafio, permitindo simultaneamente perceber as inúmeras dificuldades subjacentes a qualquer das instituições, ainda maiores quando se trata de agilizar procedimentos e trabalhar em conjunto. Refira-se como a articulação entre ambas as instituições ficou exclusivamente a nosso cargo não tendo havido qualquer contacto direto entre elas. A iniciativa e o formato que lhe tentámos dar alertou-nos para a difícil gestão das relações humanas no interior das instituições, mais ainda entre instituições diferentes.

Acredito que Mosteirando por um dia, não represente uma conquista de relevo na prática destas instituições e que as ações conjuntas não passem a ser uma constante. Pessoalmente, todavia, a ação revelou-se uma experiência fundamental a todos os níveis. Sou hoje uma pessoa muito mais consciente das implicações que elaborar um projeto exige, das consequências do não cumprimento dos prazos, de todas as fases e problemas que podem surgir quando se trabalha em equipa. Desenvolvi capacidades de comunicação, concretizei parcerias, aprendi a analisar um problema sobre diferentes ângulos, tentando encontrar soluções por vezes necessariamente criativas, sobretudo quando perante situações de falta de financiamento e patrocínios. Por outro lado, o facto de ao conteúdo científico da visita guiada termos associado o formato teatralizado, abriu portas à interdisciplinaridade, à construção de um guião, ao contacto com outras formas de trabalhar e comunicar.

Apenas aparentemente de forma paradoxal, no momento em que chego ao fim de uma etapa académica, o mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, compreendi a importância de pensar criticamente com base numa aprendizagem constante.

Considerações finais

Na finalização do segundo ciclo de estudos, o Mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural, surgiu a oportunidade de realizar um estágio curricular numa instituição à escolha. Esta foi a hipótese que mais despertou o meu interesse, pelo facto de não ter desempenhado durante todo o meu percurso académico qualquer componente prática. Nesse sentido, a escolha recaiu sobre a realização do Estágio e respetivo Relatório.

A opção pela entidade acolhedora, passou pelo interesse em conhecer o funcionamento de uma instituição cultural e museológica. Sendo o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha um raro exemplar de monumento em ruína e construção contemporânea, a eleição desta instituição para concretizar este novo desafio, pareceu a mais indicada.

Durante cerca de seis meses pude contactar com uma vertente cujo funcionamento, na prática, desconhecia, a do papel da educação e do Serviço Educativo nas instituições culturais. Esta temática acabou por se revelar extremamente interessante e desafiadora.

Rapidamente, todavia, foi possível compreender como este sector depende, para a sua vitalidade, de um outro: o da divulgação.

Na verdade, as atividades desenvolvidas, mesmo que nem sempre como inicialmente previsto, permitiram-me reunir as diferentes vertentes aprendidas durante a licenciatura e mestrado em história de arte. Simultaneamente todo este processo foi deveras importante pois permitiu a minha consciencialização para a importância de uma investigação estruturada bem como para a realização de um trabalho programático, desenvolvendo capacidades de trabalho em grupo e ganhando experiência no que toca à programação cultural e dos recursos necessários para a sua elaboração.

No final, penso que o principal objectivo do estágio foi cumprido: compreender o funcionamento de uma instituição museológica, identificando essa duplicidade, tantas vezes fruto da ingenuidade própria de quem se lança pela primeira vez no mundo real, entre a instituição ideal (ou idealizada) e o que constitui verdadeiramente o seu quotidiano.

Bibliografia

- Andrade, Pedro de; João Augusto Mourão; Fernando Barriga, (2010) *Museus, públicos e literacia científico-tecnológica: redes de comunicação de significados no espaço interdimensional do museu*. Lisboa: Colibri.
- A escola vai ao museu. (1987). Em actas do colóquio APOM 87/ *Associação Portuguesa de Museologia*. Lisboa.
- Alarcão, Adília e Pereira, Helena. (2003) *Os legados da Rainha Santa. Notas para um percurso museológico, Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, vol. 18
- Audrerie, D. (1997). *La notion et la protection du patrimoine*. Paris.
- Barriga, S. (2007) Plano de acção Educativa: alguns contributos para a sua elaboração. Em *Colecção Públicos-Serviço Educativos na Cultura*. Porto: Serepés.
- Berta Duarte & Raquel Magalhães, (2008) *Viagem de Cosme de Médicis a Coimbra no Século XVII*, Coimbra, Câmara Municipal.
- Cabrall, Maria Teresa, (1963) *Serviço Educativo no Museu Nacional de Soares dos Reis : comunicação apresentada à 3ª Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais... Setembro de 1962*, Porto : Revista Museu.
- Cadernos de museologia / *Associação Portuguesa de Museologia*, Lisboa: A.P.M., (1983).
- Camacho, Clara Fraião. (2007) *Museologia.pt: dossiê museus e arquitectura / propr. e ed. Instituto dos Museus e da Conservação*, Portugal. Instituto dos Museus e da Conservação, editor comercial, Lisboa.
- Camacho, Clara Fraião. (2007). Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas. Em *Coleções Públicos- Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés.
- Côrte-Real, Artur. (2001) *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Novos dados para o seu conhecimento*. Operação arqueológica 1995 a 1999, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Côrte-Real, Artur. (2009) *Mosteiro Santa Clara de Coimbra- do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*, Monografia, Direcção Regional da Cultura do Centro, Coimbra.
- Costa, M. M. G. F. C. da. (1996) *Museus e educação: contributo para a história e para a reflexão sobre a função educativa dos museus em Portugal* Coimbra, I vol. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação apresentada à Fac. de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra.
- Couto, J. (1954, Janeiro). *O museu Nacional de Arte Antiga, o seu alargamento e a acção cultural*. Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga.
- Faria, M. L. de. (2004). *Museus e Educação. Tempo suspenso/ tempo acelerado*. Apresentado nas Actas do Encontro Ver-Rever Museu Educação.
- Fernández, L. A. (1993). *Museologia. Introduccion a la teoria y práctica del museo*. Madrid.

- Freitas, Duarte Manuel Roque de (2014) *Memorial de um complexo arquitectónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)* Coimbra, 2014
- Figanière, Frederico Francisco de la. (1895) *Memórias das Rainhas de Portugal — D. Theresa- Santa Isabel*, Lisboa, Typographia Universal.
- Fonseca, Tomás da. (1926) *Santa Clara-A-Velha de Coimbra*, Coimbra: Comissão de Turismo.
- Dias, Pedro. (1994) *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa, ed. Estampa.
- Dias, Pedro. (1982.) Domingos Domingues, arquiteto régio do século XIV, em, *Mundo Arte*, 5, Coimbra.
- Dias, Pedro. (1986) *História da Arte em Portugal*. Vol.4, O Gótico, Lisboa, Publicação Alfa.
- Gil, Fernando Bragança (2010) *colectânea de textos sobre museus e museologia* / coord. Ana Maria Eiró e Marta C. Lourenço. Lisboa: Museu de Ciência da Universidade.
- Guerreiro, Glória Nunes Riso, (1963) *O serviço educativo dos museus: comunicação apresentada à 3ª Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, Porto, Setembro de 1962*, Porto: Revista Mvsev.
- Gonçalves, R. M. (2002). *Primeiro olhar. Programa Integrado de Artes Visuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Serviço de Educação e Bolsas.
- Homs, I.P. 82002) *La pedagogia Museística ante los restos de una sociedade n cambio*. Fundamentos teórico-práticos.
- Gonçalves, António Nogueira, (1983) *O tesouro de D. Isabel de Aragão Rainha de Portugal*, Coimbra.
- Goulão, Maria José, (1986) A cerâmica de uso e os azulejos manuelinos, Dias, Pedro, *História da Arte em Portugal*, vol. 5, O manuelino, Lisboa, Publicações Alfa.
- Hooper-Greenhill, E. (1998). *Museum and Gallery Education*. Leicester University Press.
- Hundson, K. (1999). *Forum La création de services éducatifs dans les musées est elle une erreur?* Unesco.
- Leroux-Dhuys, Jean-François (1999), *Las Abadías Cistercienses. Historia y Arquitectura*, (trad. esp.) Colonia, Konemann,
- Lopes, Frei Fernandes Félix, (1997) *Breve apontamento sobre a rainha Santa Isabel e a pobreza*, Coletânea de Estudos de História e Literatura, vol.3, Lisboa, Academia Portuguesa de História,
- Lopes, Frei Fernandes Félix, (Dezembro, 1953) *O culto de Santa Clara em Portugal*, Coletânea de Estudos (Suplementos do Boletim Mensal), ano IV, nº 3, 2ª série, Braga.
- Lopes, Frei Fernandes Félix. (Maio 1953) *Fundação do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Problema de direito medieval*, Coletânea de Estudos, Ano IV, 2ª série.
- Macedo, Francisco Pato de, (sem data). *Confraria da Rainha Santa Isabel*. Obtido de <http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com.content&view=article&id=112&Itemid=54>
- Macedo, Francisco Pato de, (1988) *Arquitetura Gótica na Bacia Do Mondego nos séculos XIII e XIV*, Coimbra, (Síntese apresentada em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica)

Macedo Francisco Pato. (2000), *O Hospital de Santa Isabel junto ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, Catálogo da Exposição João Afonso de Santarém e a Assistência Hospitalar escalabitana durante o Antigo Regime, Santarém, Câmara Municipal de Santarém.

Macedo, Francisco Pato de. (2002), *Santa Clara-a-Velha, à procura de um mosteiro perdido*, Conversas à volta dos Conventos, coord. Da ed. Virgínia Fróis, Évora, Casa do sul Editora.

Macedo, Francisco Pato de, (2005) *Fragmentos de fonte do claustro do mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, Património — Estudos, nº 8, Lisboa, IPPAR.

Machado, João Saavedra,(1974) *Páginas museológicas: I-a problemática museológica portuguesa e os museus como centros de cultura*, Caldas da Rainha

Magalotti, Lorenzo (1933) *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*, edición y notas por Angel Sánchez Rivero y Angela Mariutti de Sánchez Rivero, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra.

Martins, Maria, (1997) *Convento de Santa Clara-a-Velha em Coimbra: tempo submerso*, Lisboa: Bertrand.

Matos, S. P. S, (2012) *O serviço educativo dos museus: O MIMO e a Oficina do Olhar*, Dissertação de mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Mendes, J.A. (2009). *Estudos do Património- Museus e Educação. Coimbra*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Moniz, G.C., & Figuera, J. (2009). *Ressurreição Santa Clara-a-Velha. Coimbra. Editora. Museu Nacional de Arqueologia (1897)*. O Archeólogo Português, III, 280.

Monteiro, Maria Teresa& Sousa, José João Rigaud. (1981), *Notas sobre o pleito entre D. Mor Dias, fundadora do Convento de Santa Clara, de Coimbra, e os cônegos do mosteiro de Santa Cruz* (Coimbra), “Estudos Medievais”, I, Porto.

Mourão, T. P. S. de M. (2004), *Entre murmúrios e orações. Aspetos da vida Quotidiana do Convento de Santa Clara-a-Velha Através do Espólio Funerário (séculos XVI-XVII)*, dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Museus, porque? (1972). Museu Nacional de Arte Antiga.

Nunes, Lia F. Azevedo. (2010) *Introdução ao estudo da comunidade histórica do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, 1ª ed. Lisboa: Apenas Livros.

Panorama museológico português: carências e potencialidades. (1979) actas do colóquio APOM 76, Porto, I a 5 de dezembro de 1976 / *Associação Portuguesa de Museologia*, Porto

Pedreirinho, José Manuel, (1994) Domingos Domingues e Estevão Domingues, *Dicionário dos Arquitetos ativos em Portugal do século I à atualidade*, Porto, edições Afrontamentos.

Pimental, António Filipe, (1999) Mosteiro-Panteão/ Mosteiro- Palácio: Notas para o Estudo do Mosteiro Novo de Santa Clara de Coimbra, em a *Imagem de La Reina Santa. Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*. II. Estudios, Zaragoza, Diputación Provincial de Zaragoza.

Pimentel, António Filipe. (Maio, 1994) “*Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação*”, *Munda*, nº 27, Coimbra.

Pinto A.M. (2005). *Educação pela arte para uma cultura intercultural*. Universidade Aberta, Porto.

Portugal. Museu Nacional dos Coches. Serviço Educativo (1996), *Viagem no tempo para miúdos e graúdos: guião de visita / Museu Nacional dos Coches*, Serviço Educativo, Lisboa.

Rodrigues, Sebastião Antunes, (1982) *Rainha Santa, cartas inéditas e outros documentos*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro.

Roque, Maria Isabel Rocha (2011) *O sagrado no museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Santos, Ana Paula Pratas Figueira. (2000) *A Fundação do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra (Da instituição por D. Mor Dias à intervenção da Rainha Santa Isabel)*, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vol. Coimbra.

Sevivas, João, (2012) *Museologia: o nosso museu de arte*, Viseu: *Bichinho da Escrita*.

Silva, S.G. da (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. Em colecção *Publicos-Serviços educativos na Cultura*. Porto: Setepés.

Sousa, A.B. (2003). *Educação pela Artes e Artes na Educação*. Instituto Piaget.

SteWart, G. (1981). *The One Man Brand. Journal of Education in Museums*

Valente, L. (sem data). MPIAEP- *Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte: uma filosofia e uma praxis na investigação, intervenção e formação de professores*. Obtio em <http://www.wducarte.pt/sobre-educacao-pela-arte/>

Vasconcelos, António de. (1930) *D. Isabel de Aragão, Rainha de Portugal- A Rainha Santa*, Coimbra: Oficinas de Marques Abreu.

Vasconcelos, António de. (1894), *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão esposa do rei lavrador D. Dinis (a Rainha Santa)*, volume 2, Coimbra, Imprensa da Universidade.

Vasconcelos, de António, (1921) *Vida e Milagres*, Coimbra.

Sítios em linha:

<https://www.facebook.com/mosteiro.santaclara.a.velha/?fref=ts>

<http://turismodecoimbra.pt/company/mosteiro-de-santa-clara-a-velha/>

<http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/mosteiro-de-santa-clara-a-velha/>

<http://www.museudearteantiga.pt/>

<http://www.serralves.pt/pt/>

<http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/index.php>

<http://www.tagv.pt/>

<http://salaobrazil.blogspot.pt/>

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas_visitantes_dgpc_2015.pdf

<http://icom-portugal.org/>

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE

http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=162&Itemid=125

<http://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/servicos-gerais/item/3614-funtastic-coimbra-continuara-a-circular-em-2016>

<https://www.publico.pt/2016/04/01/local/noticia/mosteiro-de-santa-claraavelha-volta-a-abrir-mes-e-meio-depois-das-cheias-1727734>

http://e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/2487

<http://www.culturacentro.pt/apresentacao.asp?id=24>

http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_ficha.aspx?tipologia=7&idMuseu=75

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2678

Anexos

Anexo I

Bibliografia

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Bernardo, Luís, Macedo, Francisco Pato de, (2005) *Fragments de fonte do claustro do mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, Património-Estudos, nº8, Lisboa, IPPAR

Côrte-Real, Artur, (2001) *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Novos dados para o seu conhecimento. Operação arqueológica 1995 a 1999*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Côrte-Real, Artur. (2009) *Mosteiro Santa Clara de Coimbra- do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*, Monografia, Direcção Regional da Cultura do Centro, Coimbra

Dias, Pedro. (1988) *A Arquitectura Manuelina*, Porto, Livraria Civilização.

Dias, Pedro. (1994) *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa, ed. Estampa.

Dias, Pedro. (1982.) Domingos Domingues, arquiteto régio do século XIV, em, *Mundo Arte*, 5, Coimbra.

Dias, Pedro. (1986) *História da Arte em Portugal*. Vol.4, O Gótico, Lisboa, Publicação Alfa.

Faci, Ballabriga, Mariano A. (1999) - «Alguns aspetos de la vida y la muerte de Santa Isabel», in *Imagem de la Reina Santa- Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*, 2 vols., Zaragoza, Diputacion de Zaragoza.

Figanière, Frederico Francisco de la. (1895) *Memórias das Rainhas de Portugal — D. Theresa- Santa Isabel*, Lisboa, Typographia Universal.

Fonseca, Tomás da. (1926) *Santa Clara-A-Velha de Coimbra*, Coimbra: Comissão de Turismo.

Gonçalves, António Nogueira (1938), *Novas Hipóteses Acerca da Arquitectura Românica de Coimbra*, Coimbra

Gonçalves, António Nogueira, (1980) *Estudos de História de Arte Medieval*, Coimbra,

Gonçalves, António Nogueira, (1983) *O tesouro de D. Isabel de Aragão Rainha de Portugal*, Coimbra.

Gonçalves, António Nogueira& Correia, Vergílio, (1947) *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*, vol. II, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes,

Goulão, Maria José, (1986) A cerâmica de uso e os azulejos manuelinos, Dias, Pedro, *História da Arte em Portugal*, vol. 5, O manuelino, Lisboa, Publicações Alfa.

INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO- *Santa Clara e as clarissas em Portugal*, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1993-1994), Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994

Lacerda, Fernando Correia de, (1735) *História da Vida, Morte, Milagres, Canonização e trasladação de santa Isabel*, Lisboa,

Lopes, Frei Fernandes Félix, (1997) *Atividades pacificadoras de S. Isabel de Portugal nos dissídios entre Castela e Aragão, 1300 a 1304*, Coletânea de Estudos de História e Literatura, vol.3, Lisboa, Academia Portuguesa de História

Lopes, Frei Fernandes Félix, (1997) *Breve apontamento sobre a rainha Santa Isabel e a pobreza*, Coletânea de Estudos de História e Literatura, vol.3, Lisboa, Academia Portuguesa de História,

Lopes, Frei Fernandes Félix, (Dezembro, 1953) *O culto de Santa Clara em Portugal*, Coletânea de Estudos (Suplementos do Boletim Mensal), ano IV, nº 3, 2ª série, Braga.

Lopes, Frei Fernandes Félix. (Maio, 1953) *Fundação do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Problema de direito medieval*, Coletânea de Estudos, Ano IV, 2ª série.

Macedo, Francisco Pato de (1988) *A Arquitetura Gótica na Bacia Do Mondego nos séculos XIII e XIV*, Coimbra (Síntese apresentada em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica)

Macedo Francisco Pato. (2000), *O Hospital de Santa Isabel junto ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, Catálogo da Exposição João Afonso de Santarém e a Assistência Hospitalar escalabitana durante o Antigo Regime, Santarém, Câmara Municipal de Santarém.

Macedo, Francisco Pato de. (2002), *Santa Clara-a-Velha, à procura de um mosteiro perdido*, Conversas à volta dos Conventps, coord. Da ed. Virgínia Fróis, Évora, Casa do sul Editora.

Macedo, Francisco Pato de, (2005) *Fragments de fonte do claustro do mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, Património – Estudos, nº 8, Lisboa, IPPAR.

Monteiro, Maria Teresa & Sousa, José João Rigaud, (1981) *Notas sobre o pleito entre D. Mor Dias, fundadora do Convento de Santa Clara, de Coimbra, e os cónegos do mosteiro de Santa Cruz* (Coimbra), “Estudos Medievais”, I, Porto.

Mourão, Teresa da Paz Sanches de Miranda (2004), *Entre murmúrios e orações. Aspetos da vida Quotidiana do Convento de Santa Clara-a-Velha Através do Espólio Funerário (séculos XVI-XVII)*, dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Nunes, Lia F. Azevedo, (2010) *Introdução ao estudo da comunidade histórica do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, 1ª ed. Lisboa : Apenas Livros.

Pedreirinho, José Manuel, (1994) Domingos Domingues e Estevão Domingues, *Dicionário dos Arquitetos ativos em Portugal do século I à atualidade*, Porto, edições Afrontamentos.

Pimental, António Filipe, (1999) *Mosteiro-Panteão/ Mosteiro- Palácio: Notas para o Estudo do Mosteiro Novo de Santa Clara de Coimbra*, em a *Imagem de La Reina Santa. Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*. II. Estudios, Zaragoza, Diputación Provincial de Zaragoza.

Pimentel, António Filipe, (2003) *A Morada da Sabedoria. I – O Paço Real de Coimbra das origens ao estabelecimento da Universidade*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Pimentel, António Filipe, (Maio, 1994) “*Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação*”, *Munda*, nº 27, Coimbra.

Rodrigues, Sebastião Antunes, (1982) *Rainha Santa, cartas inéditas e outros documentos*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro.

Santos, Ana Paula Pratas Figueira, (2000) *A Fundação do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra (Da instituição por D. Mor Dias à intervenção da Rainha Santa Isabel)*, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vol. Coimbra.

Vasconcelos, António de, (1930) *D. Isabel de Aragão, Rainha de Portugal- A Rainha Santa*, Coimbra: Oficinas de Marques Abreu.

Vasconcelos, António Ribeiro, (1894) *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão, esposa do rei-lavrador, dom Dinis de Portugal (a rainha santa)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2 volumes

Vasconcelos, António de, (1894), *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão esposa do rei lavrador D. Dinis (a Rainha Santa) , volume 2, Coimbra, Imprensa da Universidade.*

Mais bibliografia em: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2678

Anexo II
Fotografias- Centro Interpretativo
Figura I -Vista exterior

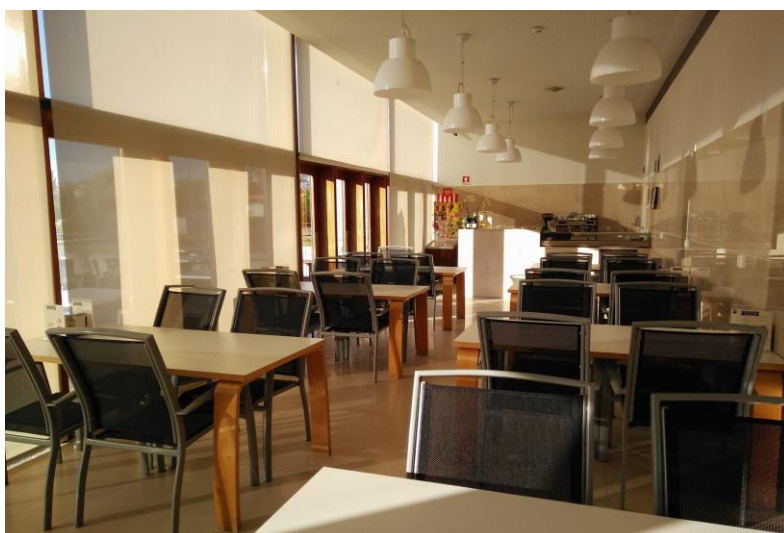
(Fotografia retirada de <https://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos/ver/Mosteiro-de-Santa-Clara-a-Velha>)



Figura 2 -Centro Interpretativo visto dos jardins do MSCV



(Figura 3- Recepção; Figura 4- Cafeteria; Figura 5- Loja)



Anexo III
Exposição Permanente
Figura 1- representação de Pier Maria Baldi



Figura 2 e 3- Fundação



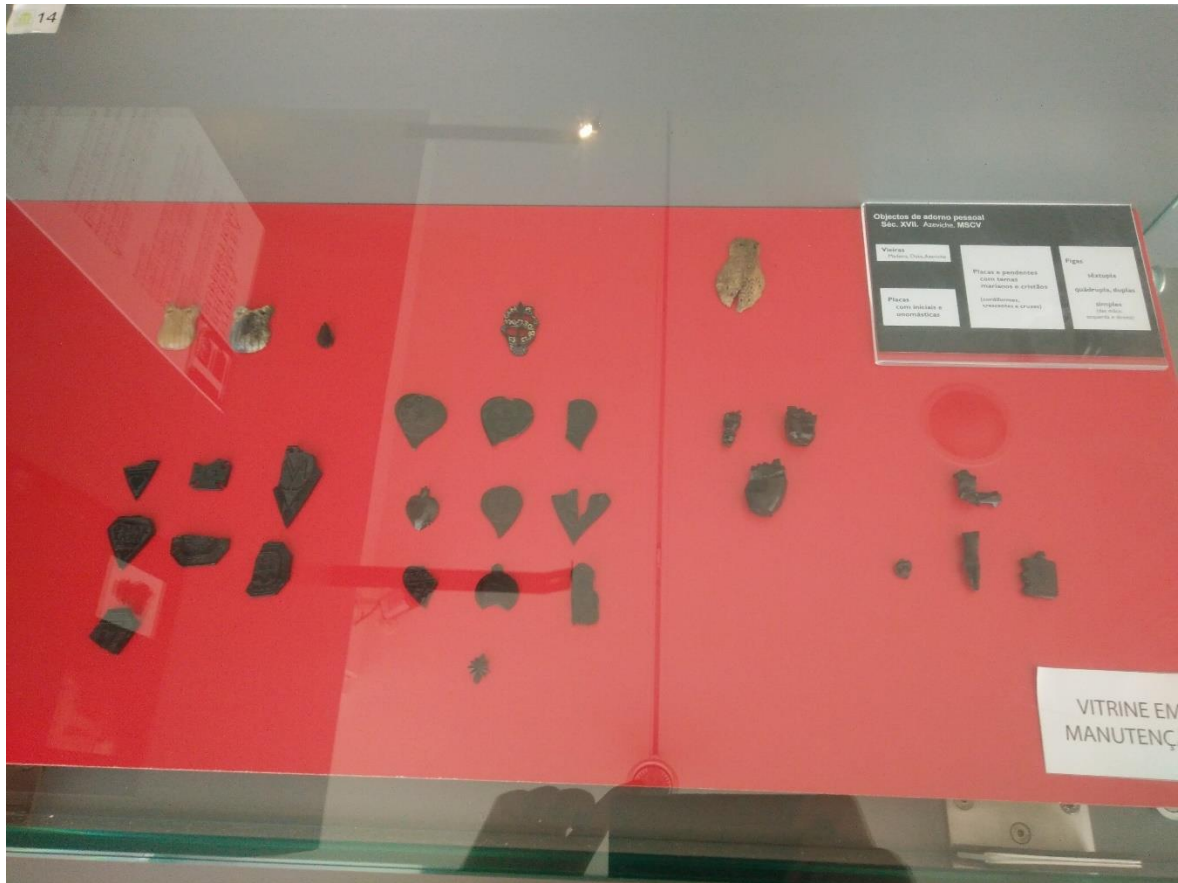


Figura 4- Devoção



Figura 5- Comunidade



Figura 6 e 7- Ocupação



Figura 8 e 9- Maquete do Mosteiro



Figura 10 e 11- Administração



Figura 12, 13 e 14 - Alimentação





Figura 15- Corpo



Figura 16- Doença



Figura 17- Morte



Anexo IV
Figura 1- Memorial à Água



Figura 2- Paço da Rainha



Figura 3 -Casa do Paço



Figura 4- Horta monástica



Figura 5- Igreja e Claustro (retirado do *facebook* do MSCV)



Figura 6- Igreja e Claustro



Figura 7- Local da antiga grade da comunhão

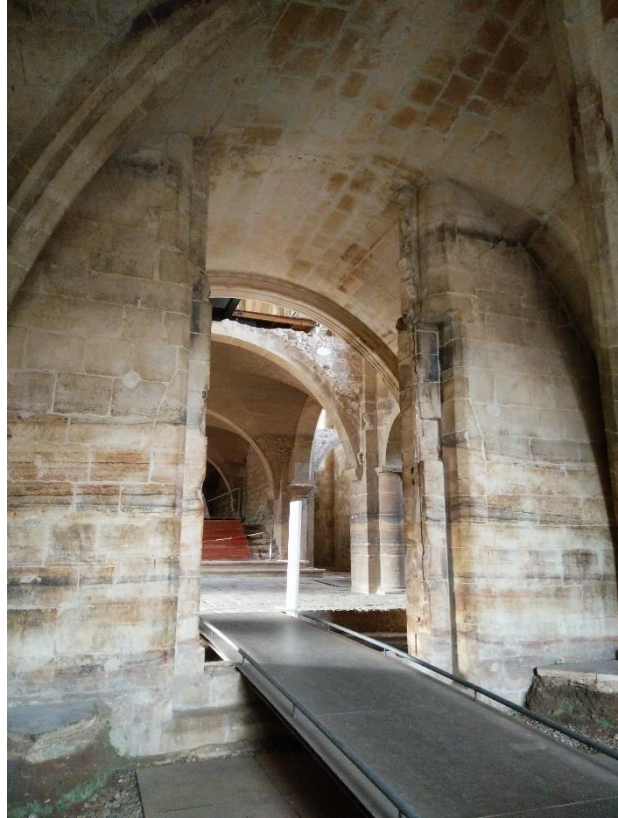


Figura 8- Local da antiga roda

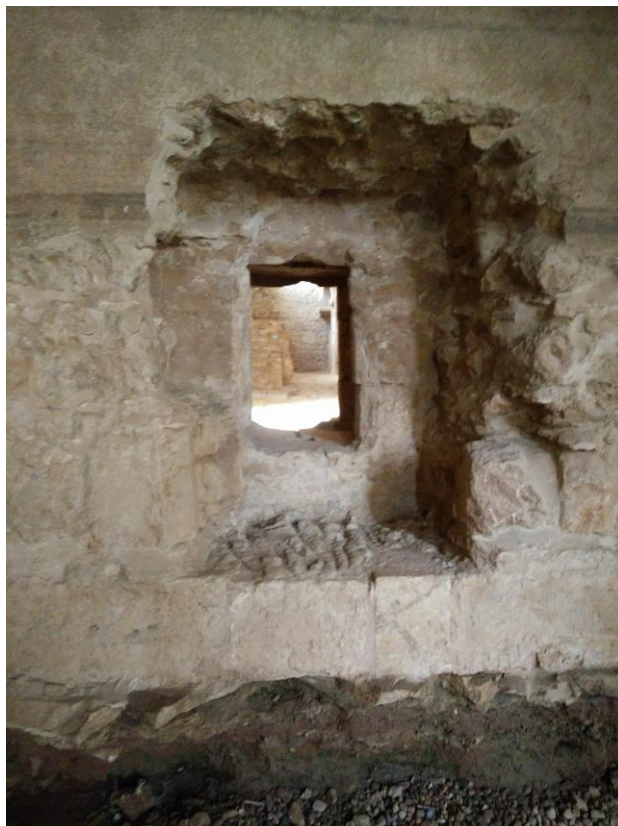


Figura 9- Azulejos do claustro



Figura 10 - Sepultamentos



Figura 11 – Piso Superior

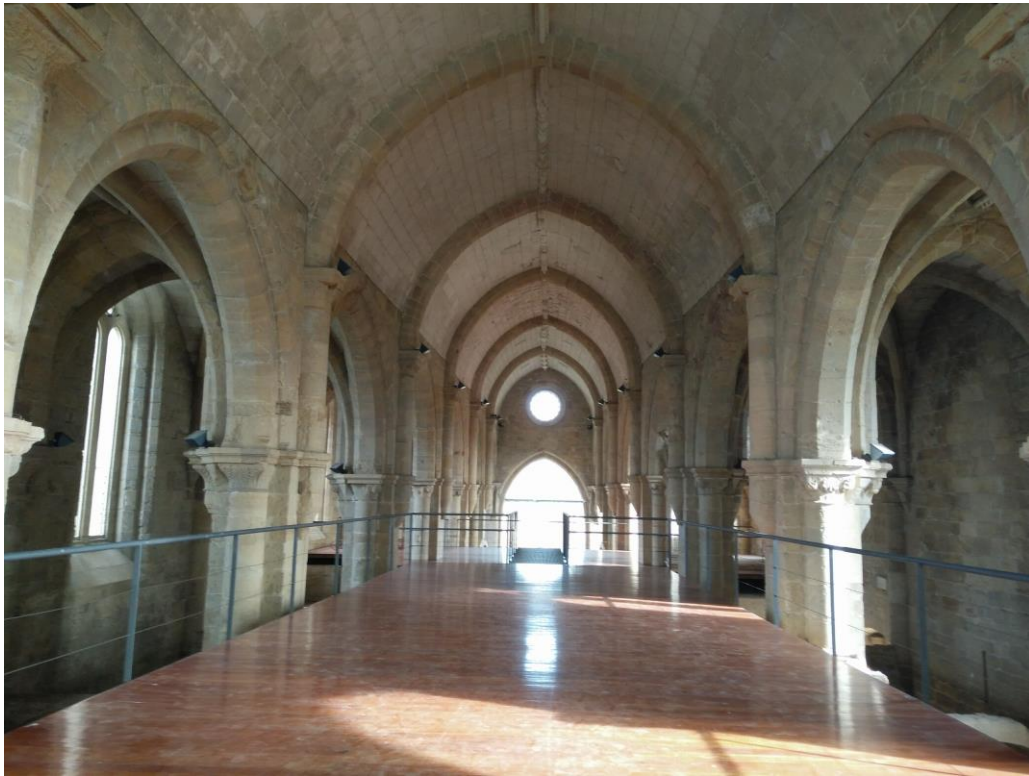


Figura 12 e 13- Local assinalado e arcosólio do túmulo da Rainha

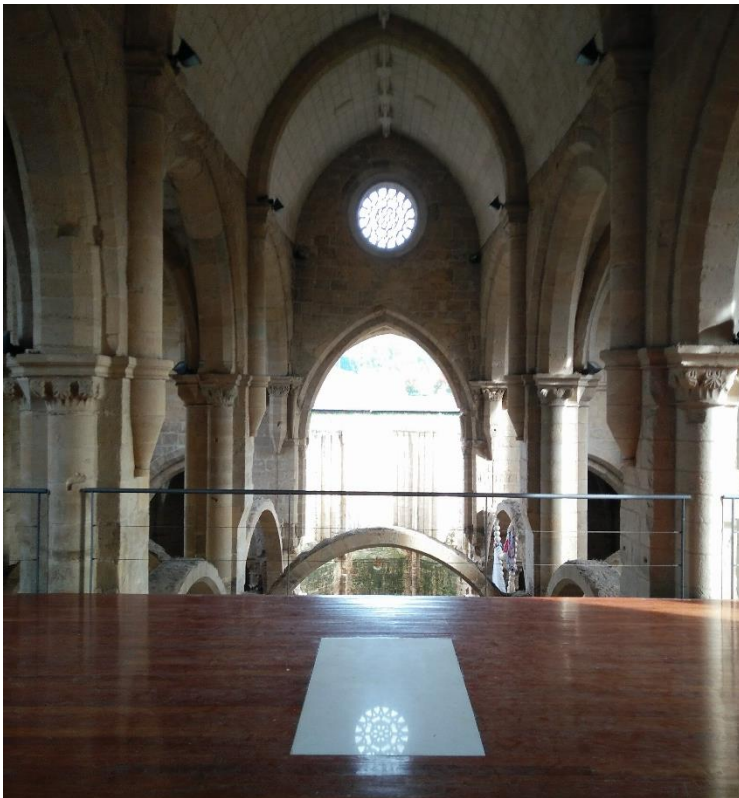


Figura 14- Claustro



Figura 15- Lavabo



Figura 16 –Entrada do refeitório



Figura 17- Entrada do dormitório



Figura 18 e 19- Sala do capitulo



Anexo V
Inundações
Figura 1- Primeira Inundação



Figura 2- Primeira Inundação

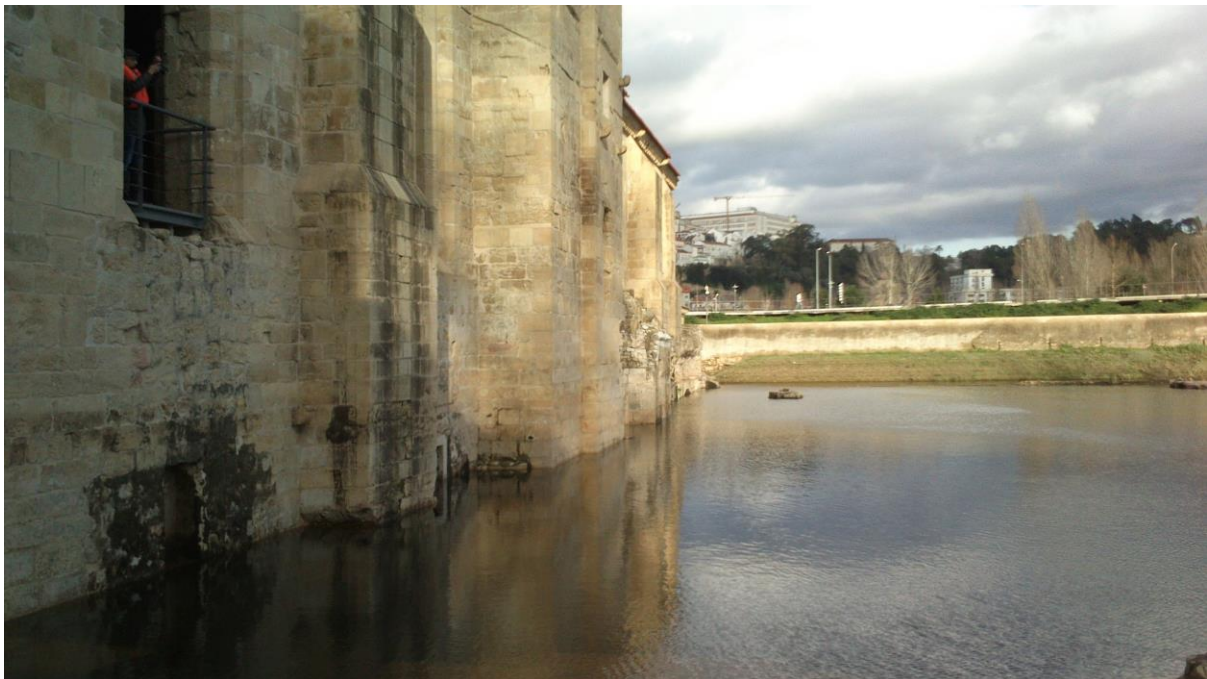


Figura 3- Primeira Inundação



Anexo VI

Figura 1- Segunda Inundação



Figura 2- Segunda Inundação

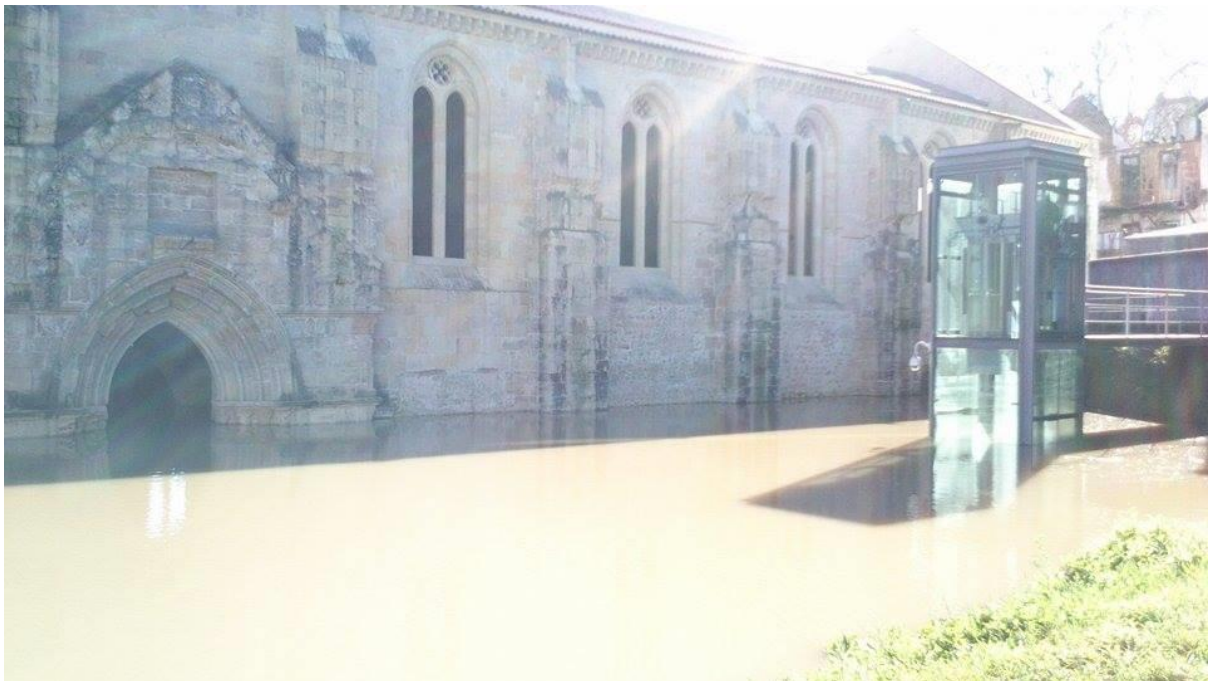



Figura 3- Segunda Inundação



Anexo VII
 Conferências durante o período de estágio
 Cartazes

700
 anos
 Fundação
 Construção
 Santa Clara-a-Velha



Conferência
Todos a Compostela!
 La estatua del Apóstol en el altar mayor de la Catedral de Santiago y sus peregrinos en la Edad Media

Manuel Castiñeiras
 Universidade Autónoma de Barcelona

24 SETEMBRO 2015 | 18H

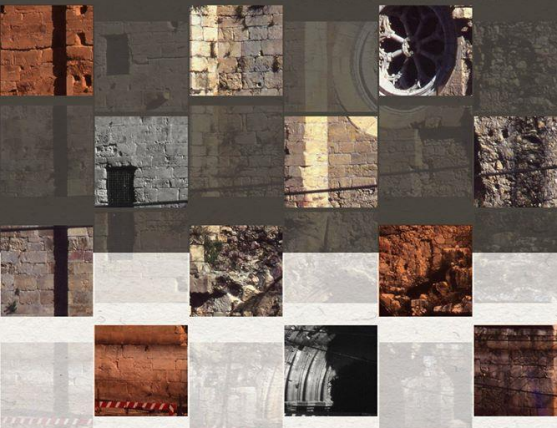
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
 ENTRADA LIVRE

GOVERNO DE PORTUGAL | INSTITUTO DA PATRIMÓNIO CULTURAL | COMISSÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO | MOSTEIRO S. CLARA A VELHA

DIA MUNDIAL DO DOENTE

PALESTRA
O MOSTEIRO VELHO FOI AO MÉDICO
 com HENRIQUE CARMONA DA MOTA

11 FEV 2016
 no AUDITÓRIO DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA



REPÚBLICA PORTUGUESA | MOSTEIRO S. CLARA A VELHA | UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Comunidade e Memória
 Vida e morte entre as Clarissas de Santa Clara-a-Velha



Eugénia Cunha e Francisco Curate
 Departamento de Ciências da Vida / Centro de Ecologia Funcional
 Universidade de Coimbra

28 JANEIRO 2016 | 18H
 no Auditório do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

GOVERNO DE PORTUGAL | INSTITUTO DA PATRIMÓNIO CULTURAL | COMISSÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO | MOSTEIRO S. CLARA A VELHA | 700 ANOS FUNDAÇÃO CONSTRUÇÃO S. CLARA A VELHA | UNIVERSIDADE DE COIMBRA

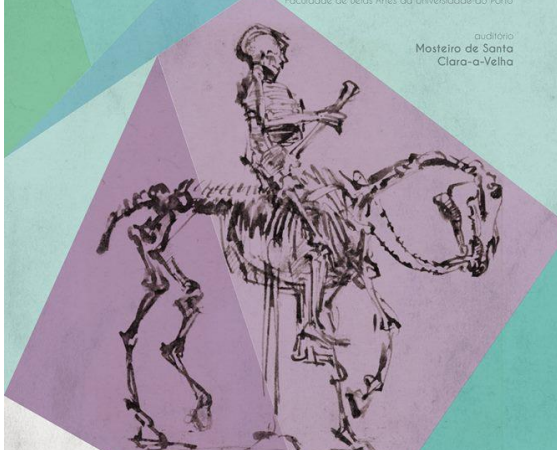
10 MARÇO 2016 • 18H

conferência

A morte na arte ocidental
 entre a luz e a escuridão, entre a ocultação e a preservação da memória

Maria José Goulão
 Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Auditorio
 Mosteiro de Santa Clara-a-Velha



700
 anos
 Fundação
 Construção
 Santa Clara-a-Velha

REPÚBLICA PORTUGUESA | MOSTEIRO S. CLARA A VELHA | PORTO | UNIVERSIDADE DO PORTO

Anexo VIII
Exposições Temporárias durante o período de estágio
Cartazes

MY OWN PRIVATE PHOSPHENES

ABALBERTO DIAS
ALVARO SIZA VIEIRA
ANTONIO CEREJEIRA MONTES
CAMILO RIBEIRO
FRANCISCO VIEIRA DE CAMPOS
JOÃO MENDES RIBEIRO
LUÍS PEDRO CRISÓSTOMO
JOSÉ PAULO DOS SANTOS
RAUL FERNANDES FERREIRA
SPACEWORKERS
TELMO CASTRO

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e a Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos convidam V.Exa para a inauguração da Instalação MY OWN PRIVATE PHOSPHENES - PATRIMÓNIOS IMAGINADOS. Curadoria e Instalação de Luís Pedro Crisóstomo em co-organização: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos.

Sábado, 26 de Setembro, pelas 17,30h
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

RSVP +351 239 801 160 | mosteiro.scvelha@drcc.pt

Este convite é pessoal e intransmissível
Válido para duas pessoas.

GOVERNO DE PORTUGAL | INSTITUTO DA CULTURA | COMISSÃO REGIONAL DE CULTURA DO NORTE | SANTA CLARA A VELHA | OMA | ORDEM DOS ARQUITECTOS SECÇÃO REGIONAL DO NORTE | FABLAB Coimbra | NOVOTECNA

A Diretora Regional da Cultura do Centro Dra. Celeste Amaro e os escultores Elsa Gonçalves e Pedro Fazenda têm o prazer de convidar V. Ex.^a para a inauguração da exposição

DE UM LADO E DO OUTRO

no dia 31 de Outubro de 2015, sábado, pelas 15 horas, na sala das exposições temporárias do Mosteiro de Santa Clara a Velha, Coimbra.

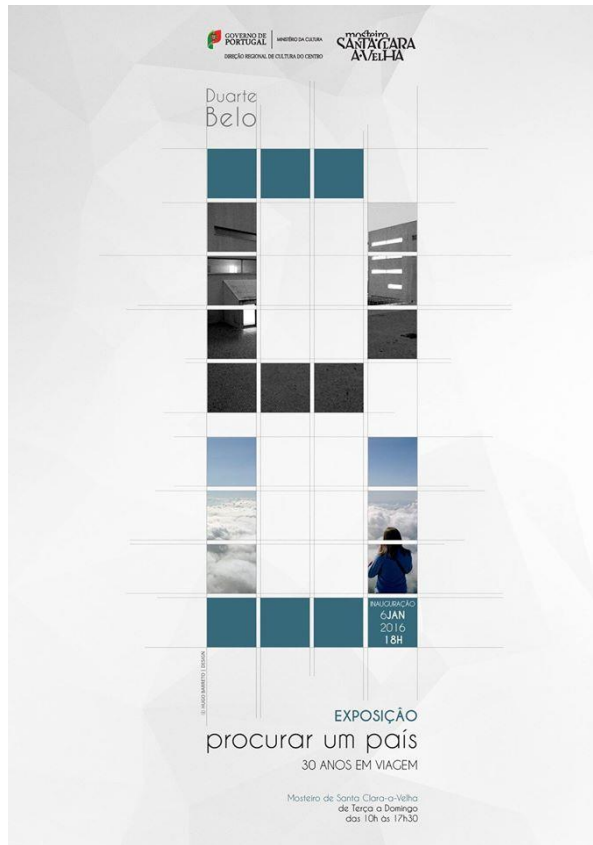
EXPOSIÇÃO PATENTE:
31 DE OUTUBRO A 31 DE DEZEMBRO DE 2015
TERÇA A DOMINGO . 10.00H ÀS 18.00H
R. Parreiras, 3040-266 Coimbra
Tel.: 239 801 160



DE UM LADO E DO OUTRO

ESCUPTURAS DE ELSA GONÇALVES & PEDRO FAZENDA

CONVITE
INAUGURAÇÃO_ 31 OUTUBRO 2015_ 15.00H_ MOSTEIRO SANTA CLARA A VELHA



Anexo IX
Eventos durante o período de estágio
Jornadas Europeias do Património

mosteiro SANTA CLARA AVELHA

Jornadas Europeias do Património 2015

25 26 27 SET

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E TÉCNICO

Rua das Parreiras | 3040-266 Coimbra
Telf. 239 801 160
mosteiro.scvelha@drcc.pt

GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

www.patrimoniocultural.pt

25 SETEMBRO	26 SETEMBRO	27 SETEMBRO
<p>16h00</p> <p>Projeção do Documentário "Pare, escute e olhe" de Jorge Pelicano 100 min</p>	<p>15h00</p> <p>Participação do Conservatório de Música de Coimbra</p>	<p>15h00</p> <p>Participação do Conservatório de Música de Coimbra</p>
<p>18h00</p> <p>Sociedade e cultura Novas estratégias para a sustentabilidade Conferencistas Prof. Doutora Aída Rechena; Prof. Doutor Alexandre Alves Costas; Prof. Doutor Jose Manuel Silva Dr.ª Assunção Júdice; Dr.ª Adriana Rodrigues</p>	<p>15h05</p> <p>Conferência O Património Industrial e as suas potencialidades: Turismo Cultural e Educação Conferencista Prof. Doutor José Amado Mendes</p>	<p>15h15</p> <p>Conferência Conversa: três olhares sobre o Património Industrial: a economia, a sociologia e a arquitectura</p> <p>Paulo Fonseca (PLURAL) - A importância do tecido empresarial para a recuperação do Património Paulo Peixoto (CES) Pedro Crisóstomo (ARQ) - Lugares Expectantes</p>
<p>19h00</p> <p>Visita Guiada ao Mosteiro</p>	<p>17h15</p> <p>Participação do Conservatório de Música de Coimbra</p>	<p>19h19</p> <p>Teatro/Jantar "Inês de Portugal" pela companhia Fatias de Cá mediante inscrição prévia (PVP: 15€)</p>
<p>20h00</p> <p>Video Mapping</p>	<p>17h30</p> <p>Abertura de Exposição My own private phosphens (Igreja MSCV) Curadoria e Instalação: Pedro Crisóstomo Co-organização: Secção Norte da Ordem dos Arquitectos e Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (de 26 de Setembro a 26 de Outubro)</p>	

Feira do Património



FEIRA DO PATRIMÓNIO 2015

MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA, COIMBRA

PROGRAMAÇÃO

9, 10 E 11 DE OUTUBRO

EM PARALELA - Exposição: *Cadernos de Memórias - diários de viagem* por Eduardo Salavisa | LOCAL: Sala de Exposições Temporárias

Exposição *Preleto: O Mestre Alfolhada e o Alquilista* por Cristina Rodrigues | LOCAL: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Quinta das Lágrimas

Mostra de Vídeos: *Filmografia Michel Giacometti* por Tradisom | LOCAL: Sala de Exposições Temporárias

Mural *Aproximar* - projecto de sensibilização patrimonial: exposição dos trabalhos das escolas do 1º ciclo do concelho de Coimbra por Spira, Associação Mundo Património | LOCAL: Casa do Paço

SEXTA-FEIRA - 9 DE OUTUBRO

1000 O DIA (10H00 - 18H00) **Aproxima-te! Múdos no Património, na Feira** por Spira (Mundo Património) & Câmara Municipal de Coimbra | LOCAL: Tenda

11H00 **Cerimónia Inaugural** | LOCAL: Mosteiro

11H00 - 13H00 **Atelier de Calligrafia** por Emirados Árabes Unidos | LOCAL: Tenda

14H00 - 18H00 **Mostra Série Documental: O Povo que ainda canta** por Tiago Pereira, A Música Portuguesa a Gostar dela Própria | LOCAL: Auditório

14H30 - 19H00 **Innovation Point** | LOCAL: Casa do Lago

15H00 - 18H30 **Tourism Talks Pro** *Processo de Turismo de Portugal* | LOCAL: Mosteiro

17h00 **Apresentação do Grupo de Concertinas Sons de Cascaes** | LOCAL: Tenda

18H30 **Video Mapping: Light Paintings - Cultural Heritage*** por OCUBO | LOCAL: Mosteiro

20H00 **Vídeos Aproximar + NINHOS** por Spira, Associação Mundo Património e Rafaela Salvador | LOCAL: Mosteiro

21H15 **Concerto: Salgan Bailando y Dançando con instrumentos*** por Capella Sanctae Crucis | LOCAL: Mosteiro

22H30 **Video Mapping: Light Paintings - Cultural Heritage*** por OCUBO | LOCAL: Mosteiro

SÁBADO - 10 DE OUTUBRO

1000 O DIA (11H00 - 19H00) **T-shirt Património & Mesa para Todos** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

09H30 - 18H00 **Seminário Internacional** | LOCAL: Mosteiro

10H30 - 19H00 **Innovation Point** | LOCAL: Casa do Lago

11H00 - 13H00 **Campeonato de jogos de tabuleiro** por Pythagoras | LOCAL: na relva, junto à Casa do Paço

11H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: no exterior entrada do Museu Machado de Castro

11H30 - 13H00 **Rosas para a Rainha Santa Isabel** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

14H00 - 16H00 **Água vai, água vem** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

14H00 - 19H00 **Atelier de Calligrafia** por Emirados Árabes Unidos | LOCAL: Casa do Paço

14H00 - 16H30 **Mostra Série Documental: O Povo que ainda canta** por Tiago Pereira, A Música Portuguesa a Gostar dela Própria | LOCAL: Auditório

14H30 **Lançamento do jogo À Descoberta de Coimbra** por Ideias Com História | LOCAL: Casa do Paço

14H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: no exterior Porta Férrea da Universidade de Coimbra

15H00 - 18H00 **Jogo À Descoberta de Coimbra** por Ideias Com História | LOCAL: Casa do Paço

16H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: bilheteira do Mosteiro

17h00 **Grupo Etnográfico Cantares e Danças de Assafalga - Centro Desportivo Recreativo e Popular de Assafalga (CDRPA)** | LOCAL: Tenda

19H00 **Concerto: Gaiteiros de Coimbra*** por A Música Portuguesa e Gostar dela Própria | LOCAL: Tenda

19H30 **Video Mapping: Light Paintings - Cultural Heritage*** por OCUBO | LOCAL: Mosteiro

21H15 **Concerto: Entre Salzburgo e Coimbra*** por Orquestra Clássica do Centro | LOCAL: Mosteiro

22H30 **Video Mapping: Light Paintings - Cultural Heritage*** por OCUBO | LOCAL: Mosteiro

DOMINGO - 11 DE OUTUBRO

1000 O DIA (11H00 - 19H00) **T-shirt Património & Mesa para Todos** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

10H00-13H00 **Conservation & Rehabilitation Talks** *powered by GECORPA e DGPC* | LOCAL: Auditório

10H30-13H30 **Innovation Point** | LOCAL: Casa do Lago

11H00 - 13H00 **Jogo À Descoberta de Coimbra** por Ideias Com História | LOCAL: Casa do Paço

11H30 - 12H30 **Workshop: Um Jardim Dentro de Casa** por Associação Portuguesa de Jardins Históricos | LOCAL: no exterior bilheteira do Mosteiro

11H30 - 13H00 **As toques das sinetas e campainhas** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

11H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: no exterior bilheteira do Mosteiro

14H00 - 16H00 **Inscrições e Impressões** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

14H00 - 18H00 **Campeonato de jogos de tabuleiro** por Pythagoras | LOCAL: na relva, junto à Casa do Paço

14H00 - 19H00 **Atelier de Calligrafia** por Emirados Árabes Unidos | LOCAL: Tenda

14H00 - 18h00 **Heritage Talks** *powered by ADDICT e Microcrédito bcp* | LOCAL: Auditório

14H30 - 17H30 **Workshop: O Desenho de Viagem no espaço Quotidiano** por Eduardo Salavisa | LOCAL: no exterior bilheteira do Mosteiro

14H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: no exterior Porta Férrea da Universidade de Coimbra

15H00 **Spira Espanha: apresentação** por Spira | LOCAL: Tenda

16H00-18H00 **Água vem, água vai** por Spira (Mundo Património) | LOCAL: Casa do Paço

16H30 **Roteiros Aproxima-te! Múdos no Património** por Spira (Mundo Património) & Aposénior | LOCAL: no exterior entrada do Museu Machado de Castro

17H00 **Apresentação de Grupos de Dança e Música Tradicional** por Emirados Árabes Unidos | LOCAL: Tenda

18H00 **Cerimónia de Entrega do Prémio Internacionalização** | LOCAL: Mosteiro

18H30 **Concerto: Amanhecer Fado de Coimbra*** por Grupo Fados do Amanhecer | LOCAL: Tenda

*Entrada livre nos sessões de Video Mapping e Concertos mediante levantamento de bilhete no balcão de informação da Feira Património (Mosteiro de Santa Clara-a-Velha) a partir das 15h, para as sessões do próprio dia. **Legares sujeitos à lotação disponível. Não se aceitar reservas de lugares. Programação sujeita a alterações.**

As actividades referidas na programação estão dimensionadas para espaços livres.

📍 Seminários, Conferências, Sessões | 🎨 Programação Cultural | 🏛️ Educação Patrimonial
Zona Expositiva - 10h00 às 20h00 | Programação Noturna - 19h30 às 23h00

Figura 1- Montagem da tenda da Feira do Património



Figura 2- Tenda da Feira do Património



Figura 3- Concerto na Igreja do MSCV durante a Feira do Património



Dia Internacional dos Monumentos e Sítio

Figura 1- Cartaz 2016

16 ABR

18 ABR

desporto património comum

15h00
Workshop de Capoeira
Grupo Muzenza

10h00-18h00
Tesouros Bibliográficos de Desporto em Santa Clara
Livros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
FCDEF

10h00-12h30
Estações Desportivas no Sítio de Santa Clara-a-Velha
FCDEF
Rugby | Badminton | Judo | Hóquei | Aeróbica | Golfe

15h
Apresentação do grupo/equipa de desportos gímnicos
AECOFER2/3 de Tavero

15h00-16h00
Conferência
Memória e Descoberta da vocação da margem esquerda do Mondego - prefiguração do EUC (Estádio Universitário de Coimbra) como foco seminal na organização do espaço entre pontes - Santa Clara e Açude
Prof. Doutor António Bettercourt do Departamento de Arquitectura da FCTUC
FCDEF

15h30
Maratona
Tuna Mista da FCDEF da Universidade de Coimbra

18h00
Conferência
Escrever e iluminar o um livro. O Códice Quinhentista da Regra de Santa Clara da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Maria José Azevedo Santos
Francisco Pato de Macedo

Partenários:

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CENTRO DE ESTUDOS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E BIOTECNOLÓGICAS
ANIMAÇÃO PELO CURSO PROFISSIONAL ANIMADOR SOCIOCULTURAL ESC SEC DE COIMBRA

Anexo X

Fotografia da publicação do Jornal Diário “As Beiras”

(retirado do *facebook* do MSCV)

O Jornal “Diário de Notícias” também publicou na sua página oficial uma notícia relacionada:

[//www.dn.pt/artes/interior/mosteiro-de-santa-claraavelha-com-recorde-de-visitantes-4969070.html](http://www.dn.pt/artes/interior/mosteiro-de-santa-claraavelha-com-recorde-de-visitantes-4969070.html)



Número de entradas no monumento nacional superou em cerca de 10 mil o anterior máximo

Visitas ao mosteiro batem recorde em 2015

●●● Mais de 61 mil, no ano de 2015. É o maior número de visitantes, num ano, registado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, desde a sua abertura ao público, a 18 de abril de 2009.

Em nota à comunicação social, a DRCC – Direção Regional de Cultura do Centro – que tutela aquele monumento nacional – atribui o recorde alcançado à “especificidade do sítio e a uma programação cuidada e diversificada”.

Em detalhe, no último ano, foram 61.326 os visitantes registados, o que faz de 2015 o melhor ano de sempre. “De salientar a afluência extraordinária de público durante a Feira do Património, nos dias 9, 10 e 11 do passado mês de outubro, com um total de

10.111 entradas”, acrescenta a DRCC.

No entanto, prossegue a nota da direção regional, “face ao número de visitantes, já significativo durante os anos anteriores, mesmo não contabilizando os resultados da Feira do Património, os números de 2015

são motivo de orgulho, pelo trabalho produzido no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e de incentivo para a aposta na melhoria de resultados e a prestação de um serviço público de qualidade, para os cidadãos de Coimbra, da região, do país e do mundo”.

Fonte: Direção Regional de Cultura do Centro



Anexo XI
Questionários

Museu Nacional Machado Castro

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados?

Registou-se um aumento de número de visitantes, e fomos o 2º museu ao nível dos museus da DGPC.

Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse? Uma maior divulgação das atividades que resultaram numa maior interação entre parceiros envolvidos.

2. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

A divulgação é realizada ao nível dos serviços centrais, na DGPC e ao nível do museu, pela área da comunicação sita no museu, via *newsletter*, *facebook*, *blog*, e *emails* de uma base de dados recolhida ao longo do tempo, alguns órgãos de comunicação, como os diários de Coimbra e das Beiras, agenda 7, entre outros. Parcerias com a Alzheimer Portugal, Associação Integrar, ACAPO, ANAI, FPCE-UC,

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação é realizada anualmente ao nível genérico e no que diz respeito às exposições que são aprovadas ou não nos serviços centrais; as atividades mais específicas são programadas mensalmente e diretamente com a Diretora e área da comunicação. É da competência da Diretora a aprovação das mesmas.

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

O público-alvo é geral, de todas as classes sociais, de todas as idades, géneros e credos. Adultos, idosos, crianças e jovens e, jovens em risco. As atividades do Museu apostam na divulgação da cultura e na educação do gosto, enquanto capacidade crítica de saber aquilo de que gostamos.

Das arquiteturas que acolheram as coleções e das vivências que as mesmas deixam entrever, bem como dos imaginários que o próprio Museu foi fabricando, decorre a sua vocação, hoje claramente assumida num amplo projeto de renovação, que procura revelar e articular os valores essenciais das preexistências arquitetónicas, requalificando o espaço em que vivem as coleções.

Temos alguns protocolos quer com entidades académicas- Universidade de Coimbra, Câmaras Municipais, Associações de Amigos, entre outras. Há um protocolo específico para atividades desenvolvidas com a Liga dos Amigos do Museu. Existe protocolo com a Seguradora Lusitânia para efeitos de seguros a voluntários. Sim as visitas guiadas ligadas ao serviço educativo são efetuadas com marcação prévia via serviço educativo, pelas escolas e entidades de educação diversas, como colégios, jardins escolas, etc...

5. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim temos programas na área da deficiência mental, como o “EU no Museu”;o “Nós no Museu” promove a inclusão social no âmbito das necessidades educativas especiais; “Construa Pontes e não Barreiras” , e algumas intervenções pontuais com próxima assinatura de protocolo para tradução de visitas guiadas em Língua Gestual Portuguesa(LGP) e visitas específicas para cegos com a colaboração da ACAPO (protótipos e livro no prelo).

6. Existe algum tipo de ligação entre a instituição e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha?

Sim ao nível institucional e com cedência de peças em depósito.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Sim na rede portuguesa de museus (RPM) alguns roteiros da UC e do Turismo de Portugal.

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Sim tem restaurante e cafetaria no espaço, embora gerido por uma entidade externa ao Museu. Sim é um elemento que contribui para o aumento do fluxo de visitantes no museu que aproveitam o virem tomar uma refeição ou um simples café e ficam para uma visita.

9. O crescimento exponencial do turismo relativamente às zonas da Universidade, Alta e Sofia tiveram impacto nesta entidade?

Sim, de algum modo é relevante e esperamos vir a implementar mais atividades em parceria, como até aqui tem vindo a acontecer.

Casa Museu Bissaya Barreto

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Aumentou em relação ao ano anterior, ca de 30%. Passamos a abrir as portas ao público durante as manhãs.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

Existe um Serviço de Comunicação e Imagem. As propostas apresentadas ao Serviço de C e Imagem são analisadas, estudadas, trabalhadas e depois difundidas.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação do ano é planeada até 30 Set do ano anterior e colocada à aprovação superior. Ainda não possuímos Serviço Educativo.

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Parcerias com Escolas Profissionalizantes, com a Universidade (FLUC), com o AUC. O público alvo são o público em geral e, nomeadamente, o público estudantil

5. realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Realizam-se visitas escolares, mas não ligadas ao Serviço Educativo

6. realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Não

7. Existe algum tipo de ligação entre a instituição e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha?

Sim, ambos pertencem ao “Coimbra-Rede de Museus”

8. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Associada fundadora da Associação, Portuguesa de Casas Museu — A.P.C.M. e integra a parceria “Coimbra — Rede de Museus”

9. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Não possui

10. O crescimento exponencial do turismo relativamente às zonas da Universidade, Alta e Sofia tiveram impacto nesta entidade?

Sim.

Museu da Marioneta

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Seguem os números de visitantes por anos:

2012 = 20 078

2013 = 24 441

2014 = 22 103

2015 = 24 448

O aumento de número de visitantes está normalmente associado à oferta da programação, nomeadamente à existência de espetáculos.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias).

É feita através de uma *mailing list*, para onde se envia a newsletter com a programação, da página de *facebook* do museu, do site e outros meios de imprensa. Pontualmente pode haver publicidade nalgum meio que o Museu considere relevante.

Também é feita distribuição de folhetos institucionais e com a programação específica (de serviço educativo, de espetáculos ou de exposições temporárias).

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação vai ao encontro da missão do Museu (por favor consultar o site) estando sempre relacionada com a divulgação do teatro de marionetas, seja através de exposições temporárias, seja através de espetáculos (maioritariamente de companhias portuguesas). A programação do serviço educativo tem em conta as mesmas premissas, baseando-se em atividades de disseminação do conhecimento do teatro de marionetas e preferencialmente de carácter participativo (como os ateliers).

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Particemente todas estas informações estão disponíveis no site do Museu. Os públicos alvo vão desde crianças do pré-escolar a professores, educadores, famílias ou adolescentes. Atualmente temos uma parceria com o Museu das Comunicações para a realização das férias escolares.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Sim

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim, estas atividades podem ser consultadas no site ou no blogue do serviço educativo:
<http://servicoeducativomarioneta.blogspot.pt/>

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Rede Portuguesa de Museus

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Não tem cafetaria

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Não

Museu da Água- EPAL

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

O número de visitantes manteve-se nos 50.000.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

A divulgação do museu é feita através do site da EPAL e da página do museu no *facebook*. Para além disso o museu aproveita os canais de turismo, como o Turismo de Lisboa; os canais culturais, como a Rede Portuguesa de Museus; os vínculos que tem com a Câmara Municipal de Lisboa e com as Juntas de Freguesia da cidade para divulgar as suas atividades nos seus recursos.

3. como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação do museu é feita anualmente (Programa anual de atividades) de acordo com o orçamento aprovado pelo Conselho de Administração. O serviço educativo segue também a mesma regra, mas procura ainda adaptar-se às efemérides anuais e aos temas específicos dos dias dedicados aos museus e ao ambiente (Dia dos monumentos e sítios, Dia internacional dos Museus e Noite dos Museus, Dia da Água e Dia do Ambiente).

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Missão e linhas orientadoras

Sensibilizar a comunidade para valores ligados à defesa do património ambiental, bem como ao importante património histórico, documental, monumental e cultural da EPAL, para que este se encontre cada vez mais ao serviço da comunidade e simultaneamente, captar novos públicos, através do desenvolvimento de programas específicos que desenvolvam o seu interesse por estas questões através de ações nas áreas da educação ambiental e patrimonial.

Neste contexto procuramos:

- Criar e apoiar um programa dinâmico de iniciativas de forma a corresponder aos interesses de um conjunto diversificado de públicos e ao crescendo da oferta ao nível do turismo.
- Captar novas audiências e formar públicos, cada vez mais amplos, conhecedores e exigentes, estabelecendo com estes, relações estreitas e duradouras.
- Contribuir para a educação ambiental e patrimonial, através de programas dirigidos às escolas e aos principais agentes de intervenção educativa (pais, professores, monitores, técnicos de educação).

- Construir espaços de reflexão, diálogo e formação em torno de temas como o ambiente, a água, o património histórico e outros campos de estudo associado.

- Contribuir para o reforço da imagem positiva do Museu da Água, tendo em conta a sua importância face aos desafios da sociedade contemporânea que reivindica uma participação mais ativa e efetiva do espaço cultural e representativo do museu.

- Público em Geral

Estas visitas realizam-se durante todo o ano, no caso da Galeria do Loreto, e esporadicamente em qualquer núcleo, em dias de efemérides, por marcação.

Estas visitas proporcionam espaços de discussão, debate e aprendizagem a partir dos percursos escolhidos pelo grupo e da seleção temática do tema a abordar.

- Visitas para grupos organizados

Visitas gerais ou temáticas para grupos organizados, que procuram responder a diferentes tipos de interesse e a pedidos específicos em língua portuguesa ou estrangeira.

- Visitas à exposição permanente

Visitas que tomam como ponto de partida a exposição permanente do Museu da Água e a estação elevatória, procurando traçar diversos percursos (cronológicos ou não) abordando algumas questões importantes relacionadas com as novas áreas temáticas do museu: A Água no Planeta; A Água na História, O Ciclo da Água e Sustentabilidade.

TEMAS:

- Era Uma Vez... Contos e outras Histórias (3 aos 6 anos)

Saber usar hoje para ter amanhã? Uso Eficiente da Água? Mas afinal como é que isto se faz? A partir de várias histórias, umas com fantoches e outras sem, vamos explicar como poupar e porque é que temos que poupar.

- Por água abaixo (6 aos 10 anos)

- Como é que a água chega até às nossas casas? E como é que essa água se integra no ciclo da água? Como é que água apareceu no nosso planeta? E porque é que a água do mar é salgada? Durante a visita iremos arrumar ideias e conceitos.

- A História a meter Água (A partir dos 10 anos)

Quando os Romanos aqui viveram como seria o problema da água? E na Idade Média é verdade que não tomavam banho? Como é que se construíram os arcos do Vale de Alcântara?

E a barragem de Castelo de Bode? ... Ao longo da visita estas e muitas outras perguntas serão respondidas

- Tempestade num copo de Água (A partir dos 10 anos)

Afinal o que é o buraco do Ozono, o aquecimento global do planeta, o degelo e em que é que tudo isto nos afeta? Será que a água que existia no tempo dos Dinossauros é a mesma que nós temos agora?

Que noções temos nós todos sobre tudo isto?

- Um Banho de História (A partir dos 10 anos)

A História do Abastecimento de Água desde os Romanos até aos nossos dias. Durante a visita serão focados diversos temas como o problema da água na época medieval, a construção do Aqueduto das Águas Livres, a introdução dos rios Alviela, Tejo e Zêzere como sistemas de abastecimento de água.

- Visitas ao Património associado

Conjunto de visitas que se articulam em torno de temas específicos, procurando responder às necessidades manifestadas pelas escolas no decorrer do ano letivo, criando sempre que possível o cruzamento interdisciplinar (História, História da Arte, Ciências da Natureza, Geografia, Geologia, Física, Química, entre outras).

- Ateliers

Conjunto de atividades lúdicas, complementares da visita ao museu, com recurso a dinâmicas que reforçam o processo de descoberta e aprendizagem através do contacto com a água.

Estas atividades serão realizadas por equipas externas ao MDA com aprovação prévia dos conteúdos por parte do serviço educativo.

Público alvo: Todos os tipos de público

· A Rainha Refresca-se

Baseado num guião sobre a construção e a importância do Aqueduto das Águas Livres no sistema de abastecimento de água a Lisboa, este passeio pretende ser uma reconstituição das deslocações de D. Carlota Joaquina às nascentes de Careque onde ela parava para refrescar-se quando se deslocava de Mafra a Sintra, ou de Lisboa para Queluz.

O encontro é na Rua das Amoreiras nº 101, recinto da EPAL, pelas 09h30m seguindo-se para Caneças, onde os visitantes poderão ver e cumprimentar a rainha D. Carlota Joaquina, o cocheiro-mor e as tradicionais lavadeiras de Caneças.

Seguidamente a travessia do Aqueduto das Águas Livres, sobre o Vale de Alcântara, onde serão surpreendidos pelo terrível Diogo Alves. Termina no Reservatório da Mãe d'Águas das Amoreiras pelas 13h00.

Periodicidade: Sábados, por marcação prévia. Mínimo de 35 pessoas e máximo 50 pessoas.

- Geo - Aqueduto

As nascentes do Aqueduto e a Hidrogeologia da região de Carenque-Caneças, dão o mote a esta visita, onde se faz uma abordagem geológica do Aqueduto, da Mãe d'Água das Amoreiras e da Geologia de Lisboa. O Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e o Museu da Água organizam estas visitas.

Periodicidade: Julho e Agosto. Marcações através do site Ciência Viva no Verão.

- Da Patriarcal ao Chafariz do Vinho

O Museu da Água em colaboração com o Chafariz do Vinho retomou um percurso que leva os visitantes pelas galerias subterrâneas da cidade, desde a Patriarcal (Príncipe Real) ao Chafariz do Vinho (Praça da Alegria). Este último foi recuperado e adaptado às suas novas funções de enoteca.

Periodicidade: por marcação com a Enoteca e com o Mda para coordenação de abertura de portas. Entrada no Reservatório da Patriarcal às 17h00.

- Percurso Pedestre — Do Aqueduto ao Palácio Marquês de Fronteira

Com início no Aqueduto das Águas Livres, à Calçada da Quintinha, o percurso pedestre até ao Palácio Marquês da Fronteira, a S. Domingos de Benfica pretende criar uma simbiose entre o Património Ecológico e o Património Histórico-Cultural.

Atravessando o majestoso Aqueduto das Águas Livres sobre o Vale de Alcântara, os visitantes poderão contemplar uma agradável panorâmica de Lisboa entrando de seguida no Parque Florestal de Monsanto que, quer pelo seu relevo, quer pela sua área florestal, apresenta-se como um dos últimos refúgios de Lisboa.

Antes de finalizar o percurso, os visitantes são ainda convidados a apreciar os Jardins do Palácio dos Marqueses de Fronteira.

Periodicidade: Sábados, por marcação prévia. Mínimo de 35 pessoas e máximo 50 pessoas.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Sim. As acima referenciadas.

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Sim. Rede Portuguesa de Museus.

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

O Museu não tem cafetaria.

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim.

Museu das Marionetas Porto

I.º de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Ano 2013 — 5243 Ano 2014 — 7832 Ano 2015 - 9185

Motivos: público seguidor das Marionetas do Porto, conhecimento local, divulgação, companhia e aumento de número de turistas no Porto.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

Site, newsletters, media social, flyers, etc.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

Programação semestral e/ou anual. Uma vez que se trata de um museu particular, ligado à companhia Teatro de Marionetas do Porto, a seleção é feita mediante o material da companhia e disponibilidade do mesmo.

Não temos propriamente um serviço educativo, no entanto, o museu dispõe de visitas livres e guiadas também destinadas a público escolar

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Ver PDF anexo

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Ver resposta 3

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

O museu não tem acesso a pessoas com mobilidade reduzida. Na situação de pessoas/alunos com NEE é mais comum fazerem a visita livre fazendo os educadores, por vezes, uma visita prévia ao museu para recolha de informação e depois apresentação na visita propriamente.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Não. Temos algumas parcerias em que o museu é um destino possível, caso o cliente solicite o mesmo

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Não

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim. O Museu das Marionetas do Porto situa-se no coração da cidade, no centro histórico, numa das ruas principais, sendo a mesma pedonal. Características que, obviamente, potencializam o fluxo turístico.

Palácio das Artes- Fundação da Juventude

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados?

Aumento.

2. Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Afluência de mais turistas.

3. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

Facebook, site e parcerias.

4. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

Não possuímos serviço educativo.

5. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Não possuímos serviço educativo.

6. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Não.

7. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim.

8. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Não.

9. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Não possui espaço de cafetaria.

10. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim, pois encontra-se em plena zona histórica do Porto.

Fundação Serralves

As respostas são baseadas em informação oficial divulgada no site de Serralves e nos números oficiais mais recentes, divulgados no Relatório e Contas de 2014 - ano em que a Fundação de Serralves celebrou 25 anos de vida e o seu Museu de Arte Contemporânea completou 15.

“Apesar da retoma económica que se tem verificado, não será expectável que a política de austeridade orçamental do Estado venha a ser aliviada, pelo que se manteve no seu orçamento uma ótica de grande rigor e parcimónia na previsão dos seus recursos. No entanto, e apesar desta contenção financeira, é num esperançoso enquadramento de retoma económica que a Fundação desenha as linhas estratégicas para o seu futuro, delineando objetivos ambiciosos que apostam no seu reconhecimento e posicionamento internacional. Num mundo cada vez mais globalizado, esta consolidação da projeção internacional de Serralves é fundamental para que a Instituição possa funcionar cada vez melhor local e nacional - mente. A par deste objetivo, aumentar o nível de envolvimento e interação da Fundação com os seus Públicos, potenciar a experiência positiva da visita global a este valioso património histórico e cultural e aumentar a notoriedade e visibilidade nacional e internacional, são desígnios para o ano de 2015 (...)” Luís Braga da Cruz, presidente

I. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

6.500.00 Visitantes Totais (1989-2014)

600.000 Visitantes Estrangeiros (2001-2014)

Fruto de uma gestão prudente dos seus recursos e de um grande esforço em termos de fundraising, Serralves contribuiu em 2014 com perto de 65% para o seu orçamento, mantendo um nível de atividade consentâneo com a sua Missão e com impactos cada vez mais significativos e reconhecidos. Foram estes os principais resultados alcançados, em termos de indicadores de desempenho:

O maior número de Visitantes de sempre - 484 396

O melhor Serralves em Festa - 140 724

O maior número de Estrangeiros - 104 224

O maior número de Visitantes Virtuais - 1 920 477

O melhor número de fãs no *Facebook* - 184 525

O maior Valor de Notícias (AEV) - 9 464 775 €

Em 2014, a Fundação reforçou a sua posição de instituição cultural de referência na sociedade Portuguesa. Desde a abertura do Museu, passaram pelos vários espaços de Serralves mais de 5,5 milhões de visitantes, de todas as idades,

vindos de todos os pontos do país e do mundo. Em 2014, o número de visitantes foi o mais elevado de sempre chegando aos 484 396, o que representa um acréscimo de 3% face a 2013 e que coloca a instituição num lugar cimeiro entre os Museus Portugueses.

O número de visitantes estrangeiros registados na Fundação de Serralves tem evoluído ao longo dos anos de forma significativa. Em 2014, os visitantes estrangeiros cresceram 6% atingindo os 104 224.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

A Comunicação, nas suas várias facetas, é uma peça chave na concretização dos objetivos da Fundação de Serralves. Alinhada com a Missão e Visão institucionais, a Comunicação tem como grande objetivo estimular o interesse dos vários segmentos de públicos para as várias áreas de programação e o crescente reconhecimento global da instituição, num desafio constante que é comunicar Serralves, na sua transversalidade, na sua diversidade, na sua permanente busca pela excelência. No ano de 2014 foi reforçada a segmentação dos públicos-alvo preferenciais para a comunicação de Fundação de Serralves: públicos especializados na área das Artes e Património, nas áreas do Ambiente e Paisagem e na área da Arquitetura; Fundadores e Mecenas; Turistas nacionais e internacionais; professores e Escolas; famílias; Amigos de Serralves.

Foram atingidos em 2014 alguns objetivos definidos como cruciais. Desde logo o crescimento consolidado dos números de visitantes, que em 2014 atingiram valores recorde. Registou-se o maior número de visitantes de sempre (484 396) e o maior número de visitantes estrangeiros de sempre (104 224) e o Serralves em Festa bateu todos os recordes com mais de 140 000 visitantes ao longo das suas 40 horas. Houve também uma constante consolidação da comunicação digital. Foi revisto o layout dos webmails, conferindo-lhes mais eficácia e simplicidade. O site e a aplicação mobile de Serralves continuaram a ser alvo de grande atenção e a sua atualização tornou-se mais rápida e mais dinâmica. O número de visitantes ao site de Serralves bateu recordes, com um total de 1 920 477 visitantes. A presença de Serralves nas redes sociais, interface crucial com os públicos, cresceu e alargou-se a novas plataformas. Além do *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *Tripadvisor*, foram criadas novas contas em plataformas emergentes, o Instagram e o Pinterest, que têm registado um crescimento consolidado do número de seguidores e um aumento das interações do público com Serralves.

Também o objetivo de captação de novos contactos de divulgação foi conseguido. Integrada nas ações de celebração dos 25 anos da Fundação de Serralves e dos 15 anos do Museu de Serralves, a campanha “Leve Serralves Consigo” permitiu angariar cerca de 10.000 novos contactos de divulgação. Muitos outros foram criados, por várias vias, nomeadamente através da subscrição no site de Serralves e das parcerias de divulgação com instituições congéneres.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves dedica-se à divulgação da obra de artistas contemporâneos de Portugal e do todo o mundo. Através do seu programa de exposições, mostras da coleção, espetáculos de performance, projetos educativos e iniciativas editoriais, o Museu dá a conhecer perspectivas internacionais e transnacionais sobre arte e ideias contemporâneas.

Desenvolvidos ao longo do ano, os programas de performance, música e cinema são desenvolvidos em estreito diálogo com o programa de artes plásticas, refletindo nas suas apresentações temas-chave do programa de exposições.

Do mesmo modo, o programa educativo assume uma presença forte em todas as áreas do programa artístico, no sentido de uma abordagem mais integrada e holística ao conceito de educação em todos os aspetos do programa do Museu. Concebido para públicos diversos, de crianças, famílias e comunidades locais a públicos adultos e especializados, e de visitas guiadas, workshops e residências a conversas, conferências, simpósios, tem como objetivo promover a reflexão sobre questões cruciais da arte e da cultura contemporâneas. Enquanto um dos principais momentos do ano em termos de espetáculos, o Serralves em Festa traz ambiciosas produções de dança, música e performance ao Museu, ao Parque e a outros espaços na cidade do Porto, reforçando assim o compromisso de Serralves em se aproximar das comunidades locais através da melhor arte e cultura.

A multidisciplinaridade do programa artístico do Museu, cruzando e estabelecendo relações coerentes e cúmplices nos vários domínios de programação apresentados ao longo do ano - artes visuais, dança, música, teatro, cinema e performance - demonstra uma estreita e constante relação entre o Museu e a Sociedade:

- A Coleção e a sua disponibilização a um público alargado permanece central na programação artística do Museu, bem como nas exposições itinerantes que fazemos com os municípios nossos parceiros;

- Ao nível dos Programas Públicos, um ambicioso programa pretende criar “novos” públicos (para além das renovadas atividades com escolas, famílias e camadas mais jovens), numa perspetiva de desenvolvimento de audiências e de novos compromissos;

- No que respeita às temáticas do Ambiente, Ecologia e Paisagem, para além de uma continuada preocupação ao nível da conservação e valorização da singular identidade do Parque de Serralves, são reforçadas as atividades para o público no sentido de continuar a sua afirmação enquanto polo e fator de atratividade.

- Uma atividade intensa na área da Reflexão, através de vários formatos e temáticas, mantendo um ritmo regular e abrangendo vários tipos de saberes.

- Ao nível das Indústrias Criativas, Serralves propõe-se continuar a ser uma referência na abordagem a este setor, através da reflexão, debate e como agente dinamizador em assuntos relevantes para a área, bem como da qualificação do respetivo ecossistema de apoio.

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

A ação do Serviço Educativo da Fundação de Serralves tem por objetivo sensibilizar e formar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da arquitetura e do ambiente, através de uma programação heterogénea que procura incentivar o conhecimento e o gosto pela fruição dos espaços culturais.

Na sociedade atual, o Museu afirma-se como elo privilegiado de ligação com a comunidade. Neste sentido, pretende-se que o encontro com as obras de arte e com os artistas assente em estratégias pedagogicamente orientadas e de longo prazo, que valorizem processos e potenciem o cruzamento de referências transversais. É objetivo deste Serviço propor ao público modos de expandir e aprofundar o contacto com práticas artísticas diversificadas e promover programas que contribuam para uma apreensão crítica e criativa da cultura contemporânea. Na área do Ambiente, os programas são orientados no sentido de uma educação científica que, para além de apoiar a formação de cidadãos conhecedores e intervenientes, visa contribuir para a alteração de comportamentos que afetem as decisões tomadas no dia-a-dia, nomeadamente no sentido de um consumo mais responsável e da vivência de uma cidadania ativa. Tendo em conta este enquadramento, as visitas, as oficinas temáticas, os cursos e os debates, são atividades centrais na programação, de modo a garantir uma relação cada vez mais cúmplice com a comunidade escolar e com o público em geral, destacando-se ainda a continuidade de programas de integração e inclusão de públicos carenciados e com necessidades especiais, e a continuidade das parcerias a nível nacional e internacional.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Visitas às Exposições: O Museu de Serralves apresenta um programa diversificado de exposições de arte contemporânea. A visita acompanhada por artistas educadores procura contextualizar as obras expostas, motiva o observador, a fazer associações, identificações na perspetiva de acolher diferentes modos de ver, de provoca diálogos, aproximações entre visitante e obras expostas.

Visitas à Arquitetura: A obra de Álvaro Siza, um arquiteto nacional e internacionalmente reconhecido, é o ponto de partida para uma experiência que relaciona a arquitetura do Museu com a arquitetura da Casa e do Jardim de Serralves e desvenda a história do lugar.

Visitas ao Parque: O Parque de Serralves, quer pelo seu desenho, quer pelo momento da sua construção, é hoje uma referência não só nacional como internacional da arte paisagista da primeira metade do século XX. É um espaço com uma grande valia ecológica onde, por exemplo, as espécies arbóreas adquirem portes verdadeiramente excecionais, sendo de destacar notáveis exemplares de faias, liquidâmbares, eucaliptos, pinheiros, sobreiros e castanheiros. A visita oferece um ponto de partida para a sua descoberta. Fazer uma visita orientada é o indicado para aprofundar o conhecimento sobre o

património da Fundação de Serralves a partir de percursos facilitados por um artista educador. A liberdade de questionar, os diálogos e a partilha de perceções e perspetivas são sempre dinâmicas privilegiadas.

VISITAS-OFICINA: A visita-oficina oferece a possibilidade de descoberta do património de Serralves ao longo de percursos temáticos que conjugam a componente teórica com a realização de pequenos momentos de experimentação nos espaços e reforçam a dinâmica de comunicação adaptada a diferentes públicos.

OFICINAS AMBIENTE: São oficinas de educação ambiental com um conjunto de atividades centradas na aprendizagem de conteúdos de ciências e de conceitos que visam promover a sustentabilidade e a cidadania. Estimular a curiosidade e fomentar o conhecimento através da experiência e observação, são objetivos transversais aos programas pedagógicos de Ambiente.

OFICINAS AMBIENTE E ARTES: Estas oficinas potenciam a proximidade entre as Artes e o Ambiente e desafiam-nos a descobrir de forma sensível os espaços da Fundação de Serralves.

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

GRUPOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: Serralves tem vindo a aprofundar a ligação com instituições vocacionadas para o acompanhamento de grupos com necessidades especiais, através da organização de programas contínuos, com periodicidade semanal ou mensal, permitindo assim a descoberta do património da Fundação. As propostas são adequadas às características dos grupos, tendo por objetivo despertar atitudes relacionais, desenvolver a autonomia, a capacidade de concretização, sempre em colaboração com os respetivos técnicos.

VISITAS EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Desde maio de 2015, a Fundação de Serralves oferece mensalmente visitas orientadas em Língua Gestual Portuguesa (LGP), numa parceria com a Laredo Associação Cultural. Especificamente dirigidas à comunidade surda, estas visitas recebem os visitantes na sua língua natural, para um diálogo sobre as exposições no museu, a arte contemporânea, a arquitetura e a paisagem de Serralves. De acordo com a Carta dos Direitos da Pessoa Surda, de 2001, "a cultura deve ser facilmente acessível às pessoas surdas, em todos os seus domínios: artes, literatura, ciências, tecnologia, museus, criando-se as condições necessárias para tal". Esta proposta do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Serralves responde ao desafio de trazer a comunidade surda ao encontro deste Museu de referência internacional.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Tendo em conta os seus eixos estratégicos, a Fundação de Serralves já se encontra inserida em várias redes, de que se destacam:

- Centro Português de Fundações (Institucional)
- Associação Portuguesa das Camélias (Ambiente)
- Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos (Ambiente)
- Associação Portuguesa das Casas Antigas (Casa)
- International Council Of Museums — Icom (Arte)
- International Network for the Conservation of Contemporary Art — Incca (Arte)
- European Interest Group On Creativity and Innovation — Eici (Indústrias Criativas)
- EUROPEAN CREATIVE BUSINESS NETWORK — ECBN (Indústrias Criativas)
- Rede de Monumentos e Museus da Direção-Geral do Património Cultural (Museu)

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Restaurante: Para a Fundação de Serralves a gastronomia é também uma arte. Encara-a com o mesmo grau de exigência que coloca em todas as suas iniciativas e quer criar um projeto gastronómico de referência em Portugal que represente um factor de atratividade e, conseqüentemente, de visita à Fundação.

Casa de Chá: A Casa de Chá de Serralves fica situada no Parque de Serralves, junto ao antigo campo de ténis da Casa de Serralves. A funcionar com nova gestão desde julho de 2012, apresenta-se com uma decoração repleta de recantos onde apetece ficar, com menus renovados para as diferentes horas do dia e uma loja gourmet de chás exclusivos, petiscos, vinhos da região e compotas, bolos e bolachas caseiras.

Durante a semana, a oferta consiste em refeições ligeiras ao almoço e lanche.

Bar Auditório: Situado entre o Auditório e a Biblioteca do Museu, o Bar do Auditório é um confortável espaço que beneficia de uma agradável vista para o Parque de Serralves. Com capacidade para 70 pessoas, o Bar foi concebido para o apoio às sessões que decorrem no Auditório, mas também como local de lazer e descanso para os visitantes. O espaço pode ser ainda utilizado no âmbito dos eventos que decorram no Museu, como bar, sala de almoços ou zona para pequenos concertos ou exposições.

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Situada numa das zonas nobres da cidade e com bons acessos a partir do centro histórico e das principais vias, a Fundação de Serralves é um ponto singular da cidade.

Visitar Serralves é assim descobrir um património magnífico e uma programação intensa e vibrante, e pode ser um ponto de partida para conhecer a cidade do Porto, aproveitando os bilhetes conjuntos que Serralves tem com vários parceiros turísticos e culturais da cidade do Porto.

Museu de Aveiro

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados?

O numero de visitantes:

-2012: 30575

-2013: 49226 Esta subida deveu-se ao facto de o museu ter acolhido a exposição do Jubileu da Diocese de Aveiro que envolveu toda a comunidade diocesana.

-2014: 38234

-2015: 41821

Estes números revelam uma sustentada subida que se explica pela dinâmica de atividades diversas que , tentaram chegar a diversificados públicos bem como o acolhimento de grupos em situação de aluguer de espaços (sala de exposições temporárias e auditório) que , em paralelo, usufruem, também, de uma visita orientada ao museu.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem.

A divulgação das ações programadas no Museu de Aveiro serve-se de meios e ferramentas digitais tais como o *Facebook* e uma lista de contactos digitais que são resultado de uma rede de ligações informais e de proximidade com os nossos públicos, grupos de interesse e amigos do museu; para os contactos institucionais as Ferramentas e os Recursos são os que a tutela administrativa gere e que mobiliza através do departamento de comunicação central, ou seja, do gabinete de comunicação do município de Aveiro.

Como é que é feita?

A disseminação de informação acerca dos eventos culturais, das ações de serviço educativo, de exposições temporárias internas, itinerantes e em parceria com as demais entidades públicas é na atualidade feita na agenda cultural do Município de Aveiro, em suporte digital.

Esta agenda é resultado de uma política de divulgação e comunicação institucional, coordenada pela Câmara Municipal de Aveiro de modo integrado nas políticas públicas de cultura de âmbito municipal.

3. pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

O Museu de Aveiro tem proximidade relacional com o órgão de comunicação social local, o jornal diário Diário de Aveiro; tem a AMUSA, associação de amigos do Museu de Aveiro que funciona com eficácia na difusão das ações criadas pelo Museu e ainda se articula de modo franco e amigo com demais associações criativas locais na promoção dos eventos nas áreas da música, dança e teatro. De momento este relacionamento está condicionado sendo toda a comunicação com o exterior realizada pelo gabinete de comunicação do Município de Aveiro.

4. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular?

A programação é feita a partir dos eventos e atividades que o Museu inscreve em plano de atividades, carecendo estas de aprovação por parte da tutela. Assim, e de modo individual e específico, o Museu envia mensalmente as propostas para a divisão de cultura da Câmara Municipal que deve colher o devido despacho junto do vereador do pelouro, em sintonia com a presidência. O Museu deve aguardar a confirmação das propostas, após ter obtido a autorização superior.

E no que toca ao Serviço Educativo?

Os serviços educativos têm as suas ações estruturadas também numa rede mais ampla, o “PAEMA”, que é um plano de educação do Município de Aveiro que promove as ações educativas entre várias entidades educativas municipais.

Concretamente, o percurso de obtenção de autorização segue os mesmos trâmites do da comunicação de eventos, supra referido.

5. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Públicos-alvo: escolas reunidas em agrupamentos, infantários e ATL — *atelier's* de tempos livres, associações culturais e recreativas da região, grupos de idosos e grupos de interesse.

Missão: *os Serviços Educativos propõem atividades e visitas dirigidas às escolas em grupos organizados para explorar temas relacionados com a história do edifício e das coleções em exposição e em reserva. O objetivo será proporcionar o interesse por este património histórico e artístico transversal aos períodos tardo medieval, barroco e neoclássico, e estimular a curiosidade e a capacidade crítica valorizando a troca de conhecimentos e de experiências.*

6. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Sim, há uma oferta alargada a todos os públicos de cariz temático e/ou geral e com caráter de oficina e jogos.

7 .Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Não é recorrente este tipo de visita porque não são solicitadas; contudo o Museu está preparado para estes públicos, tendo já recebido grupos portadores com doença de Alzheimer, grupos da CERCI de Aveiro e Vagos. Existem audioguias preparados para amblíopes.

8. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Sim; integra a Rede Portuguesa de Museus.

9. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Sim, mas não está aberto ao público.

10. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim. A localização central do Museu de Aveiro permite uma facilidade no acesso e no desfrute do espaço.

11. Houve alguma mudança significativa depois de deixar de ser tutelado(a) pela DRCC?

Sim.

Museu do Carro Eléctrico

1. Nº de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

No último ano em que o Museu do Carro Eléctrico esteve aberto ao público (2012) o número de visitantes atingiu os 32000. Nos anos de 2013, 2014 e 2015 o museu não registou visitantes uma vez que esteve encerrado a aguardar obras de requalificação.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

Uma vez que o Museu está integrado na empresa STCP que o tutela, toda a divulgação das suas actividades e a sua Comunicação e Imagem emanam do Departamento de Marketing da empresa.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação do Museu tem como referência algumas actividades basilares da sua actividade. Todas as outras actividades são desenvolvidas em função da apresentação de propostas de iniciativa exterior ao museu.

4. Qual o público-alvo, missão, actividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

O Museu tem como público-alvo o público escolar e o público turista para além do público em geral.

Tem como missão preservar, conservar e interpretar, em benefício do público, espécies e artefactos ilustrativos e representativos da história e desenvolvimento dos transportes públicos urbanos sobre carris da cidade do Porto.

Na sua actividade conta com a realização de um desfile anual de carros eléctricos e também anualmente tem vindo a associar-se ao Dia Internacional dos Museus e à Noite nos Museus.

Devido ao boom de público turista na cidade do Porto, é actualmente uma das preocupações do Museu destacar-se no turismo da cidade e desenvolver uma estratégia de utilização dos seus espaços para a realização de eventos da cidade.

O Museu tem protocolos com entidades que promovem o turismo da cidade do Porto, mais propriamente na utilização do carro eléctrico de serviço de transporte de passageiros regular. Dentro da actividade do Museu não existe nenhum protocolo.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Realizam-se visitas guiadas no museu coordenadas pelo Serviço Educativo.

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

As visitas quando orientadas pelo Serviço Educativo têm em conta o público-alvo.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

O Museu do Carro Eléctrico pertence à Rede Portuguesa de Museus e à Rede de Museus de Energia da Fundação EDP.

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Tradicionalmente o Museu possuía uma cafetaria que se encontrava inserida na exposição permanente. Com as recentes obras de requalificação aos locais de acolhimento do Museu, está prevista a construção de uma cafetaria que neste momento ainda não se concretizou.

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim, o Museu do Carro Eléctrico por utilizar o carro eléctrico como complemento à sua visita tem vindo a demarcar-se como equipamento de interesse para o fluxo turístico para além de se encontrar situado na marginal do rio Douro e, portanto, enquadrado nos circuitos privilegiados dos turistas.

Museu Nacional da Musica

1. N.º de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

O Museu Nacional da Música registou um aumento significativo do n.º de visitantes relativamente a anos anteriores. Os resultados obtidos podem ser explicados, sobretudo, em função de uma maior aposta nos eventos de extensão cultural, nomeadamente no que se refere à regularidade e qualidade da oferta (com eventos centrados nas coleções do Museu). Como resultado desta aposta o Museu beneficiou de alguma fixação de públicos o que se traduziu também numa maior capacidade de divulgação. De realçar também o apoio prestado pelo grupo de amigos do Museu.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

A divulgação é feita com um foco muito grande nas ferramentas digitais, sobretudo no *facebook*, mas também no site e newsletter. Além desta, são efetuados contactos regulares com órgãos de comunicação social, tendo em vista a divulgação da programação. De modo a chamar a atenção para as suas atividades, o Museu tem igualmente feito um esforço no sentido de produzir cartazes de grande formato que são divulgados no exterior das suas instalações. Estes cartazes apresentam uma programação mensal e são preparados com cuidado gráfico. A aposta em ciclos de eventos possibilita ainda uma divulgação mais alargada.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

A programação é globalmente efetuada tendo por base ciclos de eventos, isto independentemente de acolhermos eventos isolados. Na organização destes ciclos o Museu conta com a ajuda de programadores externos e da Associação de Amigos do Museu Nacional da Música, procurando desta forma garantir uma programação de qualidade e centrada, tanto quanto possível, nas suas coleções. No que toca ao serviço educativo, o Museu possui um conjunto de atividades preparadas que são realizadas, mediante marcação prévia, pela sua equipa ou por colaboradores externos. Estas atividades procuram abordar diferentes perspetivas no domínio da música e das coleções e exposição do Museu, assim como servir diferentes públicos.

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

O serviço educativo tem como missão estabelecer uma ponte com o público que visita o Museu, proporcionando experiências de exploração das suas exposições, coleções e da música através de visitas orientadas e outras atividades que são realizadas tendo por base os recursos do Museu e, em algumas situações, contando também com colaboradores externos.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Sim, mediante marcação prévia.

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim, mediante marcação prévia.

7. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Sim, o Museu Nacional da Música é um serviço dependente da Direção-Geral do Património Cultural.

8. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Não.

9. A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim. O Museu não está instalado numa zona de grande influência turística, o que se traduz numa menor percentagem de turistas relativamente a outras instituições museológicas da cidade de Lisboa.

Portugal dos Pequenitos

1. N° de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Em 2015 o Portugal dos Pequenitos teve 250 000 visitantes (ap.), o que representou um aumento de ap. 10 %, relativamente a 2014. Este crescimento resultou das comemorações do seu 75º aniversário, com um aumento da visibilidade pelas notícias divulgadas, inauguração de novas atrações (Casa de Xisto, parceria com ADXTUR e Casa de Chá (peça da artista Joana Vasconcelos) e ainda aumento do nº de turistas em Coimbra.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

A Divulgação, Comunicação e Imagem é efetuada quer pelo Departamento da Fundação Bissaya Barreto, entidade proprietária do parque, mas também através dos meios de comunicação do próprio parque (redes sociais, envio de notícias para meios de comunicação social, divulgação das atividades no site, *flyers* entregues em postos de turismo, hotéis etc).

Existem diversas parcerias (ex: Fnac, EDP, Santander, etc) que proporcionam descontos especiais, com unidades hoteleiras (quer em pacotes, quer com descontos para clientes), etc.

De referir a importância dos bilhetes conjuntos criados em 2015, com a Universidade de Coimbra e Casa Museu Bissaya Barreto.

3. Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

É efetuada uma programação mensal com atividades dirigidas para públicos diversos (visitas guiadas temáticas, que podem abranger crianças e adultos), caças ao tesouro, recriações históricas, atividades em sala ou na rua mas mais dirigidas ao público infantil (pintura de murais, origamis, jogos tradicionais, concursos, etc). Há sempre ainda alguns eventos anuais com maior dimensão e maior impacto (exemplo: exposições temáticas, espetáculo musical, etc).

O serviço educativo para além de divulgar as atividades do parque junto das escolas, através de telefone, meio digital ou visitas, apoia as escolas dentro do parque na concretização das atividades e visitas.

4. Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Podemos considerar que temos 3 eixos fundamentais de visitantes: famílias, grupos escolares e turistas que visitam Coimbra. São estes os 3 eixos que tentamos incentivar, de modo diferente é claro, nas visitas ao parque, quer em visitas ao património construído, que é sem dúvida um lugar de afetos de várias gerações, quer procurando ensinar de uma forma lúdica e pedagógica, o que é Portugal e a sua história de séculos, missão do seu fundador Bissaya Barreto que se pretende perpetuar, acompanhando o evoluir dos tempos.

5. Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

Sim, a pedido dos grupos.

6. Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

São realizadas a pedido, mas para grupos com necessidades especiais, embora já se tenham efetuado, não existem ainda devidamente estruturadas.

7. Existe algum tipo de ligação entre a instituição e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha?

Não em termos institucionais, embora com frequência se refira aos nossos visitantes a importância do Mosteiro e o interesse numa potencial visita.

8. A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus?

Não, sendo no entanto importante referir que é aderente da ARPT e do Turismo Centro de Portugal;

9. Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Neste momento temos uma pequena cafetaria. De futuro este espaço será alargado, permitindo novas dinâmicas.

10. O crescimento exponencial do turismo relativamente às zonas da Universidade, Alta e Sofia tiveram impacto nesta entidade?

Sim, na medida em que havendo mais turistas em Coimbra, será um dos locais a visitar, nomeadamente por quem fique pelo menos um ou 2 dias em Coimbra. Sendo um parque visitado essencialmente por nacionais e luso descendentes, nota-se agora um aumento dos turistas estrangeiros, que visitam o parque como mais uma atração turística da cidade, e não como o local de afetos que já atrás referi. Para este incremento também tem contribuído a criação do bilhete conjunto criado com a Universidade de Coimbra.

Museu da Guarda

Ponto 1

Nº de Visitante 2014 – 12 235

Serviço Educativo 2014 – 3 342

Atividades Culturais 2014 – 5 643

Nº de visitantes 2015 – 8 415

Serviço Educativo 2015 – 578

Atividades Culturais 2015 – 3 699

Ponto 2

Divulgação / Departamento de Comunicação e Imagem

A divulgação era feita através do departamento de comunicação e imagem dos serviços centrais, DRCC, pelo que a questão deve ser a eles direcionada.

Ponto 3

A ação do serviço educativo exerce-se em função dos diferentes públicos, tendo em conta que *o museu é um espaço livre e de encontro entre o visitante e o objeto*.

Partilhar saberes, facilitar a fruição do objeto, estimular a descoberta, apelar à imaginação e criatividade, contribuir para a formação do sentido crítico e para o prazer de estar e regressar ao museu, são, fundamentalmente, os objetivos que norteiam os projetos do serviço educativo.

Do público do museu fazem parte instituições de ensino especial, os estabelecimentos prisional e hospitalar (departamento de psiquiatria), associações culturais e humanitárias, para além do público em geral e do escolar dos diferentes graus de ensino.

Práticas lúdico pedagógicas integram os projetos.

Ponto 4

O Serviço Educativo do Museu da Guarda realiza visitas guiadas e outras atividades educativas, dirigidas a todo o público - comunidade escolar e não escolar- organizado em grupo e ao visitante individual.

As atividades para jovens ou grupos escolares são desenvolvidas de forma pedagógica, recorrendo-se a material didático especialmente concebido para o efeito.

A maioria das vezes, estas atividades culminam com oficinas e animações.

Ponto 5

Sim

Ponto 6

O Serviço Educativo do Museu da Guarda possui uma maleta que ilustra o ciclo do linho e motiva para a descoberta e exploração da coleção etnográfica do acervo do Museu. Está preparada e inclui materiais de apoio a cegos, amblíopes e deficientes auditivos. Destinada ao 1º e 2º ciclos do EB.

Ponto 7

Sim. Rede Portuguesa de Museus; Guia Turístico do concelho da Guarda entre outros, que podem pesquisar.

Ponto 8

Não

Ponto 9

Não possuímos dados para responder a esta questão.

Ponto 10

Os anos em questão (2014 e 2015) ainda foram tutelados pela DRCC. Quanto a 2016 não é ainda possível fazer qualquer tipo de análise.

Museu Nacional de Arte Antiga

I. N.º de Visitantes, aumento ou diminuição relativamente aos anos passados? Caso exista uma mudança relativamente aos anos anteriores, o que motivou para que tal acontecesse?

Consultar as estatísticas dos visitantes em

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/estatisticas-dgpc/>

A informação estatística dos visitantes dos Museus, Monumentos e Palácios é apresentada com base no estipulado pelo Despacho n.º 9104/2004 do Ministério da Cultura, publicado em *Diário da República* - n.º106, 6 de Maio de 2004, II Série - e pelo Despacho de 17 de fevereiro de 2010, do então Secretário de Estado da Cultura, cujas alterações na grelha de descontos e na taxa de ingresso permanecem vigentes, considerando-se, igualmente, os protocolos celebrados com outras Instituições e em vigor na Direção-Geral do Património Cultural.

A informação é apresentada de forma desagregada — por Museu, Monumento e Palácio — e de forma genérica, permitindo a análise do número de visitantes dos equipamentos culturais, da estrutura das entradas e das respetivas categorias desde o ano de 1996 sob a tutela do ex-IPM, passando pela tutela do IMC até à atual DGPC.

Envio, em anexo, as estatísticas referentes ao ano de 2015, disponíveis, tal como para outros anos, no dote da DGPC.

Ver a programação no site do mnaa, *facebook* do mnaa e do GMNAA (Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga), bem como a newsletter da DGPC, que refere e interpreta as estatísticas de acordo com a programação.

2. Divulgação/ Departamento de Comunicação e Imagem. Como é que é feita? Ferramentas e Recursos necessários, pontos estratégicos de divulgação (parcerias)

O MNAA procede à actualização contínua de novos conteúdos em português e inglês no website do Museu, produção de Newsletters mensais (Julho/Agosto uma só), convites em papel e digitais, Cartazes e *Flyers*, Agenda Digital e Agenda Digital/ TAP (trimestral), folhas de sala, etc, desdobráveis.

O MNAA marca presença nas redes sociais, através do *facebook*, *twitter*, *youtube* e *instagram*.

O MNAA realiza conferências de imprensa, comunicados à imprensa, *press-releases* — disponíveis em pdf no site

<http://www.museudearteantiga.pt/contactos/press>

O MNAA estabeleceu diversas parcerias, designadamente com a RTP, jornal Público, etc — ver site

Acessibilidade

O novo sítio Web do Museu Nacional de Arte Antiga foi concebido e implementado, pela Waynext, numa tentativa de aumentar a sua acessibilidade em conformidade com a Resolução do Conselho de Ministros Nº 97/99 sobre acessibilidade dos sítios da administração pública na Internet pelos cidadãos com necessidades especiais.

3 - Como é que é feita a programação, a nível genérico e particular? E no que toca ao Serviço Educativo?

Cf. informação no site, com toda a programação actual, bem como os anos passados, designadamente

Educação - as actividades a decorrer, passadas (por ano) e próximas

Exemplo:

<http://www.museudearteantiga.pt/educacao/atividades-passadas/2015/professores>

E ainda disponível no site o seguinte texto do Director do MNAA

O novo sítio Web que agora se disponibiliza ao público — com o apoio generoso da Fundação PT e implementação da Waynext — complementa o investimento feito pelo MNAA nas redes sociais, na inovação tecnológica e, em geral, na área da comunicação, fechando uma abóbada delineada em 2010 e implementada pela grande equipa que, dia a dia, faz o Primeiro Museu de Portugal. Uma abóbada em cujo arco se desenha uma estrutura moderna, atraente, vocacionada para o serviço público e dos públicos, mas que assenta a sua identidade no estudo, preservação e mobilização de um acervo ímpar, que condensa o que de melhor se produziu ou acumulou no país, em quase nove séculos de projeto europeu e de expansão pelo mundo.

Ao longo de quatro anos, sedimentou-se um projeto amplo de renovação, alicerçado numa programação estratégica, assumida como essencial na afirmação nacional e internacional de um equipamento ao qual incumbem responsabilidades maiores. Assente na noção de efeito contínuo, decorrente de uma malha cerrada de eventos expositivos, complementada com iniciativas de outra ordem — desde logo, científica e cultural num sentido mais amplo —, o Museu oferece, em permanência, uma média de quatro mostras simultâneas. Às grandes exposições temáticas, patentes na Galeria do Piso 0, sucedem os programas da *Sala do Tecto Pintado* (vocacionado para projetos de investigação e valorização do acervo do MNAA), da *Sala do Mezanino* (em articulação com as coleções de Desenho e Gravura) e *Obra Convidada* (lançado em 2013 e acolhendo, na Galeria de Pintura Europeia, obras de referência de mestres da pintura oriundos de grandes parceiros internacionais, colmatando lacunas do acervo ou, ao invés, propondo com este um diálogo enriquecedor). De maio a setembro, um quinto evento ilumina ainda os jardins do MNAA: o programa *MNAA-Olhares Contemporâneos. Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga*, exposição centrada na fotografia, que este ano celebra a terceira edição. Mas o Museu abre ainda espaço, quando se justifica, para uma exposição extraprograma, como sucede com a notável mostra *Esplendores do Oriente. Joias de Ouro da Antiga Goa*, patente desde abril na *Sala do Torreão*.

A par, a determinada aposta na internacionalização — consolidada, em 2011 e 2012, com a apresentação sucessiva, em dois museus espanhóis, da mostra *Primitivos (1450-1550). El Siglo Dorado de la Pintura Portuguesa e Cuerpos de Dolor. A Imagem do Sagrado na Escultura Espanhola (1500-1750)*—, foi continuada em 2013 com a inauguração em Madrid da exposição *En el Umbral de la Modernidad. Domingos Sequeira, un pintor portugués (1768-1837)* e, em 2014, com a apresentação, no marco excepcional do Palazzo Madama de Turim, de um dos mais ambiciosos projetos desenvolvidos pelo MNAA nos últimos anos: a exposição *Tesori dal Portogallo. Architetture Immaginarie dal Medioevo al Barocco*, no que constitui uma das mais prestigiosas embaixadas do património português levada a cabo nos últimos anos.

Enquanto isso, os espaços do Museu requalificam-se, aumentando e melhorando a sua oferta e promovendo uma imagem da instituição cada vez mais contemporânea. À renovação do restaurante-cafetaria e à requalificação do jardim, da *Sala do Tecto Pintado*, da Galeria de Exposições Temporárias, da *Sala do Mezanino* e do átrio principal, sucedeu, ainda em 2013, a reabilitação das coberturas da Capela das Albertas, primeira etapa de um projeto ambicioso que, em 2015, deverá devolver aos públicos o flanco Norte da Ala 9 de abril, com nova oferta museográfica. E é neste plano que se insere o mais ambicioso projeto que o MNAA acalenta para o próximo ano: a reabertura da Galeria de Pintura e Escultura Portuguesas, na sua totalidade e por completo renovada, oferecendo uma nova visão da evolução dessas duas disciplinas centrais da arte portuguesa, enriquecida por um amplo conjunto de novas aquisições e incorporações.

130 anos cumpridos sobre a sua fundação (em 1884), o MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga ensaia, assim, em fidelidade às suas históricas origens e no serviço do legado inestimável que lhe foi confiado, um salto decidido no futuro.

4 - Qual o público-alvo, missão, atividades, parcerias, prioridade, recursos, protocolos do Serviço Educativo.

Mais uma vez uma consulta ao site do mnaa permite responder à questões, pois aí são divulgadas as actividades, incluindo passadas:

<http://www.museudearteantiga.pt/educacao/atividades-passadas/2015/professores>

Exemplo:

O público-alvo

Exemplo:

Visita Orientada

Domingos, 4, 18 e 25 outubro | 1 e 8 novembro, 11h00

Duração: cerca de 30m

Destinadas a público em geral.

Sem inscrição prévia.

Gratuito.

<http://www.museudearteantiga.pt/educacao/atividades-passadas/2015/criancas>

<http://www.museudearteantiga.pt/educacao/atividades-passadas/2015/professores>

Em parceria com o Centro de Formação de Escolas António Sérgio

Destinadas a Professores do Ensino Básico e do Ensino Secundário

Museu, Arte e Educação — Museu Nacional de Arte Antiga — Leitura de Imagens

15h (0,6 créditos)

Sábados: 23, 30 de maio, 10h00-17h00 e 6 de junho, 10h00-13h00

Orientação: Maria de Lourdes Riobom

Museu, Arte e Educação — Museu Nacional de Arte Antiga — Mundos em Descoberta

15h (0,6 créditos)

Sábados: 20, 27 de junho, 10h00-17h00 e 4 de julho, 10h00-13h00

Orientação: Maria de Lourdes Riobom

O Corpo Humano nas Coleções do Museu Nacional de Arte Antiga

25h (1 crédito)

Quarta e quinta, 24 e 25 de junho, 10h00-18h00

Quarta, 1 de julho, 10h00-18h00 e quinta, 2 de julho, 10h00-14h00

Orientação: Maria de Lourdes Riobom e Glória Oliveira

5 - Realizam visitas guiadas ligadas ao Serviço Educativo?

A grande maioria das visitas guiadas são realizadas pelos técnicos do SE do MNA, bem como as oficinas, cf. programação divulgada no nosso site.

6 - Realizam visitas guiadas de acordo com o público-alvo (invisuais, comunidade surda, necessidades especiais, mobilidade reduzida, etc.)?

Sim

7 - A instituição insere-se em algum roteiro ou rede de Museus

Sim, tutelada pela DGPC

8 - Tem espaço de cafetaria? Se sim, esse espaço de lazer contribui para a afluência de público ao espaço museológico?

Sim, como está indicado no site

<http://www.museudearteantiga.pt/planta>

<http://www.museudearteantiga.pt/como-visitar/restaurante>

9 - A localização da entidade tem influência no fluxo turístico?

Sim

<http://www.museudearteantiga.pt/como-visitar/como-chegar>

Anexo XII

Figura 1- Página do Museu Nacional de Arte Antiga
<http://www.museudearteantiga.pt/educacao>

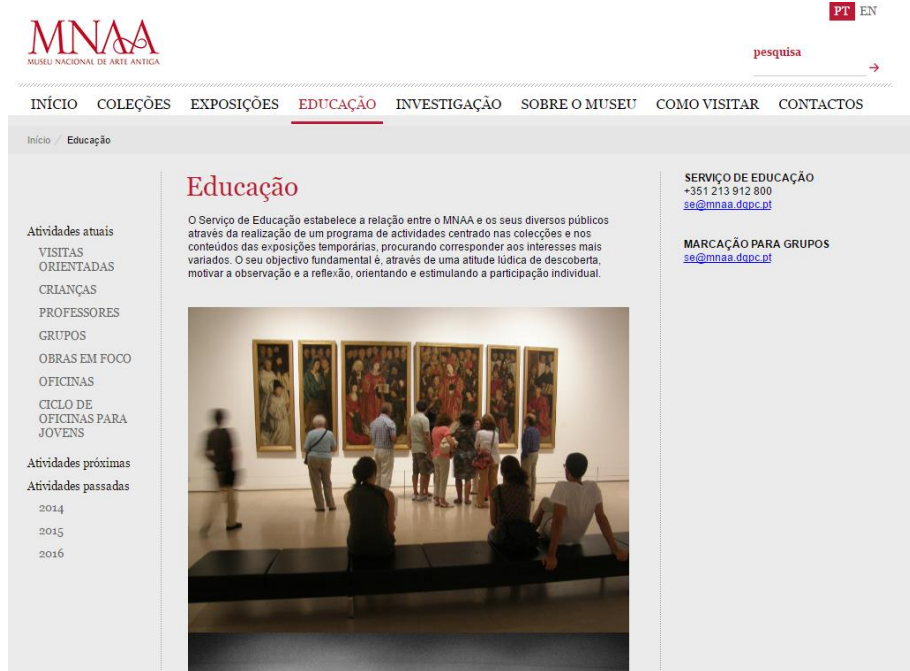


Figura 2- Página Fundação Serralves
<http://www.serralves.pt/pt/educacao/criancas-e-familias/>

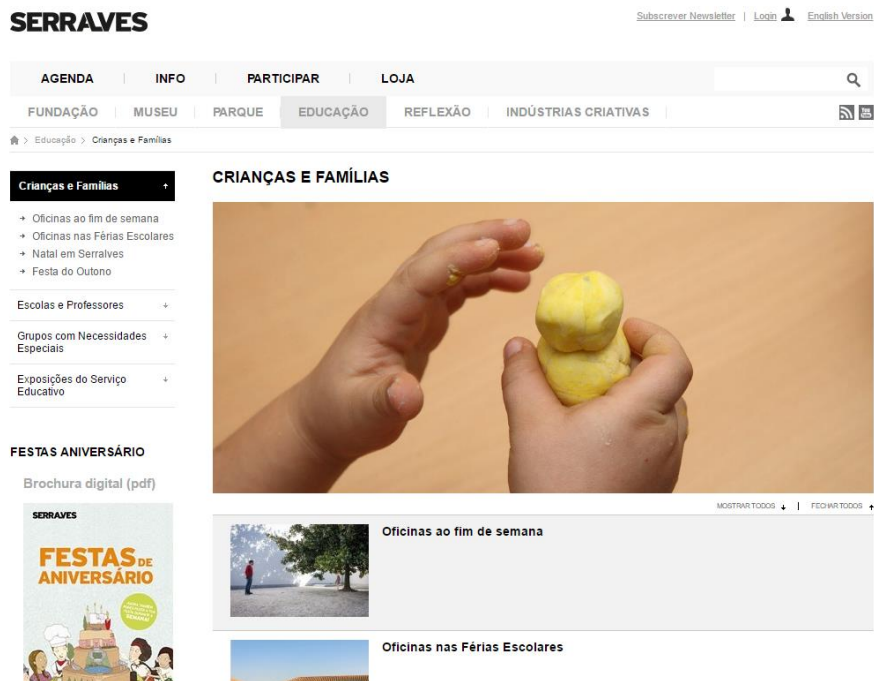


Figura 3- Página Rede Castelos e Muralhas do Mondego
<http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/kids/>



Figura 4- Página do Mosteiro de Santa Maria da Vitória
http://www.mosteirobatalha.pt/pt/index.php?s=white&pid=211&identificador=bt31_pt

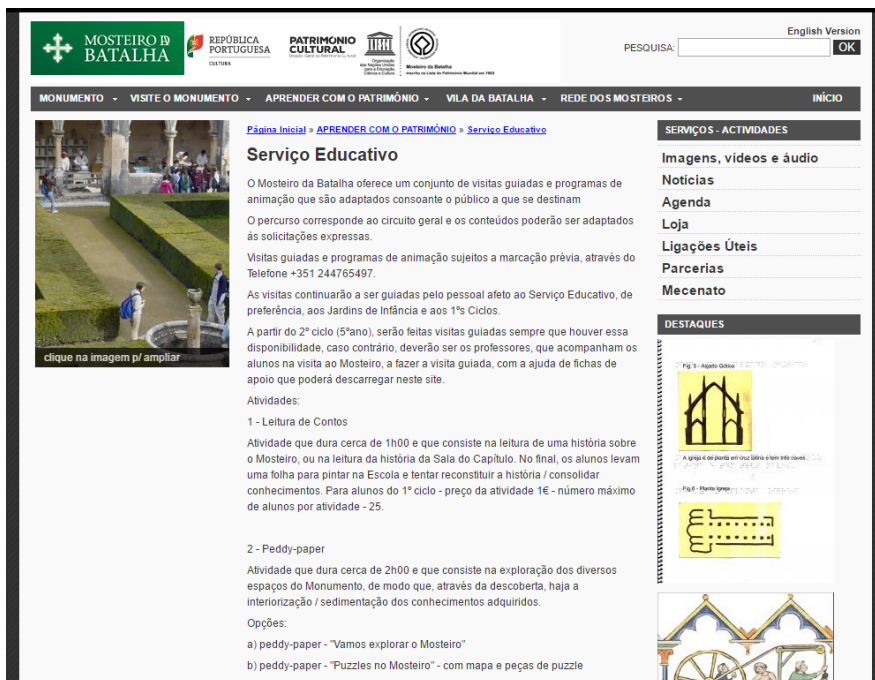


Figura 5- Página Museu Nacional Machado de Castro
<http://www.museummachadocastro.pt/pt-PT/parcerias/ContentList.aspx>



Figura 6- Página Teatro Académico Gil Vicente
<http://www.tagv.pt/apresentacao/>

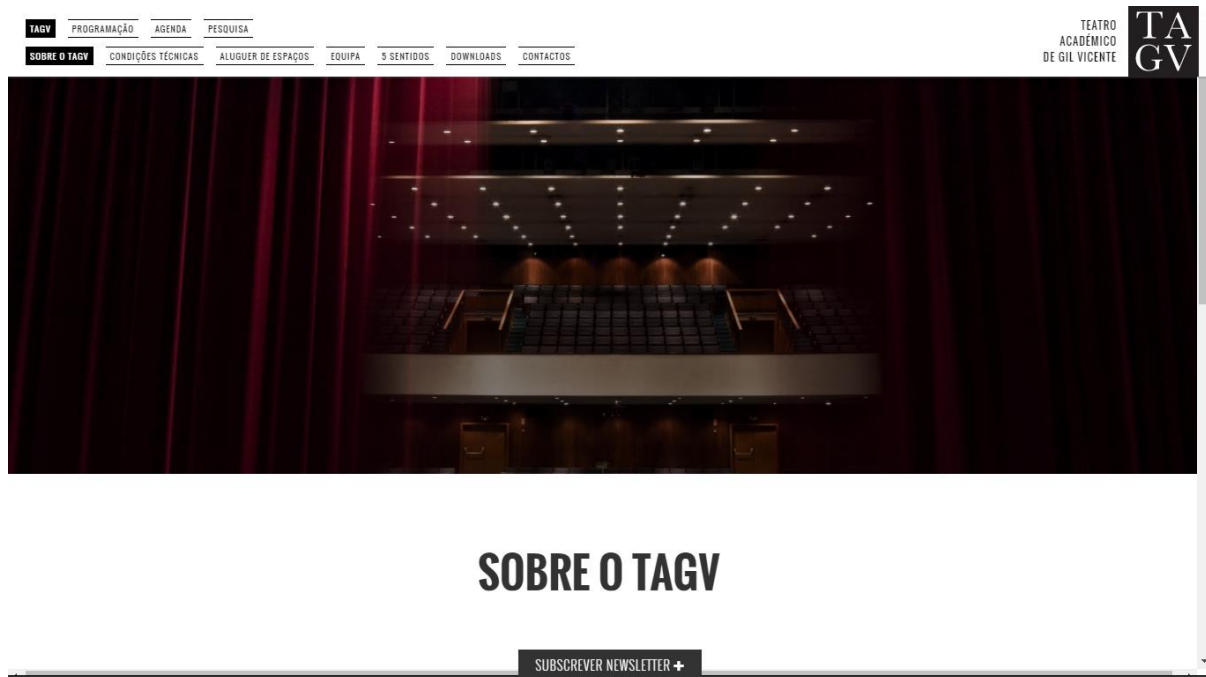
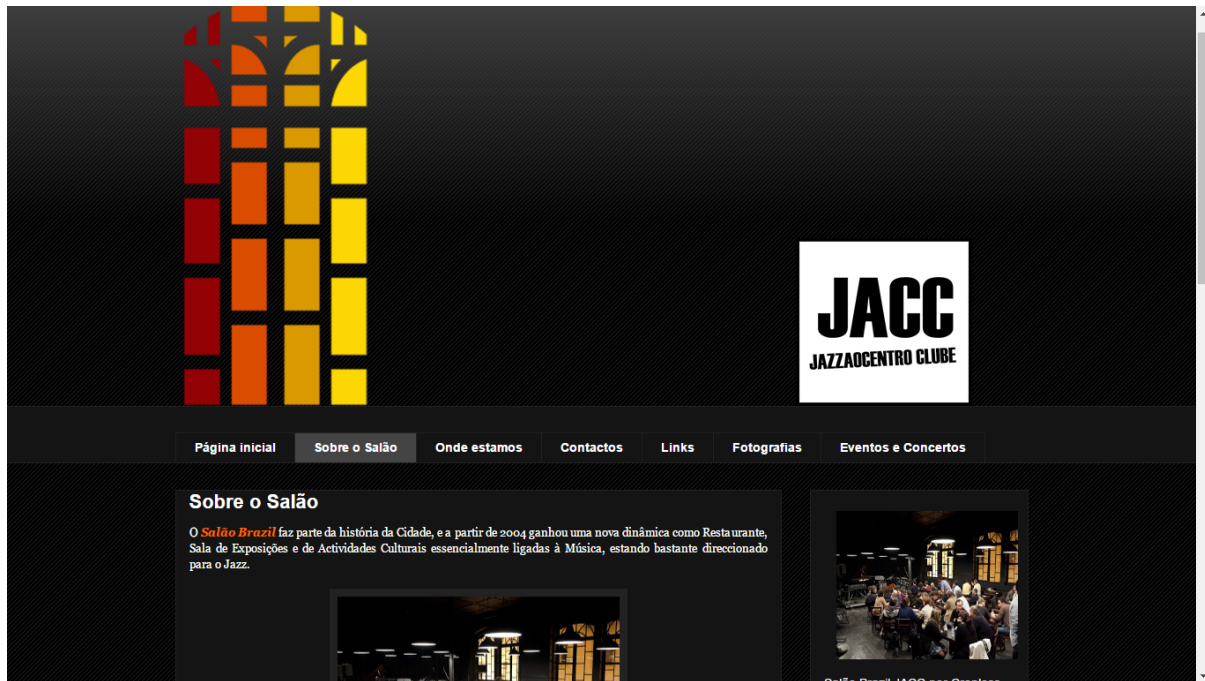


Figura 7- JACC/Salão Brazil
<http://salaobrazil.blogspot.pt/p/sobre-o-salao.html>




Anexo XIII
Cartazes de atividades 2009-2013

13 . 06 . 2010

DIA DE SANTO ANTÓNIO


no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
OFICINA PEDAGÓGICA



Programa

- 10.00h - Recepção
- 10.30 - Audição - 1. Salvo em Coimbra, Franciscano e as classes Diocesana e expolição arqueológica
- 11.00h - Almoço
- 11.30h - Pedro e o peixe dourado
- 12.00h - Atividade
- 14.30h - "Vamos plantar Manjerico"
- 16.00h - Lanche
- 17.00h - Despedida

Santo António em Coimbra Franciscano se tornou. Na horta das Clarissas Manjerico se plantou.

Colaboração 

Oficinas Pedagógicas

mosteiro SANTA CLARA AVELHA

Junho de 2012

E se eu fosse arqueólogo (Oficina de prática arqueológica)
26 e 27 de junho 25 €

Diá de Sto. António (Várias atividades e jogos de ar livre)
13 de junho 15 €

Mimos doces do Convento (Oficina de cupcakes)
29 de junho 15 €

Oficina de pintura em cabaças
28 de junho 15 €

Descontos para irmãos e inscrições múltiplas

Horário de funcionamento: 9h30 - 17h
Participantes: entre 6 e 12 anos

Tel. 235 801180 Fax 235 801180 mosteiro.sclavelha@doc.pt
Rua das Panzeiras 3040-265 Coimbra
REGIÇÃO REGIONAL DO CENTRO-00-019760

A DESCOBERTA DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA



3ª & 4ª EDIÇÃO

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

OFICINA PEDAGÓGICA
10 - 14 anos
24 e 25 de Junho, 8 e 9 de Julho 2010

PROGRAMA

1º Dia
Horário: 10h30 às 17h00
Recepção aos Aprendizes de Arqueólogo.
À descoberta do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: O que é ser arqueólogo?
Almoço de campo
Introdução à prática arqueológica: simulação de uma escavação.

2º Dia
Horário: 10h30 às 17h00
À descoberta da ruína.
Almoço de campo.
Atividades de conservação e restauro (marcação de peças, desenho arqueológico e croqui), montagem de uma exposição (simulação)
Apresentação de resultados:
Entrega de diplomas aos Aprendizes de Arqueólogo.
Convívio com os Pais, 16h30)
Lanche oferecido pelo Hotel Quinta das Lágrimas

Inscrição: 20 € (máximo de 20 participantes)
Contactos: mosteiro.sclavelha@doc.pt (239 801180)

Equipamento sugerido: Roupa, chapéu e calçado adequado à atividade.
brilhez refeições (lanche e almoço ligeiro)

Coordenação: Artur Côrte-Real e Diana Vaz Pedro
Colaboração nos módulos: Carla Maximiliana Catarina Leal, Lígia Inês Cambrim, Ágata Fonseca, Luísa Cardoso, Miguel Munkes e Eli Nunes, Apolónia Lopes, Leonel Machado e João P. Santos.

mosteiro SANTA CLARA AVELHA

Apoios:

ARTESANATO DO TOVIN
Cooperativa Fritada de Coimbra
Hotel Quinta das Lágrimas

Rua das Panzeiras 3040-265 Tel. 239 801180-Fax: 239 801180-mosteiro.sclavelha@doc.pt

S. FRANCISCO E O PRESÉPIO

Das mãos nascem figuras...



S. Francisco e o Presépio

Das mãos nascem figuras...

Oficinas Pedagógicas sobre o Presépio e a técnica da dobragem em papel

19 e 21 de Dezembro

Programa

10h-10h15 - Recepção de participantes
 10h15-10h45 - Centro Interpretativo . Origem franciscana do Presépio.
 10h45-11h15 - Casa do Pago. Pequena história do origami - técnica da dobragem em papel.
 11h15-11h30 - Merendo da manhã
 11h30- 12h45 - Casa do Pago. Iniciação às dobragens em papel.
 12h45-13h45 - Almoço partilhado
 13h45-15h30 - Casa do Pago. Construção das figuras do Presépio.
 15h30-15h45 - Merendo da tarde
 15h45-16h15 - Casa do Pago. Decoração das figuras do Presépio
 16h15- 16h30 - Centro Interpretativo. Socialização com os Pais
 16h30 - Fim da actividade

Rua das Palmeiras 3040-266 tel. 239 801 160. Fax 239 801 169 .mosteiro.scvelha@drc.pt


19 Dezembro e 21 Dezembro
Oficinas Pedagógicas
 Sobre o Presépio e a técnica da dobragem em papel

mosteiro
SANTA-CARA
A-VELHA

Organização: MSCV - Artur Côrte-Real, Lígia Inês Gambini,
 Roseane Pinheiro - Monitora Pedagógica (lic. Ciências da Educação)
 Colaboração: Armindo Rigueiro, Juvãnilo Pinheiro



ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

OFICINA DE ESCULTURA - 18 E 19 JULHO 2012
 Monitoras: Dora Tracena (Escultora)

mosteiro
SANTA-CARA
A-VELHA

PROGRAMA

1º Dia

09h30 ----- Recepção dos pequenos artistas.

10h00-10h45 - Eixeve história do bairro.

10h45-11h00 - Merenda

11h00-12h30 - Contacto com o bairro - criação de um molde para uma peça escultórica

12h30-14h00 - Almoço

14h00-16h30 - Eixeve história sobre o processo de criação da peça em gesso a partir de um molde.

Obtenção da peça final.

2º Dia

09h30 - Recepção dos pequenos artistas

Observação do mosteiro.

Divulgação, a nível pictórico, sobre a observação do mosteiro.

11h00 - Merenda

Experiências pictóricas

12h30-14h00 - Almoço

14h00-16h30 - Pintura da peça criada pelos participantes

16h30 ----- Apresentação de Resultados - Entrega de diplomas, convívio com os pais. Lanche oferecido pelo Restaurante Leitão do Burgo.

responsável: A. Rigueiro



ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Apoio:



Rua das Palmeiras 3040-266 Tel. 239 801 160-Fax 239 801 169-mosteiro.scvelha@drc.pt

Oficinas pedagógicas no **mosteiro SANTA CLARA AVELHA**

27 / Junho **AS FIGURAS DO MOSTEIRO** 15€
(Modelo de Presepio) (10 - 15 anos)

28 e 29 / Junho **E SE EU FOSSE ARQUEÓLOGO** 15€
(Excursão à praça arqueológica) (7-12 anos)

30 / Junho **APRENDENDO NA HORTA** 15€
(Os trabalhos na planta) (7-15 anos)

1 / Julho **VEM PINTAR O TEU BRASÃO** 15€
(Pintar o seu brasão) (7-15 anos)

6 / Julho **CORES TINTAS E PINCÊIS** 15€
(Pintar a azuleja sobre o telh. do Mosteiro)

7 e 8 / Julho **TEATRO COM A FREIRA HILÁRIA** 15€
(Ópera de coponete dramático) (5-15 anos)

Descontos para irmãos e inscrições múltiplas

Inscrições e Informações
Rua das Parreiras 3040-266 | Telef. 239 801 160 | Fax 239 801 169 | mosteiro.scvelha@drcc.pt

MFC
MUSEU DE FOLCLORE E CULTURA
Apoio:
MUSEU DE SANTA CLARA AVELHA

Histórias do Presepio no Mosteiro

Oficinas Pedagógicas
Dezembro 2011

20 - Pintura (15 €) 21 para 22 - *A noite no Mosteiro* (25 €)

21 - Cerâmica (15 €) 27 e 28 - Teatro - Expressão dramática (20 €)

Descontos para irmãos e inscrições múltiplas

mosteiro SANTA CLARA AVELHA
Rua das Parreiras 3040-266 Tel. 239 801160-Fax 239 801169-mosteiro.scvelha@drcc.pt

Mimos Doces
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Oficina Pedagógica
29 de Junho 2012

MFC
MUSEU DE FOLCLORE E CULTURA
Apoio:
MUSEU DE SANTA CLARA AVELHA
Rua das Parreiras 3040-266 Tel. 239 801160-Fax 239 801169-mosteiro.scvelha@drcc.pt

Mimos Doces do Convento

Programa

Manhã:

- Receção aos aprendizes de pasteleiro
- Regras de higiene e execução do chapéu de pasteleiro.
- Confeção de cupcakes: Aprender receitas base de massa para a confeção de cupcakes. Preparação da massa e cozedura dos cupcakes.

Almoço

Tarde:

- Decoração de cupcakes e de bolachas. Aprender a rechear os cupcakes e a decorá-los com pasta de açúcar através de cortadores e modelagens simples.
- Cada participante irá confeccionar e decorar 2 cupcakes.
- Confeção de bolachas para ao lanche.
- Inclui: Fornecimento de materiais para a confeção e decoração dos cupcakes, as receitas e os cupcakes elaborados pelo participante.

Obs: Cada participante deve trazer avental.

PROGRAMA

7 DE JULHO
 09h30-10h00 - Recepção e apresentação dos futuros actores
 11h00-11h15 - Quebra jejum (merenda).
 11h15-12h30 - "Passear" pela História com a Freira Hilária.
 13h45-14h00 - Na refeição com a Freira (almoço partilhado).
 14h00-16h00 - Jogos de movimento, improvisação e intervenção - I.
 16h00-16h15 - Merenda.
 16h15-17h00 - Jogos de movimento, improvisação e intervenção - II

8 DE JULHO
 09h30-10h00 - Recepção dos futuros actores
 10h00-11h00 - Contar uma história através do jogo simbólico I.
 11h00-11h15 - Quebra jejum (merenda).
 11h15-12h30 - Contar uma história através do jogo simbólico II.
 13h00-14h00 - Na refeição com os actores... (almoço partilhado)
 14h00 - A caminho do palco...
 Apresentação vídeo da actividade.
 16h30 - Entrega de diplomas.
 Uma história contada.
 Merenda com a comunidade (socialização com os pais)

-Trazer roupa confortável, almoço e merenda

FICHA TÉCNICA:
 Coordenação: Artur Côrte-Real e Lúcia Inês Gambini

Monitora: Patrícia Almeida (Folhas de Cã)
 Colaboração: Lia Nunes, Eduardo Pinto, Vânia Aguiar e Vitória Carvalho.

Inscrição 20€

7 e 8 de Julho 2011

OFICINA DE EXPRESSÃO DRAMÁTICA

mosteiro SANTA GARA AVELHA

Rua das Palmeiras 3040-266 Tel. 239 801160-Fax 239 801169-mosteiro.scvilha@drcc.pt

Aventuras do Mosteiro

mosteiro SANTA GARA AVELHA

Rua das Palmeiras 3040-266 Tel. 239 801160-Fax 239 801169-mosteiro.scvilha@drcc.pt

PROGRAMA
 17 de Julho 2012

09h30 - Recepção

10h00-11h00 - Visita à Ruína

11h00-11h15 - Merenda.

11h15-12h30 - "A descoberta do Mosteiro", (Paddy Paper)

12h30-14h00 - Almoço.

14h00-16h30 - Atividades lúdico-pedagógicas e criativas.

16h30 - Entrega de diplomas.
 Convívio com os pais - lanche oferecido pelo Restaurante Leitão do Burgo.

FICHA TÉCNICA:
 Coordenação: Artur Côrte-Real e Lúcia Inês Gambini

COLABORAÇÃO:
 André Barjona, António Rodrigues, Fátima Carvalho, Inês Simões

Oficinas Pedagógicas

mosteiro SANTA GARA AVELHA
Julho de 2012

Aventuras no Mosteiro

Um dia dedicado de forma des preocupada à descoberta do Mosteiro num peddy-paper e ainda várias atividades lúdico-pedagógicas e criativas.

17 de julho

15 €

Oficina de escultura

Vem exercer a tua criatividade e habilidade no barro; com a artista plástica Dora Tracana

18 e 19 julho

20 €

20 para 21 julho
À noite no Mosteiro

25 €

Horário de funcionamento: 9h30 - 17h30
Participantes: entre os 6 e os 12 anos

Descontos: 5 dias 55 €
6 dias 65 €

Oficina de expressão dramática

Atividade de iniciação ao teatro que promove o desenvolvimento de várias competências, trabalhando a espontaneidade e a criatividade dramática individual, em dinâmicas de grupo com exercícios e jogos teatrais.

20 julho

15 €

Grafitos e esgrafitos

A partir dos motivos decorativos da arquitetura dos edifícios históricos, criam-se frisos decorativos em barro com diferentes composições, proporcionando uma aprendizagem das técnicas tradicionais, e aplicação das noções matemáticas de seqüências, eixos e simetrias.

27 de março

E se eu fosse arqueólogo

Tem por objetivo proporcionar às crianças uma atividade em equipa e ao ar livre relacionada com a prática arqueológica, desde os conceitos técnicos à escavação real e ao restauro de materiais, sensibilizando para a descoberta do património e a sua preservação.

28 e 29 de março

Tel. 239 801160 Fax 239 801169 mosteiro.scvelha@drcc.pt
Rua das Parreiras 3040-266 Coimbra
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Oficinas Pedagógicas

mosteiro SANTA GARA AVELHA
Páscoa de 2012

Aventuras no Mosteiro

Um dia dedicado de forma des preocupada a várias atividades lúdico-pedagógicas, com exercício da criatividade plástica, trabalhos manuais e jogos tradicionais de tabuleiro e ao ar livre.

30 de março

Oficina de expressão dramática

Atividade de iniciação ao teatro que tem como objetivo promover o desenvolvimento de competências afetivas, sensoriais, motoras e estéticas, trabalhando a espontaneidade e a criatividade dramática individual, a consciencialização e o domínio respiratório e vocal, em dinâmicas de grupo com exercícios e jogos teatrais, tendo atenção aos ritmos, à evolução e à integração de cada participante.

3 e 4 de abril

Horário de funcionamento: 9h30 - 17h
Participantes: entre os 6 e os 12 anos

Tel. 239 801160 Fax 239 801169 mosteiro.scvelha@drcc.pt
Rua das Parreiras 3040-266 Coimbra

Dia da Criança 2013
mosteiro SANTA GARA AVELHA

HÁ CIÊNCIA NO MOSTEIRO
Atividades para os 3, 4 e 5 anos

1ª Parte: Visita ao Centro Interpretativo e Monumento

2ª Parte: Oficinas "Ser Cientista por um dia"

3ª Parte: Mural - Pintura

1 de Junho
10h - 12h30

1 €

INSCRIÇÕES:
Rua das Parreiras 3040-266
Tel. 239 801160 Fax 239 801169
mosteiro.scvelha@drcc.pt

OFICINAS DE VERÃO 2013

AGOSTO	SETEMBRO
<p>27. E SE EU FOSSE ARQUITETO construção de rosáceas e vitrais 9,00€</p> <p>28. VAMOS FAZER AZULEJOS modelagem e pintura de azulejos 9,00€</p> <p>29. E SE EU FOSSE ANTROPÓLOGO e que nos dizem os ossos? 9,00€</p> <p>30. E SE EU FOSSE ARQUEÓLOGO iniciação à prática arqueológica 9,00€</p>	<p>3. 'PAPAGAIOS AO VENTO' construção e lançamento de papagaios 9,00€</p> <p>4. JOGOS DO CONVENTO origem e ginásio de jogos tradicionais 9,00€</p> <p>5 r 6. HÁ TEATRO NO MOSTEIRO expressão dramática 19,00€</p>

Desconto para irmãos e inscrições múltiplas | Horário do Serviço Educativo: 09h30 - 16h30
Inscrição: mosteiro.scvelha@drcc.pt | Tel. 239 801 160 | Fax: 239 801 169 | Rua das Parreiras 3040-266

mosteiro SANTA GARA AVELHA
MUSEU DO CENTRO

Anexo XIV
Aprendendo no Mosteiro
Construção do Espantalho



Anexo XV
Oficinas de Natal



OFICINAS DE NATAL

18
19
DEZ
2015 INSCRIÇÕES ABERTAS

VAMOS CONTAR
UMA HISTÓRIA?

HISTÓRIAS

"Uma história que pode ser de
Natal - Uma história com pessoas,
com lugares e até com um quintal"
Actividades a partir das histórias

"Nada, a menina que veio de Damasco"
Actividades a partir das histórias

Preço de inscrição - 8€
Horários - 10h às 12h30 | 14h00 às 16h30
Pública-alvo - 6 aos 9 anos (18 DEZ)
Pública-alvo - 10 aos 12 anos (19 DEZ)
Nº Participantes - mín 5 | máx 12 crianças
Inscrições abertas até 14 de dezembro de 2015
almoço não incluído

Anexo XVI

Peças para a atividade *Isto São Coisas de Fantoques!*

Lenda do Brasão de Coimbra — Pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, 2016

PERSONAGENS:

Narrador

Ataces

Hermenerico

Cindazunda

Honório

I ACTO
Cena I

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meus meninos! Hoje vimos falar-vos de uma lenda...a lenda do Brasão da Cidade de Coimbra! Já conhecem o brasão? Ou melhor...sabem o que é um brasão? Hein?!

[mostra o brasão]

Ora aqui está um brasão!! Reparem bem...olhem com atenção...!! Já tinham visto algum? Muito bem..o que acham de começarmos agora a conhecer a lenda de que vos falei? Ainda se lembram do nome? Sim? Qual era?

[aguarda pela resposta do público e interage]

Vamos então falar da nossa lenda! Hum... Aiiiiii! Uiiiiii! Ups! Pois é!

[Ataces fala baixinho: e eu? E eu!]

Tenho de vos apresentar um rei, o rei Ataces! Ataces! Que nome tão esquisito! Vejam lá..eu a apresentar um rei! Hehe...Ele faz parte desta lenda!

[chama pelo Atacesem voz alta e ele não aparece, pede ajuda ao público]

Olá meninos e meninas! Eu sou Ataces, o grande rei dos Alanos! Invadi a Lusitânia (hoje Portugal) e a Península Ibérica (onde hoje está Portugal e Espanha), e destruí Conímbriga! Ufa..vejam lá a trabalhadeira! Só fiz coisas boas não acham! *[risos]* Bom ... Não sou assim tão mauzinho! Fui eu que construí a Cidade de Coimbra e Alenquer! Eu sou o rei valentão, que acham!?

[postura de superioridade]

NARRADOR

Já visitaram as ruínas de Conímbriga? É pertinho de Coimbra!

[pausa para intervenção do público]

NARRADOR

Conímbriga é uma das maiores povoações romanas que podemos visitar, neste momento, em Portugal! Mas voltando à nossa história do Brasão, que é por isso que estamos aqui hoje, agora vou apresentar-vos o HONO..NO..NO..LI! Ai não! HO..NO..RIO! Está difícil! Ajudem-me!

[pausa para intervenção do público]

HONÓRIO

[alto]

Olá meu povo! Meus escravos! Eu sou o Imperador Honório! E no ano de 411, fiz um acordo com o povo Alano! Já estava fartinho da guerra e decidi oferecer-lhes a Lusitânia. Não podia passear! Não podia caçar! Nada! Olhem era uma seca!

ATACES

Não tinhas outro remédio rei Honório! Nós iríamos ganhar! Foi assim que uns anos mais tarde passamos a viver na Lusitânia, numa cidade chamada Pax Julia! Fazem ideia de onde é? E se eu disser o nome Beja. Já sabem?

[pausa para intervenção do público]

Pois é, no ano de 417, decidi invadir o território do povo Suevo, mas não consegui conquistar tudo o que queria! Eles fizeram batota! Sabiam? Tinham o povo Romano a apoiá-los! Ora vejam lá, que espertos que eles eram!

HONÓRIO

Claro que éramos apoiados pelos romanos! Achas que eles queriam apoiar-te a ti?

[risos]

ATACES

Não comeces, Honório! Olha que eu hoje não estou com paciência para ti! Sabes bem quem é o mais forte! Sou eu!

HONÓRIO

Blá, blá, blá...

NARRADOR

Já chega, vá lá! Temos aqui estes meninos e meninas, vocês têm de se portar bem! Já têm idade para isso! Seus reis embirrentos! Não vamos começar outra guerra agora, pois não?! Ai os meninos!

Voltando à história... A verdade...verdadinha é que o povo Alanos foi expulso pelo povo Suevo! Então, voltando um bocadinho atrás, quando o rei Ataces destruiu a cidade de Conímbriga, decidiu fundar esta bela cidade onde nos encontramos, a cidade de Coimbra! Mas que bela ideia teve o rei Ataces! lupi!

HERMENERICO

Eu sou Hermenerico, o grande rei dos suevos, e quero vingar-me de todo o mal que o rei Ataces causou!

NARRADOR

O combate foi de tal forma violento que se diz que o rio Mondego ficou vermelho... ! O rei Hermenerico fugiu, com o seu exército, mas o rei Ataces perseguiu-o, e o povo suevo teve de render-se.

HERMENERICO

Oh rei Ataces! Já chega de toda esta guerra e destruição! O meu povo precisa de paz. E o teu também. Vamos acabar com isto? O que é que posso dar-te em troca de paz?! Diz! Diz! Estou farto de guerra!

ATACES

Nunca terás paz! Nunca! Nunquinha!

HERMENERICO

[pausa para intervenção do público]

Acham que eu me devia casar com ele?

[pausa para intervenção do público]

CINDAZUNDA

Bem, se calhar não era má ideia casar-me com ele... Tenho de começar a pensar nos preparativos! O que é que estará mais na moda agora? Peles de que animal? Qual será o estilista-sensação desta estação? Tanta coisa para tratar, Ufa ufa ufa ufa... já estou cansada e ainda não comecei! Princesa sofre! o meu cabelo para arranjar...! Ai...e as unhas! Aiiiiiiiiiiii!

Como é que será o banquete? Só javali? Não, também podemos variar e comer avestruz! Já estou com água na boca!

NARRADOR

Numa magnífica cerimónia, o rei Ataces e a princesa Cindazunda casaram, e a paz foi reposta entre os dois povos, Alavos e Suevos por fim tiveram sossego! .

E é agora então que vos vou explicar o simbolismo do brasão da cidade de Coimbra!

ATACES

Meu povo, chega de guerra! Chega de conflitos! Encontrei o amor da minha vida, esta bela mulher, Cindaaaaaa...zuba...zunda! Ai!

Para comemorar este casamento, quero conceder à cidade de Coimbra este brasão.

[mostra o brasão]

Estão a ver a bela donzela aqui retratada?! É a minha Cinda...zumba...zunda. Cindazunda!!! Erro sempre! E a taça é o símbolo do meu casamento! Aqui o leão é o meu símbolo...!

HERMENERICO

E o dragão é o meu! Nha nha nha nha!

NARRADOR

E aqui está, a história do nosso brasão da cidade de Coimbra, que é um dos mais antigos do país!!!!

Gostaram meninos???? Esperamos que sim! Sabiam que no Mosteiro também podem fazer os vossos próprios brasões??? Sim é verdade! Os vossos brasões! Eu já tenho o meu!!!!

Falem com o serviço educativo do Mosteiro!!!

OBRIGADO

FIM

A Lenda de Pedro e Inês — pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

2016

PERSONAGENS:

Narrador

D. Pedro

Inês

D. Constança

D. Afonso IV

Cortesão

Carrascos: Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco

ÉPOCA: Indeterminada; LOCAL: Coimbra

I ACTO

Cena I

[No jardim]

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Vocês são de Coimbra?

[Pausa para intervenção do público]

Já ouviram falar da belíssima história de amor entre Pedro e Inês?

[Pausa para intervenção do público]

Então, eu hoje vou contar-vos esta história, a bonita história de amor entre D. Pedro e D. Inês. Este casal viveu parte da sua vida em Coimbra, e sabem onde? Aqui, onde nós estamos. Viveram no Paço de Santa Clara, mandados construir pela Rainha Santa Isabel, avó de D. Pedro. Mas nem tudo era fácil, e já vão perceber porquê...

D. Constança era a esposa de D. Pedro, mas D. Pedro apaixonou-se perdidamente por Inês, que era a aia de D. Constança.

D. PEDRO

Inês, sei que é errado, sei que não devo amar-vos como vos amo... Sei que sou casado, sei que deveria amar a minha esposa, mas é a vós que amo... É a vós, bela Inês, que amo profundamente. É convosco que quero viver e casar.

INÊS

Oh! D. Pedro! Eu amo-vos, também, vós sabeis... Mas também sabeis que não podemos, não devemos...! Fala-se na corte... D. Constança, a minha rainha, desconfia...

[D. Constança entra, e Inês sai apressadamente]

D. CONSTANÇA

Meu rei, meu marido, estive a pensar na madrinha para o nosso filho.

D. PEDRO

Já escolhesteis?

D. CONSTANÇA

Sim, acho que a pessoa mais indicada será Inês, a minha aia. Inês de Castro. Que achais disso?

D. PEDRO

[nervoso]

Minha Rainha, cabe a vós escolher... Se achais que Inês é a melhor pessoa para ser a madrinha do nosso filho, Luís...

D. CONSTANÇA

[*dissimulada*]

Claro que sim, não duvido que será a pessoa adequada para olhar pelo nosso filho.

D. PEDRO

[*resignado*]

Se é o que achais... Agora deixai-me ir, os meus companheiros aguardam-me para uma caçada.

Cena II

[*Mais tarde*]

NARRADOR

Quando D. Pedro regressa da sua caçada, recebe a triste notícia de que a sua esposa, D. Constança, morreu.

D. PEDRO

Meu Deus... Será justo sentir-me feliz pela morte da minha mulher? A verdade é que, agora poderei, finalmente, casar com a minha querida Inês... Fazer dela a minha esposa, viver feliz com ela, para sempre...

[*Inês entra*]

Meu rei, meu Pedro... Sinto-me infeliz pela morte da minha Rainha, D. Constança... Mas... Não vos zangueis comigo... Estou também feliz. Finalmente poderei amar-vos sem medo. Sentis o mesmo que eu?

D. PEDRO

Minha Inês, precisais de me perguntar isso? Precisais de me perguntar se sinto o mesmo que vós, quando sabeis que não amei mais ninguém senão vós, bela Inês? Precisaréi de dizer que me quero casar convosco?

INÊS

Desculpai-me, senhor. Sabeis, também que quero muito casar convosco.

[*D. Pedro e Inês saem*]

II ACTO

[*Junto ao castelo*]

NARRADOR

E a partir desse momento, D. Pedro e Inês puderam viver o seu amor sem mais medos, nem preocupações. Pouco tempo depois, casaram, tiveram três filhos e tudo parecia correr às mil maravilhas, mas, o nosso casal tinha a sua felicidade ameaçada.

CORTESÃO

Mas que vergonha...! D. Pedro e a aia, casados! Que vergonha...! Eu tenho de alertar o rei, eu tenho de alertar D. Afonso!

[*D. Afonso entra*]

CORTESÃO

Vossa alteza, peço-lhe mil perdões por ocupar o vosso precioso tempo, mas preciso de falar convosco.

D. AFONSO

Não é o momento mais apropriado, mas digei.

CORTESÃO

[*receoso*]

Minha majestade, mil perdões. É sobre o vosso filho, e... Inês.

D. AFONSO

Se vindes falar mal do casamento, não vale a pena. O meu filho não ouve ninguém. E escolheu aquela mulher para casar. Constança já morreu, nada posso fazer para o impedir.

CORTESÃO

Meu rei, vós sois poderoso, podeis fazer o que quiserdes. Basta quererdes. Perdoai a minha indiscrição, mas apenas me preocupo com o bem do reino, e no bem do rei. Inês é uma vergonha para este reino, é uma vergonha para a família real. Se me permitis a opinião, para mim, e toda a Corte pensa o mesmo, a melhor e única forma de afastar Inês do vosso caminho é matando-a.

D. AFONSO

Agradeço-vos a vossa opinião, mas terei de pensar no que me dizeis. Deixai-me.

CORTESÃO

Com certeza, vossa alteza.

[*Cortesão sai*]

D. AFONSO

Não há dúvida que a melhor forma de afastar Inês deste reino será matá-la. Também não a quero por perto, a Corte fala, e sabe Deus o que dirão noutros reinos.

[*D. Afonso sai*]

III ACTO

Cena I

D. AFONSO

É hoje. Tem de ser hoje. Pedro estará fora, tem de ser hoje.

PÊRO COELHO, ÁLVARO GONÇALVES, DIOGO LOPES PACHECO

Meu rei, mandastes chamar-nos?

D. AFONSO

Mandei, sim senhor. Ides acompanhar-me numa missão. Com a vossa ajuda, irei salvar este reino da desgraça em que o meu filho Pedro nos fez cair.

[*Saem.*]

Cena 2

[*Jardim. Vê-se Inês ao longe.*]

D. AFONSO

Vede, ali está Inês. Fazei como combinado, e o combinado é matá-la. Fazei o que vos mando, tendo em mente que isto é para o bem do reino.

[D. Afonso e os carrascos aproximam-se de Inês.]

INÊS

[*chorandô*]

Pressenti a vossa chegada. Sonhei com ela, esta noite. Sei ao que vindes. Mas meu rei, peço-vos, imploro-vos, por favor, não fazei aquilo que viestes fazer. Por favor. Os meus filhos, também são filhos de Pedro, são netos do rei, são seus netos... Por favor. Ainda são crianças, precisam da mãe. Por favor, imploro-vos piedade. Pedro nunca vos irá perdoar, se cometerdes tamanha crueldade.

D. AFONSO

[*ignorando Inês e dirigindo-se aos carrascos*]

Fazei o que vos mandei.

[*D. Afonso sai.*]

INÊS

[*chorandô*]

Por favor, peço-vos, peço-vos, não me matai. Por favor, os meus filhos, Pedro... Por favor, não me matai.

[*Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco apunhalam Inês sem piedade*]

IV ACTO

Cena I

NARRADOR

Podem imaginar como terá ficado Pedro quando descobriu que a sua adorada Inês tinha morrido, porque D. Afonso, o seu pai, a tinha mandado matar. Pedro ficou muito zangado.

PEDRO

[louco de raiva]

Como pudestes fazer-me isto?! COMO?! Eu amava Inês, amava aquela mulher com todas as minhas forças! Como pudestes arruinar assim a minha vida? Como, meu pai? Como pudestes fazer isto ao teu próprio filho?

[chorando]

Eu amava-a... Eu amava-a...

[enraivecido]

Mas eu vou vingar-me! Eu hei-de vingar-me de vós, meu pai, de vós e daqueles três vermes que chamastes para matar uma mulher inocente...! Se soubésseis o que era amar e ser amado, não teríeis sido capaz de uma atrocidade destas...!

NARRADOR

D. Pedro, revoltado com o que lhe aconteceu, e especialmente com o seu pai, destruiu castelos e povoações, não vendo o mal que estava a fazer. Só mais tarde acabou por fazer as pazes com o seu pai, mas nunca foi capaz de acalmar a sede de vingança que tinha dentro de si relativamente aos carrascos de Inês, Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco.

Quando subiu ao trono, e se tornou rei, mandou capturar os três homens, e condenou-os à morte, ordenando que o coração lhes fosse arrancado. Depois disto, diz a lenda que mandou retirar Inês do túmulo e sentou-a a seu lado, no trono, ordenando à Corte que lhe beijasse a mão.

Apesar da morte precoce de Inês, o que é certo é que este amor foi eterno, e D. Pedro assim o quis, quando mandou construir dois magníficos túmulos e colocá-los no Mosteiro de Alcobaça. Os dois túmulos estão um em frente ao outro, para que quando os seus corpos ressuscitassem, os dois se reencontrassem.

FIM

O Milagre das Rosas - Pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

2016

PERSONAGENS:

Narrador (freira)

Rainha Santa Isabel

Rei D. Dinis

Pajem

Conselheiro do Rei

Aia

Povo

ÉPOCA: Indeterminada; LOCAL: Coimbra

I ACTO

[*Sala. Está o Rei D. Dinis a planear a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, falando com um dos seus conselheiros.*]

CENA I

(Narrador, Conselheiro e D. Dinis)

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Eu sou a freira Hilária, e vim à minha antiga casa para vos contar uma história, sobre uma pessoa que foi muito importante para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, que é onde nós estamos, sabiam?

[*Pausa*]

Há muito, muito, muito tempo atrás, a Rainha D. Isabel de Aragão mandou construir, aqui, duas belas casas, uma para si, e a outra para as freiras clarissas. Entretanto, D. Dinis, I de Portugal, que era o sexto rei na lista de Reis de Portugal, casou com Isabel de Aragão, que mais tarde ficou conhecida como Rainha Santa Isabel. Meus meninos, e minhas meninas, já irão perceber porquê.

[*Conselheiro e Rei falam sussurrando*]

D. DINIS

[*muito sério*]

Meu caro conselheiro, nós devemos transferir a Universidade para Coimbra. Tomai as providências necessárias para que tal aconteça. Agora deixai-me, que me apetece escrever uma cantiga.

CONSELHEIRO

[*retirando-se*]

Com certeza, sua majestade.

CENA II

(D. Dinis e Pajem)

PAJEM

[*entra em cena*]

Vossa majestade, dá licença?

D. Dinis

[*bufando, impaciente*]

Que quereis? Preciso de sossego para me poder inspirar!

PAJEM

[*atrapalhado, gaguejando*]

Mil desculpas, vossa alteza, mil perdões! Mas...é importante.

D. DINIS

[condescendente e resignado]

Dizei, então...

PAJEM

[a medo, mais baixo]

Diz respeito à nossa rainha... À Rainha D. Isabel...

D. DINIS

[enfurecido, muito alto]

Como ousais falar da minha rainha?!

PAJEM

[muito a medo]

Mil perdões, vossa majestade, mas precisais de saber!

D. DINIS

[desconfiado]

Dizei!

PAJEM

[a medo]

A Rainha... A Rainha tem ajudado os mais pobres... Fala-se pela corte, meu rei... Fala-se do dinheiro que a Rainha tem retirado do tesouro real.

D. DINIS

[ainda mais enfurecido, gritando]

Como ousam falar da minha Rainha nas minhas costas?! Dizei já o nome de quem fala da minha Rainha nas minhas costas, ou mandarei cortar-vos a cabeça! Dizei já!

[Pausa]

E que anda ela a fazer nas minhas costas?? Que anda ela a gastar, sem o meu consentimento??

[Pausa]

PAJEM

Mas...meu senhor... Eu... Uh...

D. DINIS

Deixai-me sozinho! E não quero ser incomodado por ninguém!

[Pajem sai]

II ACTO

[Exterior, ouve-se vento. Ouvem-se passos.]

Cena I

(Narrador, Rainha D. Isabel e aia)

NARRADOR

Irei agora apresentar-vos a minha Rainha D. Isabel e a sua aia. Como já perceberam, esta Rainha gostava muito de ajudar os mais necessitados. Como a Rainha tinha muito dinheiro, ela gostava de, quando podia, dar uma moedinha ou um pãozinho a outras pessoas que não tinham tanto dinheiro como ela.

Vamos agora ver a Rainha, que vai na companhia da sua aia fazer uma das suas caminhadas habituais para distribuir estes pequenos presentes pelo povo.

É claro que tem de levar o pão e as esmolas escondidas no regaço para ninguém descobrir, especialmente o Rei...

[Narrador é interrompido por D. Isabel]

D. ISABEL

[preocupada]

Que frio, meu Deus... Este mês de Janeiro é tão frio... Não tendes frio, aia? Como não poderíeis ter? E como poderá sobreviver o pobre povo? Como poderão passar com este frio e com fome? Não posso deixar de cumprir com estes actos de caridade... Deus nunca mo perdoaria!

AIA

Pois é, minha senhora... Ninguém pode suportar este frio terrível... Como iria sobreviver o povo sem a vossa bondade? Sem as vossas esmolas e a vossa comida?

D. ISABEL

Não faço mais do que Deus espera de mim. Devemos ajudar quem está à nossa volta, necessitados ou não. E nestas condições, os mais pobres precisam ainda mais de nós. Podíamos ser eu e tu nessa situação, e também gostaríamos que nos estendessem a mão.

AIA

Tendes razão, senhora. Tendes razão.

CENA II

(Narrador, D. Dinis, Rainha D. Isabel e aia)

NARRADOR

Oh! Aproxima-se D. Dinis! E agora?! Quem poderá avisar a Rainha? Vocês podem avisar a Rainha? Acham que ela vos consegue ouvir? Experimentem lá!

[*Pausa para o público intervir*]

Oh não!! Ela não vos consegue ouvir! O Rei aproxima-se cada vez mais! E agora? Bem, acho que vou fugir daqui para fora, antes que o Rei, maldisposto, se zangue comigo...!

[*D. Dinis entra*]

D. DINIS

Senhora, onde ides com este frio? Sozinha, apenas com a vossa aia? Devieis estar recolhida no castelo.

D. ISABEL

[*apanhada desprevenida*]

Meu senhor!? Não sabia que também tínheis vindo caminhar. Vou ao Mosteiro, enfeitar os altares. Estão muito despidos.

NARRADOR

[*feliz*]

Olhem, a Rainha vai enfeitar a minha casa! É ao pé da igreja, onde eu e as minhas irmãs passamos os nossos dias. Quando a água voltar ao rio, gostava de vos poder mostrar a minha casa, para verem como ela é bonita, mesmo sem a decoração da Rainha.

D. DINIS

[*desconfiado*]

E que levais no regaço?

D. ISABEL

[*nervosa*]

Nada, meu senhor, nada que vos deva preocupar. Tendes tanto em que pensar, agora que estais a tratar da transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra... Não vos preocupeis comigo, meu Rei.

D. DINIS

[*firme*]

Dizei-me o que levais no regaço!

D. ISABEL

[*angustiadá*]

São rosas, meu senhor!

D. DINIS

[*enraivecido*]

Estais a mentir! Estais a mentir ao vosso rei, e vosso esposo! Abri o manto **IMEDIATAMENTE**, e mostrai o que aí tendes escondido!

NARRADOR

[surpreendido]

Então, mas... Porque é que vocês acham que a Rainha está a mentir ao Rei? O que é que ela poderá levar no regaço? Vamos ver...

[D. Isabel abre o manto e revela o que traz escondido no regaço: rosas. Caem rosas.]

D. DINIS

[estupefacto]

Como é possível...?! Rosas em Janeiro...?!

[Pausa]

Perdoai-me, senhora. Perdoai este pobre Rei que não acreditou em vós.

POVO

[gritando e aplaudindo]

A Rainha é Santa! A Rainha D. Isabel é santa! Viva a Rainha Santa Isabel! Viva! Longa vida à Rainha Santa Isabel!

D. ISABEL

[calmamente]

Meu senhor, não vos preocupeis mais com este assunto... Não quereis agora acompanhar-me até ao Mosteiro, para juntos enfeitarmos os altares da mais bela igreja desta cidade?

D. DINIS

[benevolente]

Obrigada pelo convite, minha senhora, mas penso que nunca o farei tão bem como vós. Irei antes fazer uma caçada com os meus reais companheiros, para vos providenciar um belo banquete, digno de uma Rainha como vós.

Cena III

(D. Dinis, Rainha D. Isabel , aia e povo)

POVO

[gritando e aplaudindo]

A Rainha é Santa! A Rainha D. Isabel é santa! Viva a Rainha Santa Isabel! Viva! Longa vida à Rainha Santa Isabel!

FIM

Lenda de Coimbra
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, 2016

PERSONAGENS

Princesa

Cavaleiro

Pai da Princesa

Mãe da Princesa

Serpente

Pessoa 1

Pessoa 2

Arauto

ACTO I

Cena I

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Vocês são de Coimbra?

[pausa para intervenção do público]

Vou contar-vos a história da origem da cidade de Coimbra. Era uma vez, uma esbelta princesa, que amava um jovem cavaleiro, que também a amava.

Jardim.

PRINCESA

[triste]

Meu cavaleiro... Sofro tanto por não podermos casar...! Amo-vos tanto... Porque não nos deixarão ser felizes?

CAVALEIRO

[triste]

Minha princesa... Desespero... Desespero pelo vosso amor, e desespero pelos vossos pais, que não me deixam aproximar de vós.

PRINCESA

[desanimada]

Tenho pensado numa forma de os convencer, mas as minhas súplicas são em vão. Mantêm-se firmes, e não consentem que me case convosco.

CAVALEIRO

[desesperado]

Não sei o que poderei fazer para que eles me achem digno do vosso amor... Mais vale morrer do que não poder ser feliz convosco...

PRINCESA

[angustiado]

Não disse tal coisa! Não podia viver num mundo em que vós não existísseis. Agora tenho de ir, pois já é tarde, e em breve perguntarão por mim.

Cena 2

Castelo. Estão os pais da princesa em cena.

PAI DA PRINCESA

[indignado]

Não irei permitir que aquele rapaz case com a minha filha! Com certeza haverá outros cavaleiros mais nobres e mais corajosos, dignos da mão do nosso tesouro!

MÃE DA PRINCESA

[*indignada*]

Pois claro que não!

Cena 3

Quarto da princesa. A Princesa reza, ajoelhada.

PRINCESA

Meu Deus, vós que estais no Céu, sabeis como amo aquele nobre cavaleiro... Sabeis como ele me ama... Sabeis que a única coisa que nos impede de sermos felizes é a autorização dos meus pais para que possamos casar... Por favor, imploro-vos que fazei com que os meus pais dêem o seu aval! Por favor!

ACTO II

Cena I

Exterior. Ouve-se vento e trovoadas. Prenúncio de uma tempestade.

PESSOA 1

[*olhando para o céu*]

Meu Deus...! Está a pôr-se um tempo terrível!

PESSOA 2

[*olhando para o céu*]

Não te parece que está alguma coisa a voar?

PESSOA 1

[*céptica*]

A voar?? Como assim, a voar?

SERPENTE

[*numa voz maquiavélica e assustadora*]

Vim para destruir esta cidade! Preparai-vos para a destruição, pois nada nem ninguém me poderá deter! Quem ousar fazer-me frente poderá saborear o doce sabor da morte!

PESSOA 1

Meu Deus, uma serpente! Irá destruir tudo e todos à sua passagem! Amaldiçoada, amaldiçoada Coluber!

Ouvem-se gritos desesperados e amedrontados da população.

Cena II

Castelo. Quarto da princesa. Os pais da princesa entram de rompante no quarto onde a filha está ainda ajoelhada a rezar em murmúrios.

MÃE DA PRINCESA

[abraça-se à princesa]

Estás segura, minha filha, minha adorada filha!

PRINCESA

[surpreendida]

Porque não haveria de estar segura? O que é que aconteceu? O que é que se passa?

PAI DA PRINCESA

[afrito]

Não sabemos bem. Grita-se pela cidade que uma serpente invadiu os céus e está escondida algures na nossa cidade. Fala-se que estará numa gruta! Ficámos preocupados!

PRINCESA

[determinada]

Meu pai, minha mãe, irei casar-me com o cavaleiro que derrotar a serpente!

PAI DA PRINCESA

Realmente, sem dúvida que quem for capaz de tal feito merece a mão da minha filha. Irei mandar o arauto anunciar tal decisão.

Cena III

Exterior.

ARAUTO

Ouçam, ouçam todos! A princesa irá casar-se com o cavaleiro que for capaz de derrotar a serpente que invadiu a nossa cidade.

CAVALEIRO

É esta a minha oportunidade!

ACTO III

Cena I

Vê-se a gruta onde a serpente estará escondida.

CAVALEIRO

Vou fazer uma fogueira e fazer o fumo entrar para a serpente sair da toca!

Vê-se a fogueira. Serpente entra.

SERPENTE

[*tossindo*]

Quem ousa acordar-me do meu sono de beleza? Quem ousa perturbar-me desta maneira?

CAVALEIRO

[*destemido e brandindo a espada*]

Eu! Sou o cavaleiro que te irá cortar a cabeça!

Começam a lutar. Parece que a serpente irá vencer o combate.

SERPENTE

[*rindo à gargalhada*]

Pensaste que poderias vencer-me!? Tolo!

CAVALEIRO

Tenho de conseguir, a minha vida depende disso!

O cavaleiro consegue finalmente cortar a cabeça à serpente.

CAVALEIRO

[*felicíssimo*]

Conseguí! CONSEGUI! Vou poder casar-me com a minha amada!

Exausto, cai por terra.

ACTO IV

Castelo. Vê-se a princesa com um véu de casamento e o cavaleiro.

NARRADOR

E assim, a princesa e o cavaleiro puderam finalmente casar, graças à sua valentia e perseverança. Acrescenta a lenda que, no local onde a serpente foi morta, foi fundada uma povoação a que deram o nome de Columber Briga, que significa “Batalha da Cobra”, e que terá dado origem ao nome “Coimbra”.

FIM

Anexo XVII

Cartaz *Isto São Coisas de Fantoques !*



Figura I-Fantoques da peça- Lenda do Brasão



Figura 2 -Roupa feita para os fantoches



Figura 3- Fantocheiro



Anexo XVIII
Cartaz e fotografias *Julião Feito à Mão*

Páscoa no Mosteiro
22 - 23 - 24 MARÇO 2016

INSCREVE-TE JÁ
Preço especial 20€ os três dias
MEDIANTE INSCRIÇÃO PRÉVIA

Visita Jogo 22 MARÇO

- A Descoberta de Coimbra das 10h00 as 12h30
- Pé ante Pé no Convento das 14h00 as 16h30

Informações
Taxa de Participação: meio dia 5€, um dia 8€
Público Alvo: Crianças dos 7 aos 12 anos
Participantes: 12 min. e 20 máx.

Julião feito à mão 23 e 24 MARÇO

TRAZ UM BRINQUEDO PARA RECICLAR

- PÚBLICO - ALVO: Crianças dos 7 aos 12 anos
- PARTICIPANTES: 10 min. e 12 máx.
- DURAÇÃO: 10h00 - 12h30, 14h00 - 16h30
- PARTE I: Explicação do processo construtivo da escultura
- PARTE II: Execução da escultura
- Taxa de Participação: meio dia 5€, um dia 8€

Orientador: **António Azenha** Escultor

Serviço Educativo
MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Rua das Parreiras - 3040-266 Coimbra
T. (351) 239 801 160
mosteiro.scvelha@drccp.pt

JULIÃO FEITO À MÃO

29
30
31
MARÇO 2016

INSCREVE-TE JÁ
E TRAZ BRINQUEDOS PARA RECICLAR
PREÇO ESPECIAL 20€ - TRÊS DIAS

PÚBLICO - ALVO
Crianças dos 7 aos 12 anos

PARTICIPANTES
10 min. e 12 máx.

DURAÇÃO
10h00 - 12h30
14h00 - 16h30

Orientador: **António Azenha** Escultor

PORTE I
Explicação do processo construtivo da escultura

PORTE II
Execução da escultura

Taxa de Participação: meio dia 5€, um dia 8€

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Rua das Parreiras - 3040-266 Coimbra
T. (351) 239 801 160
mosteiro.scvelha@drccp.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Serviço Educativo
MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA



Anexo XIX
Proposta *Mosteirando por um Dia*

Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara

- Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Descrição da atividade: Esta atividade tem como objetivo dar a conhecer ao público escolar os Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, numa visita-guiada aos dois locais. Uma atriz (Daniela Proença) estará vestida de freira no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, acompanhando os visitantes pelo local, e dando-lhes a conhecer a vida e o dia-a-dia das clarissas.

No dia seguinte, a freira Hilária irá receber os participantes no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, acompanhando outra atriz (Beatriz Melo), que está vestida de Rainha Santa, e que irá guiar a visita de modo a dar a conhecer aos participantes a vida e relíquias da rainha, bem como o seu túmulo.

No final das visitas as crianças receberão dois *quizzes* de “avaliação de conhecimentos” (um *quizz* será realizado após a visita no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e outro será realizado após a visita no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova).

Os encarregados de educação interessados em participar na atividade deverão proceder à inscrição das crianças para o e-mail *mosteirandoporumdia@gmail.com* com os seguintes dados: nome do (a) participante e o contacto do responsável.

Caso a atividade se insira no Coimbra a Brincar (APCC), a mesma deverá ser gratuita e as marcações serão feitas por contacto com as entidades.

Local de realização: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova

Data e hora: 30 de Abril, 2016 (Mosteiro de Santa Clara-a-Velha); 1 de Maio de 2016, (Mosteiro de Santa Clara-a-Nova) das 14h00 às 15h30

Duração da atividade: cerca de 1h30 em cada dia

Destinatários: Público escolar (entre os 8 e 12 anos)

Objetivos:

- **Qualitativos:** Dinamizar ambos os espaços (Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Mosteiro de Santa Clara-a-Nova), criando um vínculo que acreditamos ainda não existir, e consideramos essencial, não só pela história que os junta, bem como um Serviço Educativo de ambas as entidades que podem interligar-se, evoluindo para algo profícuo para as duas instituições. Também é importante dar a conhecer parte do passado da cidade de Coimbra, na medida em que estes são dois locais de um enorme culto religioso e de adoração à Rainha Santa Isabel, tal como retratam as vivências da ordem religiosa das clarissas, um legado histórico que não se deve perder.

Pretende-se, então, que as crianças possam desfrutar de uma atividade simultaneamente lúdica e pedagógica. Os pais ou cuidadores poderão deixar os seus filhos num ambiente de brincadeira, em segurança, que potencia a sociabilização entre crianças e consolidação de conhecimentos.

- **Quantitativos:** Público alvo: 20 crianças

Recursos humanos: 2 pessoas responsáveis pela atividade, 3 atores, 4 pessoas das instituições (2 de cada no respetivo local).

Recursos financeiros: Os recursos financeiros ficarão a cargo das organizadoras

Marketing: Divulgação geral da atividade, *flyers*, publicações nas páginas do *facebook* e site das entidades (caso as entidades o autorizem).

Modo de avaliação: O sucesso desta atividade está dependente do número de inscrições, bem como da divulgação da mesma. Outro aspeto essencial para que a iniciativa seja bem-sucedida é o desejo de ambas as entidades para que se torne uma atividade permanente.

Anexo XX

Mosteirando por um dia

Um dia pelo Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

- Vem conhecer a casa das clarissas e da Rainha Santa

Local: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

A atriz Carina Fernandes estará na entrada do Centro Interpretativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha para receber o público. Estará vestida de freira, com o figurino que a entidade detém.

Se a igreja e a horta monástica já estiverem prontas a serem visitadas (devido às inundações que se fizeram sentir em Janeiro e Fevereiro), a visita abarcará toda a área além do Centro Interpretativo. Caso contrário, a visita só poderá ser feita à exposição permanente.

FREIRA

Bom dia, meninos e meninas! Como é que estão? Estão bem-dispostos? Sabem o que é que vêm visitar, hoje? Sim, é o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha! Já conhecem o Mosteiro? Hoje vamos fazer uma visita guiada pelo Centro Interpretativo e pelo Mosteiro, para ficarem a conhecer este local que tem tanta história, em Coimbra.

A atriz segue em direção à exposição permanente, parando antes para mostrar ao público a gravura exposta no corredor: obra de Pier Maria Baldi, pintor que acompanhou Cosme de Medici a Espanha e Portugal. Pede ao público que diga o que acha estar representado nessa gravura.

Apresenta, depois a exposição: Freiras e Donas de Santa Clara, Arqueologia da Clausura, e dá início à visita pela exposição.

TEMA 1 – FUNDAÇÃO

D. Mor Dias era uma dama nobre, que decidiu recolher-se num convento. Mais tarde, decide fundar um mosteiro, em 1286, dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara.

FREIRA

Sabem que Mosteiro é esse? Sabem de que Mosteiro estou a falar? É o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, este que vocês vieram visitar hoje!

D. Mor Dias morre, geram-se alguns conflitos e o Mosteiro fica “ao abandono”, tendo a Rainha D. Isabel refundado o Mosteiro, em 1314. A Rainha compra alguma área de terreno junto ao Mosteiro para aí construir outro edifício. A Rainha era profundamente crente e religiosa, e tinha muita estima pelo Mosteiro, querendo que o mesmo tivesse as melhores condições possíveis.

FREIRA

E vocês sabem quem é que vivia neste Mosteiro? Eu vivi, há muitos, muitos anos atrás. Conseguem adivinhar? As freiras clarissas!

Quando D. Dinis morre, D. Isabel muda-se para o Mosteiro, mais especificamente, para o paço real e manda construir um hospital. Um dos seus desejos é ser sepultada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

FREIRA

Relativamente às minhas amigas clarissas, já vos contaram como é que nós vivíamos? Em clausura, como diz o título da exposição. O que é “em clausura”? Estávamos fechadas, e quase não podíamos contactar com o exterior. Além disso, tínhamos um livro que nos dizia como é que podíamos viver, o que é que podíamos e não podíamos fazer. Esse livro chamava-se A Regra.

A freira deambula pela exposição falando um pouco dos objetos que vão surgindo, seguindo as temáticas: TEMA 2 – DEVOÇÃO, TEMA 3 – COMUNIDADE, TEMA 4 – AFAZERES E OCUPAÇÕES, TEMA 5 – ADMINISTRAÇÃO, TEMA 6 – ALIMENTAÇÃO, TEMA 7 – DO CORPO, TEMA 8 – DA MORTE.

FREIRA

Agora que já visitámos a exposição, e que ficaram a conhecer um bocadinho mais sobre a minha vida e a das minhas irmãs clarissas, vamos ver o que ficou do Paço da Rainha Santa Isabel.

Vêm-se duas pessoas trajadas com vestes reais. Trata-se de D. Pedro e D. Inês.

FREIRA

Oh! Olhem! É D. Pedro e D. Inês! Vamos aproximar-nos e ouvir o que eles têm para nos contar!

Aproxima-se da zona da Casa do Paço.

D. PEDRO

Oh minha bela Inês! Depois de tudo o que já passámos, finalmente poderemos viver o nosso amor em paz!

D. INÊS

Sim, finalmente, meu amado! Tudo o que mais desejo é ser feliz ao vosso lado e dos nossos queridos filhos!

D. PEDRO

Oh! Inês, estamos a ser observados! Repara! Quem ousa interromper este precioso momento!? Respondei imediatamente!

FREIRA

Desculpai, meu senhor, esta intromissão... Estes meninos querem conhecer o nosso belo Mosteiro, e quando vos vi, achei que vós seríeis as pessoas mais indicadas para contar a vossa linda história de amor.

D. INÊS

Não vos preocupeis, doce clarissa. É com todo o gosto que contaremos um pouco da nossa história a estes jovens súbditos.

D. PEDRO

Bom, como sabeis, este local foi mandado construir pela minha querida avó, a Rainha Santa Isabel. Foi aqui que eu e esta bela senhora, que se encontra a meu lado, vivemos este amor proibido.

D. INÉS

infelizmente, já não é possível verem o Paço Real. O que resta como vestígio é esta janela.

D. Inês aponta para a janela.

Mas como podem imaginar era um edifício imponente, e foi neste sítio que o meu sogro D. Afonso IV mandou os carrascos assassinares-me.

D. PEDRO

Nunca perdoarei o meu pai por tal acto! Mas enfim, sei que vós ainda tendes muito para visitar, por isso vamos deixar que a freira vos leve, pois queremos recordar os bons momentos que aqui passámos.

FREIRA

Freira faz vénia aos reis e incita as crianças a fazerem o mesmo.

Só vos temos a agradecer por nos contarem a vossa belíssima história, vossas altezas. Não perturbemos, então, este maravilhoso casal real.

Vamos agora conhecer a Horta Monástica, que no meu tempo não se encontrava aqui. Recordam-se de quando vos mostrei a maquete? Lembra-se onde ficava a horta? Delimitava o espaço muralhado do Mosteiro. O que vamos ver agora é apenas uma réplica da nossa horta. Lá plantávamos alguns alimentos para comermos. Éramos muito saudáveis, nós! Queríamos estar saudáveis, por isso comíamos muitos legumes... Às vezes também éramos gulosas, e fazíamos uns docinhos, os chamados doces conventuais.

A freira dirige-se com o público até ao miradouro, onde poderão observar a igreja, que irão visitar posteriormente. Depois, caminham em direção à igreja, pela entrada da direita. Antes de entrarem, a freira detém-se para explicar aquela entrada.

FREIRA

Antes de entrarmos, vou explicar-vos que aqui era onde se enterravam as pessoas, era o adro (cemitério). E esta é a porta de acesso ao público, a chamada Porta dos Fiéis. Eu não posso entrar por aqui, só vocês, mas não contem a ninguém, está bem? Posso contar convosco para guardarem segredo? Obrigada!

Começa, então, a última parte da visita: a Igreja. À esquerda a freira aponta para o altar, zona onde se realizavam as missas, dá ênfase à questão da grade, que separava os fiéis das clarissas, mostrando a zona do coro alto.

FREIRA

Recordam-se de eu vos ter falado da Rainha querer ser sepultada no Mosteiro? Ora, ainda este ano [2016] as águas do rio Mondego invadiram o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, por causa das cheias. Vocês acham que isso também acontecia quando

eu morei aqui com as outras clarissas? Sim, aconteceu, muitas vezes! Por isso, a Rainha D. Isabel mandou construir outro piso, o piso superior que vamos visitar agora, e era lá que estava o túmulo da Rainha.

A freira começa a encaminhar o público para o piso superior. Aí, chama a atenção para o local onde estaria o túmulo da Rainha, enunciando o escultor do mesmo: Mestre Pêro. Depois, explica que devido às cheias sucessivas, as clarissas tiveram de “mudar de casa”, passando a viver no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova (sublinhando que será o local a visitar depois do almoço), e tendo sido o túmulo da Rainha transportado para lá, onde ainda hoje se encontra.

A freira conduz o público de volta, para explicar brevemente as ruínas (claustro): do lado direito era o dormitório, do lado esquerdo o refeitório, em frente era a sala do capítulo (onde se faziam as reuniões e tomadas de decisão). Chama, ainda, a atenção para o claustro que ainda está por descobrir/escavar, mais à frente.

Termina, assim, a visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, dando-se início à realização do quizz, na Igreja do Mosteiro. Findo o quizz, termina a atividade.

Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

A atriz Daniela Proença dirigir-se-á até à entrada do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova para encaminhar o público. Estará vestida de freira, encarnando a figura de uma clarissa, de nome Hilária.

FREIRA

Boa tarde, meninos e meninas! Como é que estão? Estão bem-dispostos? Eu sou a freira Hilária e estou aqui hoje para vos falar um bocadinho da minha história. Sabem o que é que vêm visitar, hoje? Sim, é o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova! Já conhecem o Mosteiro? Hoje vamos fazer uma visita guiada pelo Mosteiro, para ficarem a conhecer este local que tem tanta história, em Coimbra. Preparados?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Ainda antes de começar a visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, vou falar-vos um pouco do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o local que eu abandonei, tendo-me mudado para aqui.

D. Mor Dias era uma dama nobre, que decidiu recolher-se num convento. Mais tarde, decide fundar um mosteiro, em 1286, dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara, que é o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Conseguem vê-lo, lá em baixo?

Aquela foi a minha primeira casa há muitos, muitos anos atrás, é verdade, meninos e meninas.

Quando D. Mor Dias morre, geram-se alguns conflitos e o Mosteiro fica “ao abandono”, tendo a Rainha D. Isabel refundado o Mosteiro, em 1314. D. Isabel compra alguma área de terreno junto ao Mosteiro, para aí construir outro edifício. E como era profundamente crente e religiosa, e tinha muita estima pelo Mosteiro, queria que o mesmo tivesse as melhores condições possíveis. A Rainha Santa Isabel mandou construir aquele antigo edifício para eu e as minhas irmãs termos um bonito sítio para viver. Mas infelizmente não vivemos lá muito tempo. No ano de 1677, o Rio Mondego inundou o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, obrigando a minha comunidade a abandonar o local.

O Rei D. João IV, sabendo das más condições em vivíamos, encarregou-se de patrocinar a construção deste novo Mosteiro no Monte de Nossa Senhora da Esperança, que é onde nos encontramos.

Vamos, então, iniciar a nossa visita!

A freira encaminha o público para a entrada do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

FREIRA

Meninos, vou agora fazer-vos um pedido, vão ter de falar muito baixo...! Está bem? Estamos combinados?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Oh! Olhem! É a Rainha Santa Isabel! Nossa Majestade deu-nos o privilégio da sua presença!

Observa-se ao longe, na igreja, a atriz Beatriz Melo, vestida de rainha, encarnando a Rainha Santa Isabel

RAINHA

Boa tarde, meus jovens súbditos...! Sabem quem eu sou? Eu sou a Rainha Isabel de Aragão, vim do Reino de Aragão, e nasci em 1270. Vim para Portugal para casar com o rei D. Dinis.

Já ouviram falar deste grande Rei? D. Dinis meu esposo, ficou conhecido pelo cognome de “O Lavrador”, por ter sido um dos grandes impulsionadores da agricultura em Portugal. Algum de vocês já visitou o Pinhal de Leiria? Foi o meu querido esposo que o mandou ampliar. Para além de tudo isto, ele era também um belíssimo poeta e trovador, sendo considerado um dos mais cultos reis que Portugal viria a ter. Já visitaram a Universidade? Foi ele o responsável pela sua transferência para a nossa bela cidade de Coimbra. No final da visita a querida irmã Hilária já vos irá mostrar onde fica a Universidade.

Mas chega de falar do meu querido esposo, eu estou aqui para vos falar deste belíssimo espaço onde nos encontramos.

Como sabem, eu fui Rainha de Portugal. Fui casada durante 44 anos. Ainda se lembram do nome do meu amado Rei? Depois do meu querido esposo falecer, no ano de 1325, decidi fazer uma viagem de peregrinação a Santiago de Compostela, onde me despojei dos meus bens de Rainha. De volta a Coimbra, passei a vestir o hábito de Santa Clara, como sinal de tristeza e humildade, e a viver no Paço Real de Santa Clara-a-Velha. Foi nesse local que permaneci até ao ano de 1336. Durante uma viagem a Estremoz, fiquei muito doente e acabei por falecer, e o meu corpo foi trazido até Coimbra, e depositado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, mas devido às constantes cheias, as minhas queridas clarissas trouxeram-me para aqui.

Agora que já sabem um bocadinho da história da minha vida, o que acham de eu e a nossa querida irmã Hilária vos mostrarmos a belíssima igreja do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova?

FREIRA

Obrigada minha Rainha, muito obrigada por me deixardes acompanhar a visita destes meninos com vossa alteza.

De seguida a rainha e a freira Hilária encaminham o público para a Igreja, onde chamam a atenção para o facto de se encontrarem num local de culto religioso onde devem permanecer em silêncio, até que se justifique o contrário. Depois de todos estarem na Igreja, a Freira deverá pedir que se sentem de forma ordeira nos primeiros bancos, de modo a conseguirem observar o túmulo de prata.

RAINHA

Encontramo-nos agora na Igreja do Mosteiro, já cá tinham estado? É muito bonita, não é?

Eu mandei construir um belíssimo túmulo de pedra para mim, que se encontrava no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e encomendei-o a Mestre Pêro. Quando as clarissas se mudaram para o este novo edifício, também as minhas relíquias e túmulo foram trazidos.

Se olharem para o altar (*aponta para o Altar*) vão ver um túmulo de prata e cristal, construído a mando do Bispo D. Afonso de Castelo Branco, para receber os meus restos mortais.

Os artistas deste belo objeto que se encontraria pronto no ano de 1614, foram os ourives de Lisboa, Domingos Vieira e Miguel Vieira.

Podem ainda ver o magnífico retábulo-mor em talha dourada, feito por Domingos Lopes, e Manuel Moreira. O retábulo é aquela estrutura que recebe o meu túmulo, onde vemos os caixotões dourados, atrás da estrutura de cristal.

A rainha mostra onde se encontram os caixotões e o túmulo de Cristal podendo ir falando à medida que se desloca das diversas formas e estilo construtivo em que se enquadram.

Pede para que o público observe a igreja atentamente, dando destaque aos diferentes retábulos e pinturas, destacando o conjunto da capela-mor atribuído a Vincenzo Bacherelli, onde se podem observar alguns episódios da vida da Rainha Santa. De seguida, a Freira Hilária pede que a sigam até a zona onde se encontra a grade.

FREIRA

Reparem bem meninos, esta é a grade de ferro que servia para separar as irmãs clarissas do resto da população que vinha assistir à missa. A grade que aqui vemos é o símbolo de clausura que encontramos em todos os mosteiros femininos. Depois de ingressar para um mosteiro feminino, eu e as minhas irmãs não podíamos contactar com o exterior.

Levávamos uma vida dedicada à oração e tínhamos um livro que nos dizia como é que podíamos viver, o que é que podíamos e não podíamos fazer. Esse livro chamava-se *A Regra*.

A Rainha pede para a seguirem até ao coro baixo, onde pede ao público para se colocar em frente ao túmulo.

RAINHA

Meus súbditos... encontramos-nos agora no chamado coro baixo, local que era reservado apenas à comunidade enclausurada, e onde se encontra o meu primitivo túmulo de pedra.

FREIRA

Era neste espaço que eu e as minhas irmãs assistíamos à missa

A Rainha pede que se aproximem e observem o túmulo.

RAINHA

Reparem com atenção! Ainda se lembram do nome do escultor que fez esta obra? Sim? Então qual era o nome desse Senhor?

Exatamente, Mestre Pêro.

Aqui neste bloco de calcário podem observar uma estátua jacente. Sabem quem é a pessoa representada aqui? Sou eu, a vossa Rainha Isabel, vestida com o hábito de religiosa. O hábito de clarissa com o qual me fiz aqui representar, comecei a usar depois da morte do meu amado D. Dinis. Podemos também observar uma bolsa de moedas decorada com uma vieira e com a cruz, que representam as viagens que fiz a Santiago de Compostela, assim como o bordão que seguro com o braço direito.

A Rainha explica vagamente o significado de peregrinação e da sua viagem a Santiago de Compostela.

RAINHA

Para além de uma vida de pobreza e humildade que vivenciei nos últimos anos de vida, não podia deixar de representar neste belo túmulo o meu poder enquanto vossa Rainha. Assim, conseguem ver que estou a usar a minha coroa, e nas laterais vêm representados os escudos régios de Portugal e de Aragão.

Estas pequenas figuras aqui presentes, são Jesus, ao centro, e os doze apóstolos.

A atriz encaminha agora os alunos até à sala de exposição, onde podem observar as diferentes relíquias da Rainha.

FREIRA

Aqui podem observar algumas peças do tesouro real da Rainha. São muito bonitas, não são?

RAINHA

Eu era uma Rainha com muito dinheiro, e sempre gostei de ajudar o meu povo. Durante o meu reinado, tentei ajudar o maior número de pessoas que consegui, praticando a esmola, fazendo oferendas, prestando cuidados, curas e até milagres.

FREIRA

Conhecem algum milagre que a Rainha tenha feito?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Então venham comigo para a Nossa Bela Rainha vos contar um dos seus milagres.

Deslocam-se depois até aos claustros, onde as crianças devem andar livremente pelo espaço.

A Rainha pede para que se juntem para contar a Lenda do Milagre das Rosas.

FREIRA

Como vocês já sabem, a nossa Rainha era muito boazinha, e gostava muito de ajudar as pessoas mais pobres e doentes.

RAINHA

É verdade meninos, eu ajudava sempre as pessoas mais necessitadas. Sempre que esteja ao vosso alcance devem ajudar o próximo.

Certo dia, decidi sair do meu belo castelo para dar uma caminhada e distribuir pães e esmolas pelos mais necessitados.

Mas dizia-se pelo reino que eu andava a gastar demasiado dinheiro do tesouro real, vejam lá os invejosos que eles eram. Então, eu tinha de levar estes presentinhos muito bem escondidos no meu regaço, para ninguém ver. (**mostra um pãozinho**)

O meu amado D. Dinis, desconfiado do que eu andava a fazer, veio ter comigo e perguntou-me onde ia eu numa manhã tão fria de Inverno, e o que levava no regaço.

Entra D. Dinis, interpretado por Marcelo Leitão. A Freira desloca-se para trás do público.

D. ISABEL

Oh não! Aproxima-se D. Dinis! E agora o que poderei fazer!??

D. DINIS

Senhora, onde ides com este frio sozinha? Devieis estar recolhida no castelo.

D. ISABEL

[apanhada desprevenida]

Meu senhor!? Não sabia que também tínheis vindo caminhar. Vou ao Mosteiro, enfeitar os altares. Estão muito despidos.

D. DINIS

[desconfiado]

E que levais no regaço?

D. ISABEL

[nervosa]

Nada, meu senhor, nada que vos deva preocupar. Tendes tanto em que pensar, agora que estais a tratar da transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra... Não vos preocupeis comigo, meu Rei.

D. DINIS

[firme]

Dizei-me o que levais no regaço!

D. ISABEL

[angustiadá]

São rosas, meu senhor!

D. DINIS

[enraivecido]

Estais a mentir! Estais a mentir ao vosso rei, e vosso esposo! Abri o manto **IMEDIATAMENTE**, e mostrai o que aí tendes escondido!

[D. Isabel abre o manto e revela o que traz escondido no regaço: rosas. Caem rosas.]

D. DINIS

[estupefacto]

Como é possível...?! Rosas em janeiro...?!

[Pausa]

Perdoai-me, senhora. Perdoai este pobre Rei que não acreditou em vós.

D. ISABEL

[calmamente]

Meu senhor, não vos preocupeis mais com este assunto... Sentai-vos comigo e vinde conhecer estes simpáticos meninos que vieram conhecer os Mosteiros.

D. DINIS

Com certeza, senhora. É um prazer conhecer-vos (*dirigindo-se às crianças*).

D. ISABEL

O pão e esmolas que trazia no regaço transformaram-se em verdadeiras rosas. É mesmo verdade, meninos. Querem ver? (*mostra e distribui as rosas*)

D. DINIS

Foi por este e mais alguns milagres, por sempre ter praticado o bem e ajudado os desfavorecidos, que o meu povo passou a considerar a minha amada rainha, Santa.

D. ISABEL

Mais tarde, o rei D. Manuel, no ano de 1556, pediu a minha beatificação ao Papa Leão X, e no ano de 1625, o Papa Urbano VIII canonizou-me, passando a ser chamada desde então, de Rainha Santa Isabel, Padroeira de Portugal.

D. DINIS

Gostaram, meninos e meninas?

D. ISABEL

Agora que já conhecem a história deste belo edifício e do meu milagre o que acham, então, de responderem a umas perguntinhas? Vamos ver qual de vós é que ficou a saber mais!

Acabada a visita a Santa Clara-a-Nova, a Rainha, D. Dinis e a freira distribuem o quizz pelos alunos que se encontram no claustro da mesma. Depois de preenchidos e corrigidos, os alunos poderão levar consigo os quizz como lembrança deste dia. A Rainha e D. Dinis despedem-se no claustro enquanto a Freira acompanha o público até à saída, onde mostra a Universidade e se despede e agradece a presença de todos.

O Rei e a Rainha juntam-se, um pouco mais tarde ao grupo, para também eles se despedirem e agradecerem a presença de todos.

Anexo XXI

Cartaz do *Mosteirando por um dia*



The poster features a central illustration of five cartoon characters: a boy with brown hair, a girl with black hair in pigtails, a girl with a crown and pink dress, a boy with orange hair, and a nun. They are arranged around a central figure of a nun. A circular badge on the right contains the dates '30 ABRIL' and '1 MAIO'. The title 'Mosteirando por um dia' is written in large, bold, orange letters. Below the title, the text reads 'Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara' and 'Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa'. The main heading 'Visita teatralizada' is in bold black text. Below this, there are two columns of information: 'Local' (Mosteiro de Santa Clara-a-Velha) and 'Atores' (Beatriz Melo, Daniela Proença, Marcelo Leitão). At the bottom right, there is a section for 'Taxa de participação' (5€) and 'Público-alvo dos 7 aos 12 anos'.

30 ABRIL
1 MAIO

Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara
Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Visita teatralizada

Local
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
30 de abril das 14h00 às 15h30
Mosteiro de Santa Clara-a-Nova
1 de maio das 11h00 às 12h30

Atores
Beatriz Melo
Daniela Proença
Marcelo Leitão

Taxa de participação
5€
Público-alvo dos 7 aos 12 anos

Marcação Beatriz Barroca
(+351) 926 094 031
Marta Lourenço
(+351) 925 876 578

mosteirandoporumdia
@gmail.com
Limite de participantes
12 min / 20 máx



Design Carla Rio
cmakelab@gmail.com

Anexo XXII

Quizzes



Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara
Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Visita teatralizada

Local	Atores
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha 30 de abril das 14h00 às 15h30 Mosteiro de Santa Clara-a-Nova 1 de maio das 11h00 às 12h30	Beatriz Melo Daniela Proença Marcelo Leitão
	Taxa de participação
	5€ Público-alvo dos 7 aos 12 anos

Marcação Beatriz Barroca
(+351) 926 094 031
Marta Lourenço
(+351) 925 878 578

mosteirandoporundia@gmail.com
Limite de participantes
12 min / 20 máx.





Quizz

Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

1) Qual o nome do Rei que mandou construir um novo Mosteiro para a Ordem Religiosa de Santa Clara?

D. João IV

D. João V

2) De quem é o túmulo-relicário que se pode visitar no Mosteiro?

D. Isabel

Inês de Castro

3) Quem esculpiu o túmulo da Rainha Santa Isabel?

Mestre Miguel

Mestre Pêro

4) Isabel de Aragão além de rainha, também era peregrina. Qual foi o local de peregrinação mais importante a que se deslocou?

Lisboa

Santiago de Compostela

5) Qual o milagre associado à Rainha Santa Isabel?

Rosas

Tulipas

Resultados:

0 - 1 respostas certas: Não estiveste atento(a) à visita! Para a próxima queremos que acertes todas as respostas!

2 - 3 respostas certas: Estás quase lá! Pode-se dizer que já sabes algumas coisinhas sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha!

4 - 5 respostas certas: Parabéns, acertaste todas as respostas! Pode-se dizer que és um ás no que toca aos conhecimentos sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova!

Anexo XXIII

Fotografias da actividade *Mosteirando por um dia*

Figura 1- Mosteiro de Santa Clara a Velha



Figura 2- Mosteiro de Santa Clara-a-Nova



Fotografias de autor

Anexo II - Figura-2; Figura-3; Figura-4; Figura-5;

Anexo III - Figura-1; Figura-2; Figura-3; Figura-4; Figura-5; Figura-6; Figura-7; Figura-8; Figura-9; Figura-10; Figura-11; Figura-12; Figura-13; Figura-14; Figura-15; Figura-16; Figura-17;

Anexo IV - Figura-1; Figura-2; Figura-3; Figura-4, Figura-5; Figura-6; Figura-7; Figura-8; Figura-9; Figura-10; Figura-11; Figura-12; Figura-13; Figura-14; Figura-15; Figura-16; Figura-17; Figura-18; Figura-19

Anexo V - Figura-1; Figura-2; Figura-3;

Anexo VI - Figura-1; Figura-2; Figura-3;

Anexo IX - Figura-1; Figura-2; Figura-3;

Anexo XIV

Anexo XVII - Figura-1; Figura-2; Figura-3;

Anexo XVIII

Anexo XXIII - Figura-1; Figura-2;